

PIPA

PRÊMIO PRIZE 2017

PIPA

PRÊMIO □ PRIZE

A JANELA PARA ARTE
CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

*THE WINDOW INTO BRAZILIAN
CONTEMPORARY ART*

2017
ANO 8
YEAR 8

Algumas imagens apresentadas nesta publicação, por sua natureza artística e dentro de um contexto diverso do que estão acostumados, podem ofender pessoas sensíveis à utilização de símbolos religiosos ou de natureza sexual, não sendo aconselháveis para menores de 18 anos.

Due to their artistic nature and within a context that is different to the one to which they are usually associated, some images presented in this publication may offend people who are sensitive to the utilization of religious or sexual symbols, and are, therefore, not recommended for persons under 18.

2017
ANO 8
YEAR 8

ANÚNCIO DOS ARTISTAS INDICADOS
6 - 11 março

ANÚNCIO DOS FINALISTAS
16 junho

ANÚNCIO DOS MAIS VOTADOS PIPA ONLINE
7 agosto

EXPOSIÇÃO DOS FINALISTAS | MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO
23 setembro - 26 novembro

TÉRMINO DA VOTAÇÃO PIPA VOTO POPULAR EXPOSIÇÃO
5 novembro

ANÚNCIO DOS VENCEDORES PIPA E PIPA VOTO POPULAR EXPOSIÇÃO
18 novembro

NOMINATED ARTISTS' ANNOUNCEMENT
March 6th - 11th

FINALISTS' ANNOUNCEMENT
June 16th

PIPA ONLINE TOP VOTED ARTISTS' ANNOUNCEMENT
August 7th

FINALISTS' EXHIBITION | MUSEU DE ARTE MODERNA DO RIO DE JANEIRO
September 23rd - November 26th

END OF THE VOTING FOR PIPA POPULAR VOTE EXHIBITION
November 5th

PIPA AND PIPA POPULAR VOTE EXHIBITION WINNERS' ANNOUNCEMENT
November 18th

premiopipa.com
pipaprize.com

PIPA
PRÊMIO □ PRIZE



Foram indicados no total 65 artistas, 56 participantes constam nesta publicação. Fotos e vídeos, currículos completos e mais informações sobre os artistas participantes podem ser acessados em premiopipa.com.

Algumas imagens apresentadas nesta publicação, por sua natureza artística e dentro de um contexto diverso do que estão acostumados, podem ofender pessoas sensíveis à utilização de símbolos religiosos ou de natureza sexual, não sendo aconselháveis para menores de 18 anos.



There were 65 nominees, 56 participating artists are shown in this publication. For subtitled videos, complete profiles, photos, and more information on the participating artists in English, visit pipaprize.com.

Due to their artistic nature and within a context that is different to the one to which they are usually associated, some images presented in this publication may offend people who are sensitive to the utilization of religious or sexual symbols, and are, therefore, not recommended for persons under 18.



SUMÁRIO CONTENTS

Prêmio PIPA 2017 PIPA Prize 2017	Artistas Participantes Participating Artists	
6 Sobre o PIPA <i>About PIPA</i>	80 Aleta Valente	142 Mario Bands
8 Instituto PIPA	82 Alexandre Canonico	144 Musa Michelle Mattiuzzi
10 Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro	84 Ana Luisa Santos	146 Orlando da Rosa Farya
16 Conselho Prêmio PIPA Conselheiros Convidados <i>PIPA Prize Board</i> <i>Invited Board Members</i>	86 Ana Mazzei	148 Paloma Bosquê
17 Comitê de Indicação <i>Nominating Committee</i>	88 Ana Prata	150 Paul Setúbal
	90 Ana Vaz	152 Pedro França
	92 André Ricardo	154 Raíssa de Góes
	94 Anton Steenbock	156 Regina Parra
	96 Arjan Martins	158 Renato Pera
	98 Arthur Chaves	160 Ricardo Càstro
	100 Bruno Caçado	162 Rodrigo Garcia Dutra
	102 Celina Portella	164 Romy Pocztaruk
	104 Christus Nóbrega	166 Rubiane Maia
	106 Dalton Paula	168 Sofia Borges
	108 Daniel Jablonski	170 Tiago Carneiro da Cunha
	110 Desali	172 Tony Camargo
	112 Eleonora Fabião	174 Túlio Pinto
	114 Fabrício Lopez	176 Ulysses Bôscolo
	116 Felipe Meres	178 Vicente de Mello
	118 Francisco Magalhães	180 Vijai Patchineelam
	120 Gustavo Von Ha	182 Virgínia Pinho
	122 Guy Veloso	
	124 Ivan Grilo	184 Prêmio PIPA 2016 <i>PIPA Prize 2016</i>
	126 Jorge Luiz Fonseca	
	128 Jorge Menna Barreto	
	130 Karina Zen	18 Estatísticas 2010-2017 <i>Statistics 2010-2017</i>
	132 Luísa Nóbrega	
	134 Lyz Parayzo	
	136 Mara De Carli	
	138 Maria Laet	
	140 Marina Camargo	

ABOUT PIPA

PIPA Prize is a partnership between PIPA Global Investments and the Museum of Modern Art of Rio de Janeiro, MAM Rio, coordinated and sponsored by PIPA Institute exempt of tax benefits.

MISSION

Promote Brazilian artists and MAM Rio, encourage domestic production of contemporary art, support and award emerging artists, and serves as a blueprint alternative for the third sector.

GOAL

PIPA aims to reward artists that have already been highlighted for their artwork, and are already known in the Brazilian art circuit. It is not to reveal new talents. It is an award.

AWARDS

There are no entries to compete in the prize. All participants are nominated, each year, by the Nominating Committee composed of about 30 experts in Brazilian contemporary art from all regions of Brazil and abroad, seeking for a comprehensive overview.

The Board selects 4 finalists, having as parameters the number of nominations received, participation in other editions, recent works and the artist's page at PIPA website. The four finalists receive, each, R\$12,000 and show their works in an exhibition at MAM Rio. In addition they receive R\$1,500 each to invite a critic of their choice to write a text about their work, published here in this catalog.

PIPA 2017 nominees are running for the following prizes:

PIPA

The winner, chosen among the four finalists by the Award Jury, receives a R\$130,000 donation (R\$12,000 of which was received when nominated finalist), and a part of this sum is used to fund a three-month artistic residency programme at Residency Unlimited, New York.

PIPA POPULAR VOTE EXHIBITION

The winner is chosen among the four finalists by the public during the course of the exhibition at MAM Rio. Receives a monetary donation of R\$24,000 (R\$12,000 added up to R\$12,000 received as a finalist).

PIPA ONLINE

Award open to all nominees. The two artists with the highest number of votes on premiopipa.com and pipaprize.com websites receive R\$10,000 and R\$5,000, respectively.

SOBRE O PIPA

O Prêmio PIPA é uma parceria da PIPA Global Investments e do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, coordenado e patrocinado pelo Instituto PIPA sem incentivos fiscais.

MISSÃO

Divulgar a arte, artistas no Brasil, e o MAM Rio, estimular a produção nacional de arte contemporânea, motivar, apoiar e premiar artistas em ascensão, além de servir como uma alternativa de modelo para o terceiro setor.

OBJETIVO

O objetivo do PIPA é premiar e consagrar artistas que já vêm se destacando por seus trabalhos, já conhecidos no mercado de arte brasileiro, e não descobrir novos talentos totalmente desconhecidos. É uma premiação.

PREMIAÇÃO

Não há inscrições para o prêmio. Todos os participantes são indicados a cada ano pelo Comitê de Indicação, formado por aproximadamente 30 diferentes especialistas em arte contemporânea brasileira de todas regiões do Brasil e também do exterior, buscando uma visão abrangente.

O Conselho seleciona 4 finalistas, tendo como parâmetros o número de indicações recebidas, participações em outras edições, trabalhos recentes e página do artista no site. Os 4 finalistas recebem cada um R\$12.000 e apresentam seus trabalhos em uma exposição no MAM Rio. Além disso recebem R\$1.500 cada um para convidar um crítico de sua escolha para escrever um texto sobre seu trabalho, publicado aqui neste catálogo.

Os artistas indicados ao PIPA 2017 concorrem aos prêmios:

PIPA

O vencedor, escolhido dentre os 4 finalistas pelo Júri de Premiação, recebe R\$130.000 (dos quais R\$12.000 quando da nomeação a finalista; uma parte do valor ainda é utilizada para financiar um residência artística de 3 meses no programa Residency Unlimited, em Nova York).

PIPA VOTO POPULAR EXPOSIÇÃO

O vencedor é escolhido, dentre os 4 finalistas, pelos visitantes da exposição no MAM Rio. Recebe uma doação de R\$24.000 (R\$12.000 somados aos R\$12.000 recebidos como finalista).

PIPA ONLINE

Categoria aberta a todos artistas participantes desta edição. Os dois artistas mais votados nos sites premiopipa.com e pipaprize.com recebem respectivamente R\$10.000 e R\$5.000.

PIPA Prize moves into its 8th year in partnership with MAM Rio. There is already a story to be told. There have been, from 2010 to 2017, more than 300 nominated artists, all with a profile page on the website (www.premiopipa.com and www.pipaprize.com), 32 finalists exhibiting and donating a work to the museum's permanent collection and 8 winners. You could say that PIPA is established as the most important contemporary art award in Brazil, recognised not only here, but also internationally. In this aspect, we would like to emphasise that PIPA website is becoming a platform increasingly used by curators, researchers and collectors interested in Brazilian contemporary art, both here and abroad, demonstrating that PIPA's interest isn't just in the exhibition event, but the heightened visibility of the thriving art scene, developed throughout the whole year.

In this edition, as always, there are some novelties, continuing our efforts to improve year upon year. The catalogue will be released for the first time at the end of the exhibition and not at the opening, in order to include images of the works exhibited at MAM Rio. Furthermore, each one of the four finalists will invite a critic/writer to write a critical essay on their work or artistic trajectory. The idea is to add critical weight to the catalogue and make this publication a valid and resourceful future research material on Brazilian contemporary art since the beginning of the 21st century.

This edition's four finalists – Antonio Obá, Bárbara Wagner, Carla Guagliardi and Éder Oliveira – emphasize PIPA's commitment with a widespread understanding of the Brazilian art scene. Having nominators from all over the country, as well as foreigners that follow Brazilian contemporary art closely, PIPA 2017 finalists are each from a different part of Brazil: one is from Brasília (Obá), one is from Recife (Wagner), another from Belém (Oliveira) and, finally, another is a carioca who resides in Berlin (Guagliardi). Working with a variety of expressive means, from diversified cultural contexts, “they have in common a poetic intensity and a commitment to an expressive truth to be conquered without concessions.

We believe that PIPA Prize and the PIPA Institute (which in the last year began to redefine its activities, gradually starting a collection based on the theme of Deslocamento/Displacement) are the result of serious and continuous work, carried out entirely with private capital (without any incentive or tax benefits), which seeks to generate a blueprint of stimulus to Brazilian cultural production.

A special thanks to the 25 nominators this year and to the members of the Prize Board - Flávio Pinheiro, Moacir dos Anjos and Kiki Mazzucchelli - who together with the representatives of the PIPA Institute and of MAM Rio participated in the selection of the finalists and of the choice of the Award Jury. Finally, a thank you to the production company Do Rio Filmes that began a partnership this year with PIPA, and to Residency Unlimited in New York that has, for the past 3 years, welcomed the winners for a 3 month residency - which has proven to be important for the development of their trajectories. Each time younger, PIPA Prize (and the complementary activities of the Institute that coordinates it), believes that Brazilian art is a fundamental force of resistance against the crises that torment us.

Luiz Camillo Osorio
Curator of PIPA Institute

Lucrecia Vinhaes and Roberto Vinhaes
Board Members of PIPA Institute

O Prêmio PIPA avança em sua oitava edição sempre em parceria com o MAM Rio. Já há uma história para ser contada. Foram ao todo, de 2010 a 2017, mais de 300 artistas indicados, todos com página no site do PIPA (www.premio-pipa.com e www.pipaprize.com), 32 finalists expondo e doando uma obra ao acervo do museu, e oito vencedores. Pode-se dizer que o PIPA se consolida como o principal prêmio de arte contemporânea no Brasil, reconhecido não só aqui, mas internacionalmente. Neste aspecto, pode-se ressaltar que o site do PIPA vem se tornando uma plataforma muito usada por curadores, pesquisadores e colecionadores interessados em arte brasileira, aqui e fora, mostrando que o interesse da premiação não é só o evento expositivo, mas o amadurecimento e a maior visibilidade da cena artística, que se desenvolve ao longo de todo o ano.

Nesta edição, como sempre, há algumas novidades, tendo em vista o esforço contínuo de aprimoramento. O catálogo sai pela primeira vez no final da exposição e não na inauguração, para já trazer as imagens das obras expostas no MAM Rio. Além disso, cada um dos quatro finalists convidará um crítico/escritor para escrever um ensaio sobre sua obra e trajetória. A ideia é acrescentar densidade crítica ao catálogo e fazer desta peça gráfica mais um material de pesquisa sobre a arte brasileira deste começo de século XXI.

Os quatro artistas finalists desta edição – Antonio Obá, Bárbara Wagner, Carla Guagliardi e Éder Oliveira – sublinham o compromisso do PIPA com a cena ampliada da arte brasileira. Tendo indicadores provindos de todas as regiões do país, além dos estrangeiros que acompanham de perto o cenário artístico brasileiro, o PIPA 2017 tem como finalists um artista de Brasília (Obá), uma do Recife (Wagner), outro de Belém (Oliveira) e uma carioca radicada em Berlim (Guagliardi). Trabalhando com meios expressivos variados, a partir de contextos culturais diversificados, têm em comum intensidade poética e compromisso com uma verdade expressiva a ser conquistada sem concessões.

Acreditamos que o Prêmio PIPA e o Instituto PIPA (que neste último ano começou a redefinir suas atividades, iniciando aos poucos uma coleção a partir da noção de Deslocamento/Displacement) são fruto de um trabalho sério e contínuo, realizado integralmente com capital privado (sem renúncia fiscal), que procura gerar um modelo original de estímulo à produção cultural brasileira.

Um agradecimento especial aos 25 indicadores deste ano e aos membros do Conselho do Prêmio – Flávio Pinheiro, Moacir dos Anjos e Kiki Mazzucchelli – que, junto aos representantes do Instituto PIPA e do MAM Rio, participam da definição dos finalists e da escolha do Júri de Premiação. Por fim, um agradecimento à produtora de vídeo Do Rio Filmes, que começou este ano uma parceria com o PIPA, e à Residency Unlimited, de Nova York, que vem acolhendo o vencedor de cada ano em uma residência de 3 meses que tem se mostrado importante para o desenvolvimento da sua trajetória. Cada vez mais jovem, o Prêmio PIPA (e as atividades complementares do Instituto que o coordena), acredita que a arte brasileira é uma força de resistência fundamental diante das crises que nos atormentam.

Luiz Camillo Osorio
Curador do Instituto PIPA

Lucrecia Vinhaes e Roberto Vinhaes
Conselheiros do Instituto PIPA

PIPA Institute and the Museum of Modern Art of Rio de Janeiro (MAM Rio) wisely created in 2010 their art award, PIPA Prize, transforming it in one of their most important projects when it comes to the development and success of their cultural strategy.

The partnership with the private sector was, and is, fundamental for the success of this project. PIPA Global Investments' sensibility allowed us to make PIPA Prize viable, putting to test the concept of corporate citizenship and contributing to the development of Brazilian culture. Besides serving as a way to value art and to stimulate the formation of new artists, establishing a continuous dialogue between the public and the contemporary art scene, PIPA Prize also gives the example when it comes to a collection-building strategy.

Works by Renata Lucas, Marcelo Moscheta, Cinthia Marcelle, Marcius Galan, Tatiana Blass, Jonathas de Andrade, Eduardo Berliner, André Komatsu, Matheus Rocha Pitta, Rodrigo Braga, Thiago Rocha Pitta, Berna Reale, Cadu, Camila Soato, Laercio Redondo, Alice Miceli, Daniel Steegmann Mangrané, Thiago Martins de Melo, Wagner Malta Tavares, Virginia de Medeiros, Leticia Ramos, Marina Rheingantz, Cristiano Lenhardt, Gustavo Speridião and Luiza Baldan. have been incorporated to the MAM Rio collection throughout these years, thanks to donations made by the finalist artists in partnership with PIPA Institute. These represent a vast and substantial panorama of Brazilian contemporary art.

Thanks to the variety of artistic trends and content quality of this project, which was already born victorious, the Museum of Modern Art of Rio de Janeiro participates, once again, of the process of renovating, creating and reflecting about visual arts in the country.

We are sure that PIPA Prize is already known in the artistic scene as one of the most representative of our contemporary art.

Carlos Alberto Gouvêa Chateaubriand
 Presidente
 Museu de Arte Moderna
 Rio de Janeiro

O Instituto Pipa e o MAM Rio, acertadamente, criaram em 2010 seu prêmio de arte, o Prêmio PIPA, transformando-o numa de suas ações decisivas para o desenvolvimento e o sucesso de sua estratégia cultural.

A parceria com a iniciativa privada é fundamental para o sucesso desse projeto. A sensibilidade do Pipa Global Investments, nos permitiu viabilizá-lo, fazendo valer o conceito de cidadania empresarial e contribuindo para o desenvolvimento de nossa cultura.

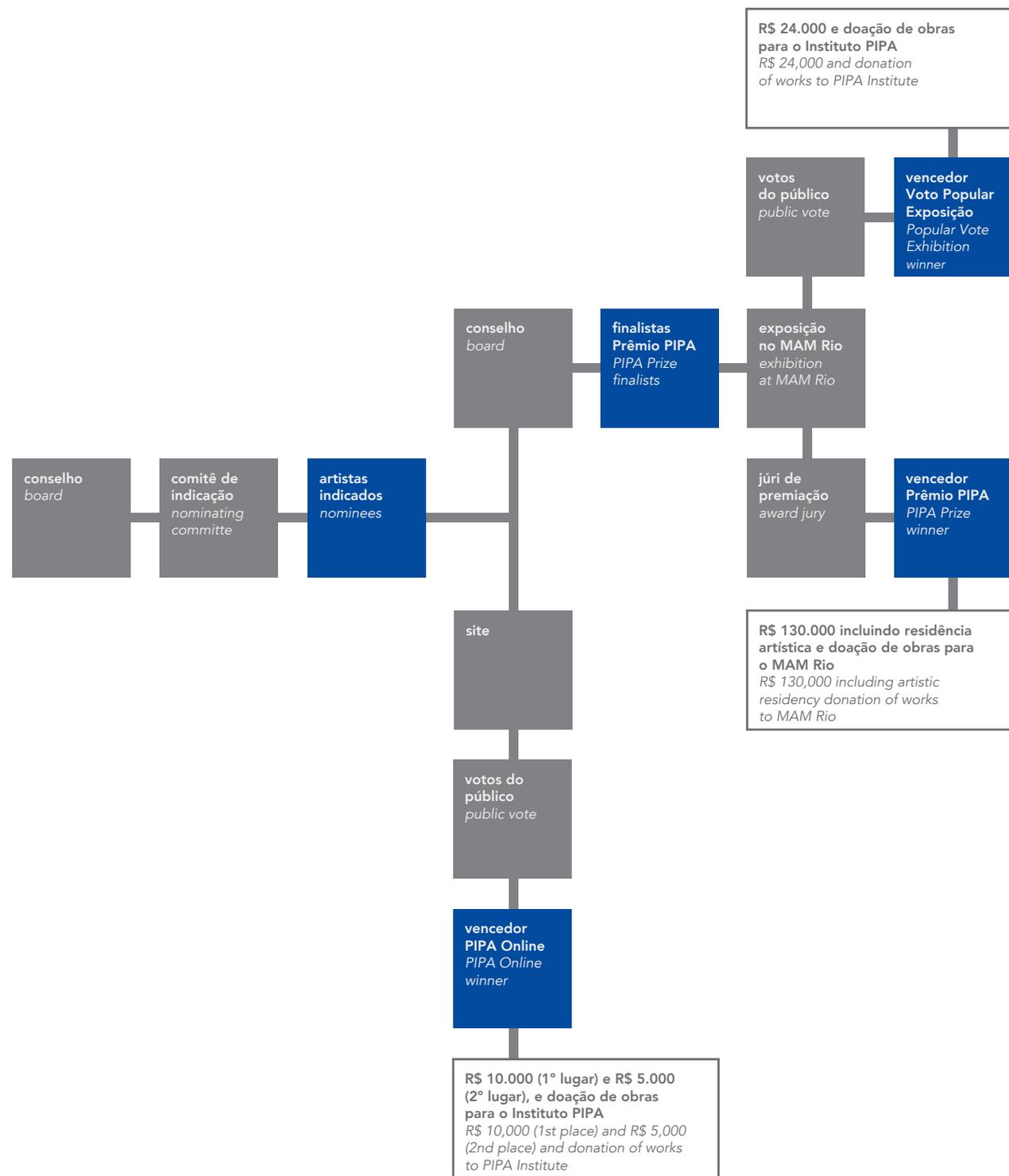
Além da valorização e incentivo aos novos artistas, estabelecendo um diálogo permanente entre a população e a cena contemporânea, o Prêmio PIPA dá o exemplo de uma política de formação de acervo.

Foram incorporados ao acervo do MAM Rio nesses anos, por meio de doações dos artistas finalistas, trabalhos de Renata Lucas, Marcelo Moscheta, Cinthia Marcelle, Marcius Galan, Tatiana Blass, Jonathas de Andrade, Eduardo Berliner, André Komatsu, Matheus Rocha Pitta, Rodrigo Braga, Thiago Rocha Pitta, Berna Reale, Cadu, Camila Soato, Laercio Redondo, Alice Miceli, Daniel Steegmann Mangrané, Thiago Martins de Melo, Wagner Malta Tavares, Virginia de Medeiros, Leticia Ramos, Marina Rheingantz, Cristiano Lenhardt, Gustavo Speridião e Luiza Baldan que formam um amplo e significativo panorama da arte contemporânea brasileira.

Pela pluralidade de tendências artísticas e qualidade do conteúdo deste projeto, que já nasceu vitorioso, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro participa, mais uma vez, intensamente do processo de renovação, da criação e do pensamento das artes visuais no país.

Temos a certeza de que o prêmio já é reconhecido na cena artística como um dos mais representativos da nossa arte contemporânea.

Carlos Alberto Gouvêa Chateaubriand
 Presidente
 Museu de Arte Moderna
 Rio de Janeiro



conselho board

Carlos Alberto Gouvêa
Chateaubriand
Fernando Cocchiarale
Flavio Pinheiro
Lucrécia Vinhães
Luiz Camillo Osorio
Kiki Mazzucchelli
Moacir dos Anjos
Roberto Vinhães

comitê de indicação nominating committee

Alice Miceli
Ana Candida de Avelar
Anna Bergamasco
Claudia Saldanha
Claudio Mubarak
Consuelo Bassanesi
Daniel Senise
Felipe Ribeiro
Frances Reynolds
Francisco Dalcol
Gabriela Kremer Motta
Gabriela Salgado
João Laia
Josué Mattos
Kaira Cabañas
Marina Câmara
Marta Mestre
Flavia Gimenes
Michelle Sommer
Paulo Nazareth
Paulo Vieira
Tanya Barson
Thyago Nogueira
Vânia Leal Machado
Waldir Barreto Filho

artistas indicados nominees

Aleta Valente
Alexandre Canonic
Ana Luisa Santos
Ana Mazzei
Ana Prata
Ana Vaz
André Ricardo
Anton Steenbock
Antonio Obá
Arjan Martins
Arthur Chaves
Bárbara Wagner
Bruno Cançado
Carla Guagliardi
Celina Portella
Christus Nóbrega
Dalton Paula
Daniel Jablonski
Desali
Éder Oliveira
Eleonora Fabião
Fabrício Lopez
Felipe Meres
Francisco Magalhães
Gustavo Von Ha
Guy Veloso
Ivan Grilo
Jorge Luiz Fonseca
Jorge Menna Barreto
Karina Zen
Luísa Nóbrega
Lyz Parayzo
Mara De Carli
Maria Laet
Marina Camargo
Mario Bands
Musa Michelle Mattiuzzi
Orlando da Rosa Farya
Paloma Bosquê
Paul Setúbal
Pedro França
Raíssa de Góes
Regina Parra
Renato Pera
Ricardo Cástro
Rodrigo Garcia Dutra
Romy Pocztaruk
Rubiane Maia
Sofia Borges
Tiago Carneiro da Cunha
Tony Camargo
Túlio Pinto
Ulysses Bôscolo
Vicente de Mello
Vijai Patchineelam
Virgínia Pinho

júri de premiação award jury

Leda Catunda
Marcelo Campos
Consuelo Bassanesi
Fernando Cocchiarale
Luiz Camillo Osorio

finalistas Prêmio PIPA PIPA Prize finalists

Antonio Obá
Bárbara Wagner
Carla Guagliardi
Éder Oliveira

vencedor PIPA Online PIPA Online winner

1º lugar 1st place
Jorge Luiz Fonseca

2º lugar 2nd place
Musa Michelle Mattiuzzi

vencedor Voto Popular Exposição Popular Vote Exhibition winner

Éder Oliveira

vencedor Prêmio PIPA PIPA Prize winner

Bárbara Wagner

PIPA PRIZE 2017

EXHIBITION

MUSEU DE ARTE MODERNA
DO RIO DE JANEIRO

SEPTEMBER 23rd
- NOVEMBER 26th

FINALISTS

ANTONIO OBÁ
BÁRBARA WAGNER
CARLA GUAGLIARDI
ÉDER OLIVEIRA

AWARD JURY

FERNANDO COCCHIARALE
Artist, art critic, curator and professor

LUIZ CAMILLO OSORIO
Art critic, curator and professor

CONSUELO BASSANESI
Art projects' producer and curator

LEDA CATUNDA
Artist, curator and professor

MARCELO CAMPOS
Art critic, curator and professor

WINNERS

PIPA
BÁRBARA WAGNER
*Elected by the Award Jury 2017
based on the artist's portfolio,
the exhibition at MAM Rio and
on the relevance of the award
and the international residency
programme for the winner's career*

PIPA POPULAR VOTE - EXHIBITION
ÉDER OLIVEIRA
*643 votes out of 1,807 during
the exhibition*

PIPA ONLINE
Open to all 2017 participating artists

JORGE LUIZ FONSECA
*Most voted artist on the internet
receiving 4,103 votes on the 2nd round*

MUSA MICHELLE MATIUZZI
*Second most voted artist on the internet
receiving 2,969 votes on the 2nd round*

PRÊMIO PIPA 2017

EXPOSIÇÃO

MUSEU DE ARTE MODERNA
DO RIO DE JANEIRO

23 SET - 26 NOV

FINALISTAS

ANTONIO OBÁ
BÁRBARA WAGNER
CARLA GUAGLIARDI
ÉDER OLIVEIRA

JÚRI DE PREMIAÇÃO

FERNANDO COCCHIARALE
Artista, crítico, curador e professor

LUIZ CAMILLO OSORIO
Crítico, curador e professor

CONSUELO BASSANESI
Produtora e curadora

LEDA CATUNDA
Artista, curadora e professora

MARCELO CAMPOS
Crítico, curador e professor

VENCEDORES

PIPA
BÁRBARA WAGNER
*Escolhida pelo Júri de Premiação 2017
de acordo com os seguintes critérios:
portifólio do artista, exposição no
MAM Rio e importância do prêmio e da
residência artística internacional para a
carreira do vencedor*

PIPA VOTO POPULAR EXPOSIÇÃO
ÉDER OLIVEIRA
643 votos de um total de 1.807

VOTAÇÃO ONLINE
*Aberto a todos os artistas participantes
de 2017*

PIPA ONLINE
JORGE LUIZ FONSECA
*Artista mais votado na internet,
com 4.103 votos no 2º turno*

MUSA MICHELLE MATIUZZI
*Segunda artista mais votada na internet,
com 2.969 votos no 2º turno*

CONSELHO PRÊMIO PIPA
PIPA PRIZE BOARD

Roberto Vinhaes

Sócio fundador da IP Capital Partners, PIPA
Global Investments e Instituto PIPA
*Founding Partner of IP Capital Partners, PIPA
Global Investments and PIPA Institute*

Lucrecia Vinhaes

Conselheira e coordenadora do Instituto PIPA
*Board member and coordinator of PIPA
Institute*

Luiz Camillo Osorio

Curador do MAM Rio 2009-2015,
diretor do Departamento de Filosofia
da PUC Rio e curador do Instituto PIPA
*Former curator of MAM Rio 2009-2015,
Head of Philosophy Department of PUC Rio
and Curator of PIPA Institute*

**Carlos Alberto Gouvêa
Chateaubriand**

Presidente do MAM Rio
President of MAM Rio

Fernando Cocchiarale

Curador do MAM Rio
Curator of MAM Rio

CONSELHEIROS CONVIDADOS
INVITED BOARD MEMBERS

Flavio Pinheiro

Superintendente Executivo do
Instituto Moreira Salles
*Executive Superintendent of
Instituto Moreira Salles*

Kiki Mazzucchelli

Curadora e crítica independente
radicada em Londres
*Independent critic and curator
based in London*

Moacir dos Anjos

Coordenador de Artes Plásticas da
Fundação Joaquim Nabuco
*Visual Arts coordinator at
Fundação Joaquim Nabuco*

COMITÊ DE INDICAÇÃO
NOMINATING COMMITTEE

Alice Micelli

Artista | Sudeste
Artist | Southeast

Ana Cândida de Avelar

Crítica e curadora | Centro-Oeste
Critic and curator | Centre West

Anna Bergamasco

Galerista | Sudeste
Gallerist | Southeast

Claudia Saldanha

Professora e curadora | Sudeste
Professor and curator | Southeast

Claudio Mubarak

Artista, curador e professor | Sudeste
Artist, curator and professor | Southeast

Consuelo Bassanesi

Curadora e diretora artística | Sudeste
Curator and artistic director | Southeast

Daniel Senise

Artista | Sudeste
Artist | Southeast

Felipe Ribeiro

Curador e diretor artístico | Sudeste
Curator and artistic director | Southeast

Frances Reynolds

Colecionadora | Reino Unido
Collector | United Kingdom

Francisco Dalcol

Crítico e curador | Sul
Critic and curator | South

Gabriela Kremer Motta

Curadora e crítica | Sul
Curator and critic | South

Gabriela Salgado

Curadora | Reino Unido
Curator | United Kingdom

João Laia

Curador e escritor | Portugal
Curator and writer | Portugal

Josué Mattos

Curador e historiador | Sul
Curator and historian | South

Kaira Cabanãs

Professora | EUA
Professor | USA

Marina Câmara

Curadora and crítica | Sudeste
Curator and critic | Southeast

Marta Mestre

Curadora | Sudeste
Curator | Southeast

Flavia Gimenes

Curadora | Brasil e Reino Unido
Curator | Brazil and United Kingdom

Michelle Sommer

Curadora e crítica | Sul
Curator and critic | South

Paulo Nazareth

Artista | Sudeste
Artist | Southeast

Paulo Vieira

Colecionador | Sudeste
Collector | Southeast

Tanya Barson

Curadora | Espanha
Curator | Spain

Thyago Nogueira

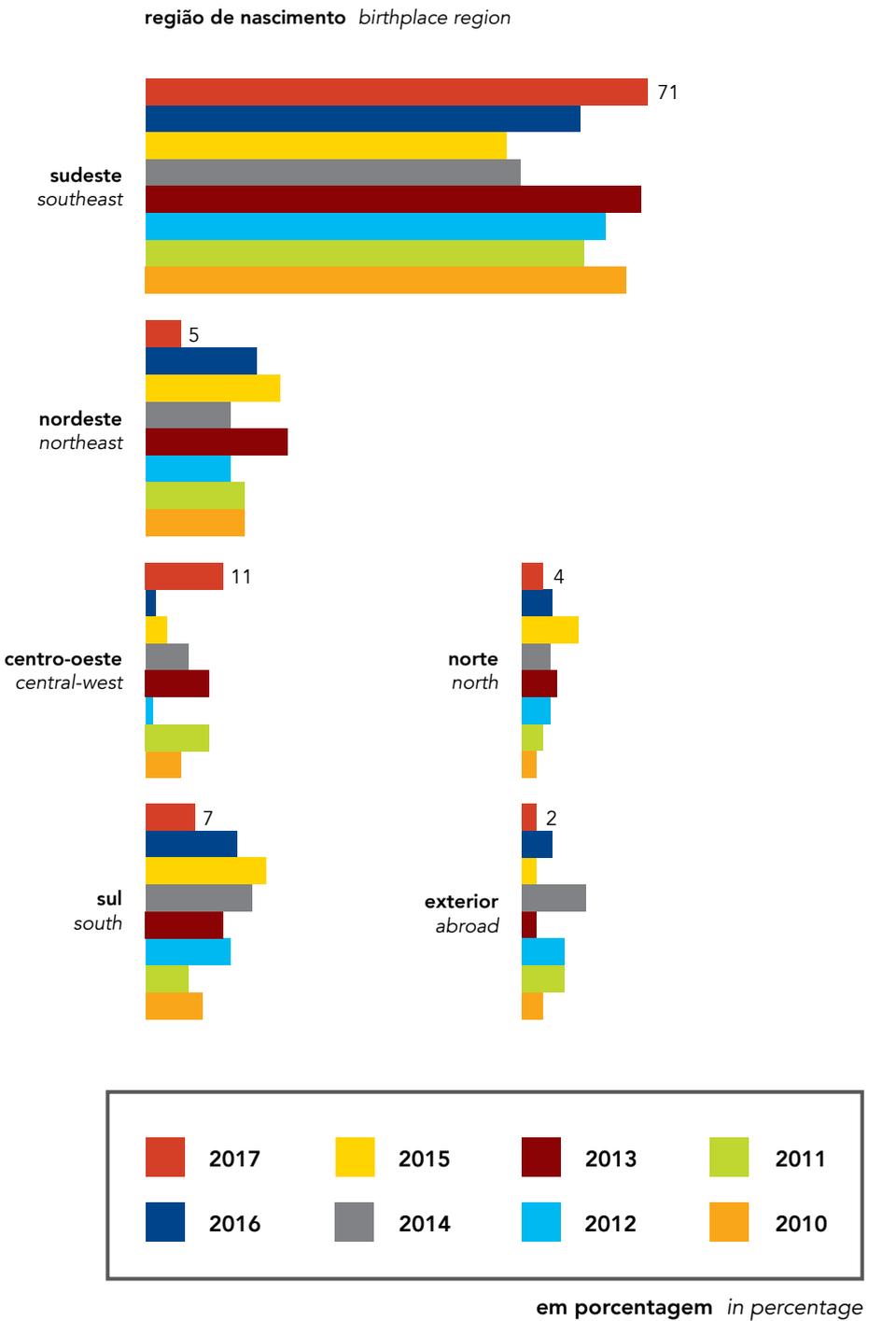
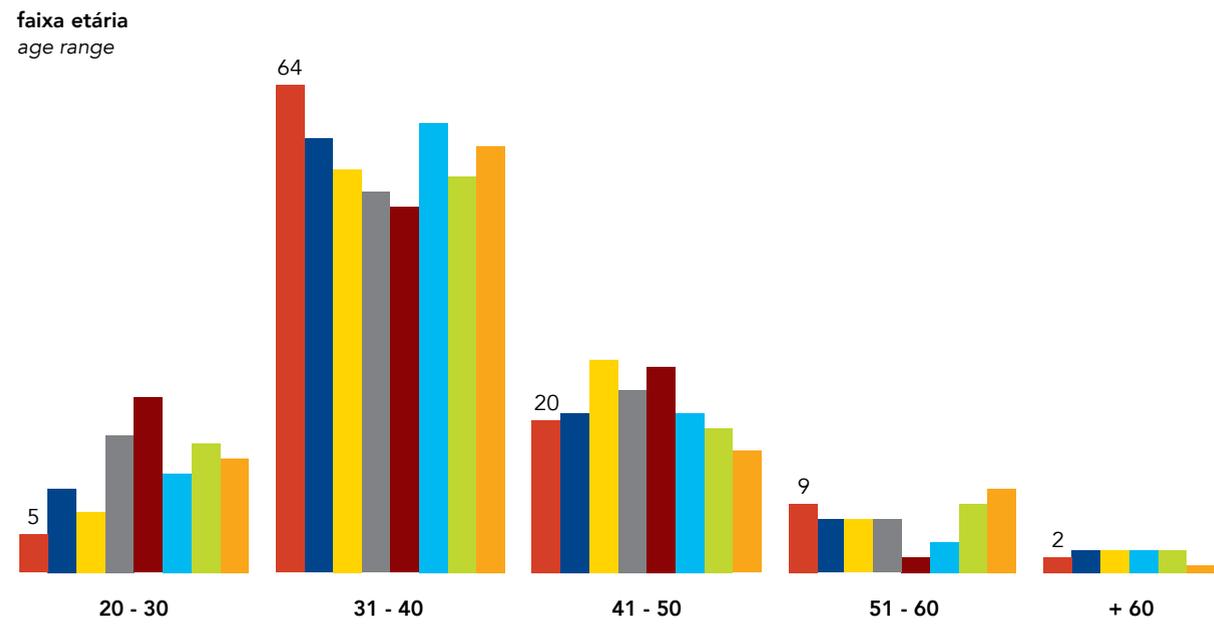
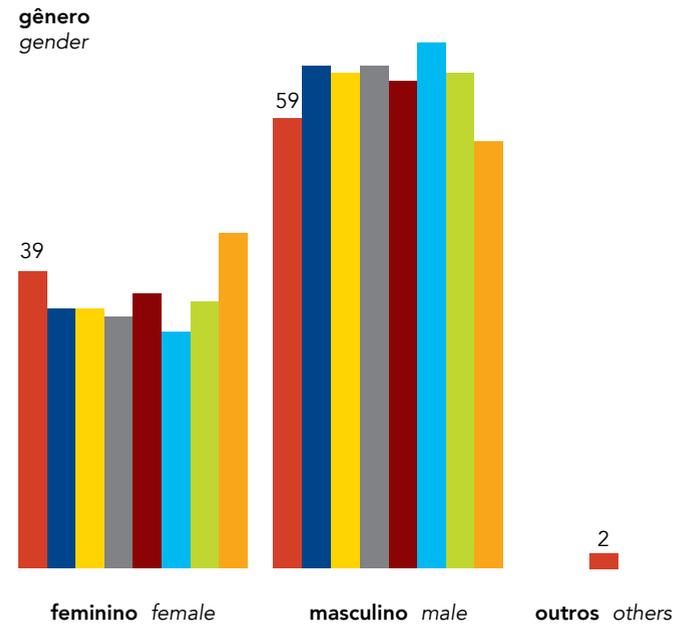
Curador e editor | Sudeste
Curator and editor | Southeast

Vânia Leal Machado

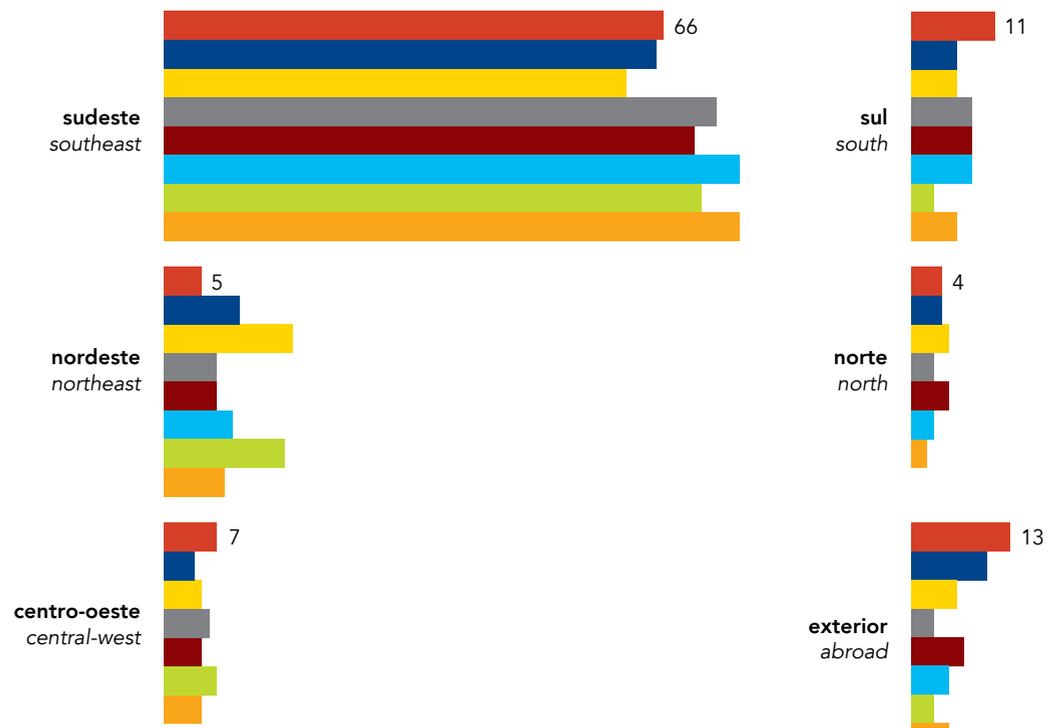
Curadora | Norte
Curator | North

Waldir Barreto Filho

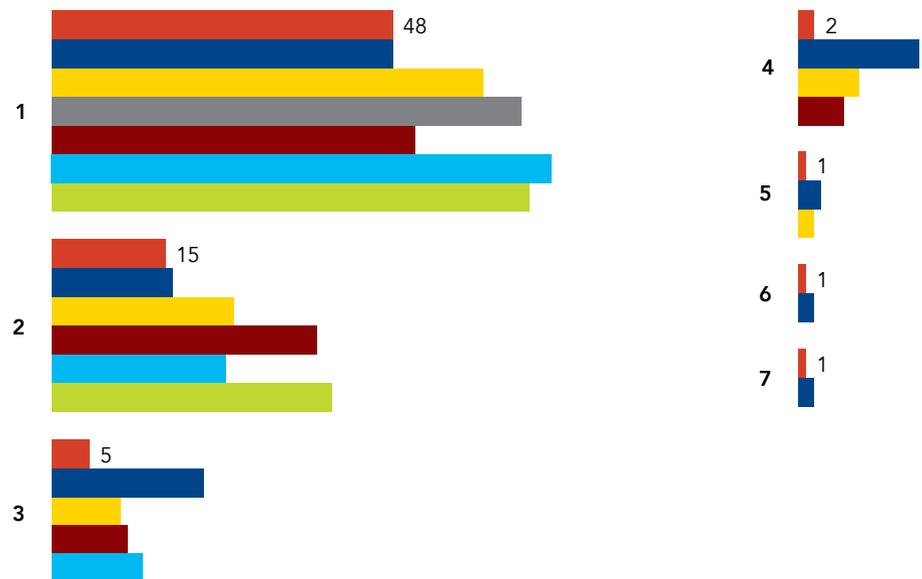
Curador e professor | Sudeste
Curator and professor | Southeast



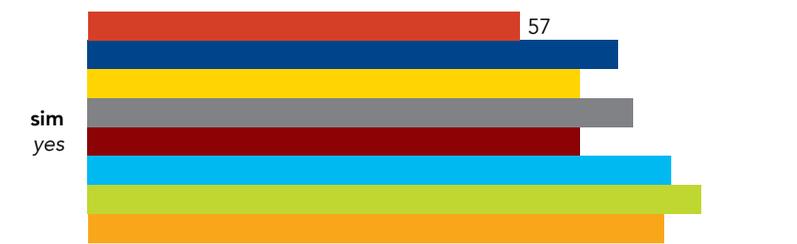
região de residência region of residence



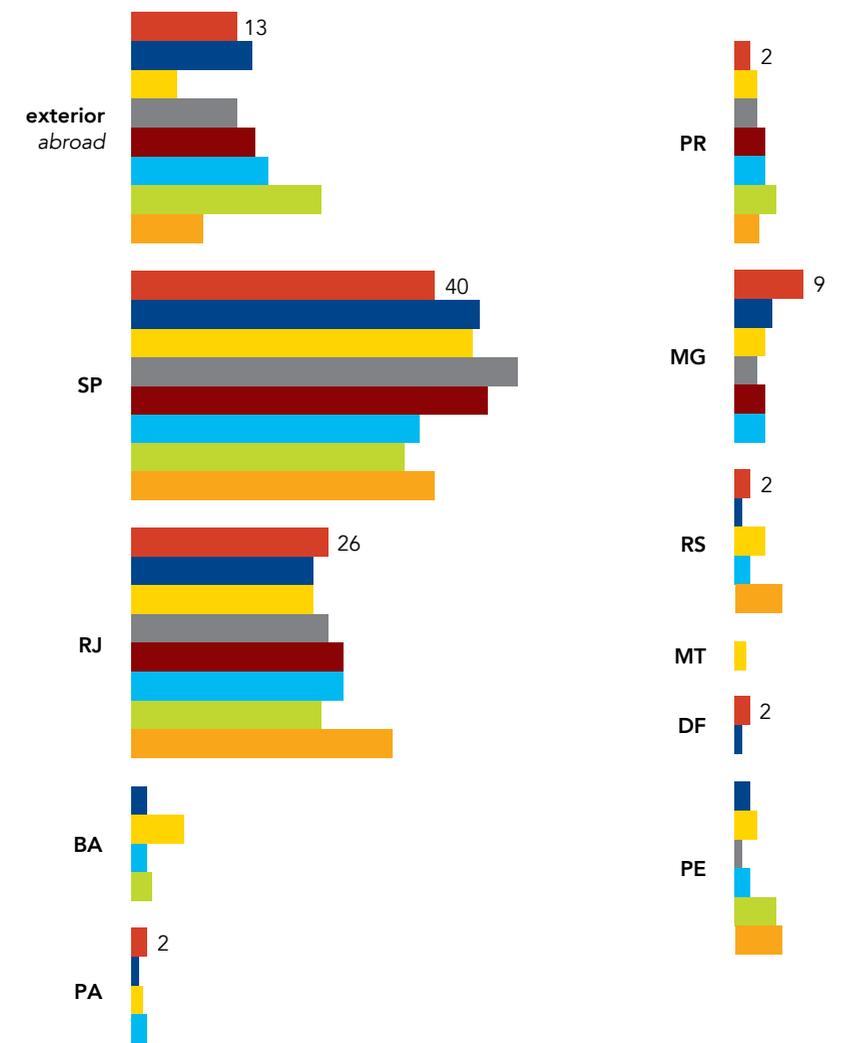
vezes que participou number of times participating



representado por galeria? has gallery representation?



local da galeria gallery location



BÁRBARA WAGNER

VENCEDORA PIPA
PRÊMIO PIPA 2017
EXPOSIÇÃO
MUSEU DE ARTE MODERNA
DO RIO DE JANEIRO

WINNER PIPA
PIPA PRIZE 2017
EXHIBITION
MUSEU DE ARTE MODERNA
DO RIO DE JANEIRO



BÁRBARA WAGNER

BRASÍLIA, DF, 1980 | VIVE E TRABALHA EM RECIFE, PE | BARBARAWAGNER.COM.BR
FORTES D'ALOIA & GABRIEL, SÃO PAULO, BRASIL E EXTRASPAZIO, ROMA, ITÁLIA
INDICADA AO PRÊMIO PIPA 2010 E 2017 | FINALISTA DO PRÊMIO PIPA 2017



Sua prática em fotografia está centrada no 'corpo popular' e suas estratégias de subversão e visibilidade entre os campos da cultura pop e da tradição. Publicadas em livros editados pela artista desde 2007, suas obras têm sido exibidas em exposições individuais e coletivas nacional e internacionalmente e fazem parte das coleções permanentes do MASP e MAM em São Paulo. Uma monografia com uma extensa seleção de suas fotografias foi publicada em "O que é bonito é pra se ver" (Het Domein 2009). Desde 2011, trabalha em colaboração com o artista Benjamin de Burca (Munique, 1975), com quem participou do 33º e 35º Panorama de Arte Brasileira (São Paulo, Brasil), da 4ª Bienal do Oceano Índico (La Réunion, França), da 36ª EVA International (Limerick, Irlanda), da 5ª edição do Prêmio Marcantonio Vilaça, da 32ª Bienal de São Paulo (São Paulo, Brasil), do 5º Skulptur Projekte Münster e do 20º Festival de Arte Contemporânea Sesc Videobrasil. A artista é Mestra em Artes visuais pelo Dutch Art Institute (2011), vive e trabalha em Recife, Brasil.

Brasília Teimosa, 2005-2007, pigmento mineral sobre papel de algodão, 75 x 50 cm

Stubborn Brasília, 2005-2007, mineral pigment on cotton paper, 75 x 50 cm

Faz que vai, 2015, Bárbara Wagner e Benjamin de Burca, video instalação, 2K, cor, som, 12'

Set to go, 2015, Bárbara Wagner and Benjamin de Burca, video installation, 2k, colour, sound, 12'

Estás vendo coisas, 2016, Bárbara Wagner e Benjamin de Burca, video instalação, 2K, cor, som, 16'

You are seeing things, 2016, Bárbara Wagner and Benjamin de Burca, video installation, 2k, colour, sound, 16'

BRASÍLIA, BRAZIL, 1980 | LIVES AND WORKS IN RECIFE, BRAZIL | BARBARAWAGNER.COM.BR
FORTES D'ALOIA & GABRIEL, SÃO PAULO, BRAZIL AN EXTRASPAZIO, ROME, ITALY
PIPA PRIZE 2010 AND 2017 NOMINEE | PIPA PRIZE 2017 FINALIST





Her photographic practice is centered on the 'popular body' and its strategies of visibility and subversion between the fields of pop culture and tradition. Her works have been published in book formats since 2007, and have been exhibited in solo and group shows nationally and internationally, and are part of the MASP and MAM collections in São Paulo. A monograph with an extensive selection of her photographs is published in "That which is beautiful must be seen" (Het Domein 2009). Since 2011, she works in collaboration with artist

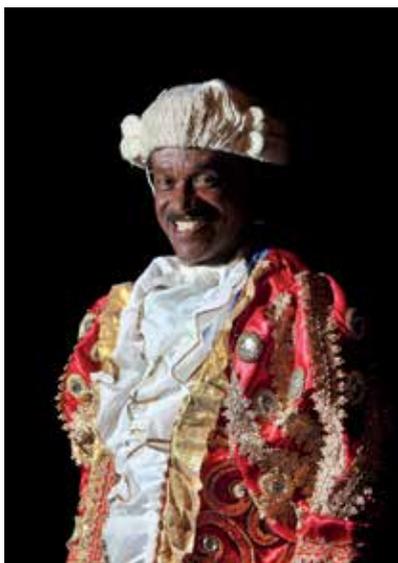
Benjamin de Burca (Munich, 1975) with whom she participated in the 33rd. And 35th Panorama de Arte Brasileira (MAM, Museum of Modern Art, São Paulo), 4th Biennale des Arts Actuels (La Réunion, France), 36th EVA International (Limerick, Ireland), 5th Marcantonio Vilaça Prize, 32nd São Paulo Biennial, 5th Skulptur Projekte Münster and the 20th Festival de Arte Contemporânea Sesc Videobrasil. In 2011 she completed a MFA at the Dutch Art Institute. She currently lives and works in Recife, Brazil.

Crentes e Pregadores, 2014, pigmento mineral sobre papel de algodão, 75 x 50 cm
Believers and Truthsayers, 2014, mineral pigment on cotton paper, 75 x 50 cm



Mestres de Cerimônias, 2016, pigmento mineral sobre papel de algodão, 120 x 80 cm
Masters of Ceremonies, 2016, mineral pigment on cotton paper, 120 x 80 cm





A Corte, 2013, pigmento mineral sobre papel de algodão, 75 x 50 cm

The Cortege, 2013, mineral pigment on cotton paper, 75 x 50 cm

Do universo do carnaval pernambucano insurgem os personagens retratados por Bárbara Wagner nas séries *A Corte* e *Faz que vai*. Membros do maracatu e passistas de frevo emprestam seus corpos para o exercício da tradição que, ao mesmo tempo que os remete à história cultural daquela região, também é atravessada pelo presente. Apesar da *mise-en-scène* pujante do carnaval, são as pessoas que ocupam o interesse da fotografia de Wagner, que faz ressaltar as particularidades de cada sujeito. Nas fotografias, o que se vê é uma personagem em primeiro plano, destacada do contexto, demonstrando ao mesmo tempo fragilidade e potência. É por meio dos indivíduos que surge também um *corpo coletivo*, termo utilizado pela artista, que está impregnado de questões de gênero, raça e classe. Os universos pop e popular, tão comumente menosprezados pelos sistemas de representação da cultura, são reivindicados na obra de Wagner.

Oriunda do fotojornalismo, a artista traz do registro documental para a sua pesquisa o desejo de comunicar, forjado no limite tênue entre realidade e ficção, exatamente quando são inventados modos de vida e identidades. Se sua fotografia acontece na pose, os personagens encenam a si próprios. Na construção da linguagem, Wagner opta pela manutenção da convenção técnica, valendo-se de recursos simples da publicidade e do jornalismo, sendo o uso do flash, associado à luz ambiente, talvez o mais explícito desses gestos. A torção estaria, em contrapartida, no caráter simbólico do ato de lançar luz, evidenciar as cores, marcar os contornos, jogar com efeitos de claros e escuros, para destacar da multidão um indivíduo que pouco par-

ticipa das narrativas hegemônicas da arte. A partir de suas imagens, surgem cantores de brega, jovens numa ocupação, pastores evangélicos, MC's de funk, cada um desses grupos engendrando novas economias sociais, políticas e culturais.

Ainda precocemente a fotografia foi difundida no Brasil, quando já na primeira metade do século XIX era usada para registrar paisagens, vistas urbanas e sobretudo personagens com interesse etnográfico e documental. Também aparecem nesse período os retratos da corte imperial brasileira, sendo Dom Pedro II um incentivador pioneiro da fotografia no país. De repente, *A Corte* de maracatu de Bárbara Wagner propõe um retorno à memória dessas imagens, ao acessar uma iconografia que remete à formação do imaginário do país. A rainha e o rei, os vassallos, princesas e embaixadores aqui têm a pele negra e carregam fantasias desconstruídas de suas existências, que misturam perucas, brocados, pedrarias e cetins aos objetos de consumo que marcaram a mobilidade social vivenciada na primeira década dos anos 2000 no Brasil.

Em *Faz que vai*, por sua vez, em coautoria com Benjamin de Búrca, Wagner trabalha com o frevo, gênero musical e performático também da tradição cultural de Pernambuco. Quatro personagens contemporâneos dançam isoladamente, em cenários de urbanização precária, ao som de um frevo executado só nas linhas percussivas, sem a harmonia costumeiramente apresentada pelos instrumentos de sopro. *Faz que vai*, um dos passos da dança, inspira instabilidade e equilíbrio. Interessados na potência e nos problemas da ideia de

folclore hoje, os artistas observam como os corpos atualizam o costume, fazendo coexistir a um só tempo marcadores da cultura pop, gêneros fluidos, aparatos tecnológicos, gestos performáticos, com a indumentária, os passos e a batida do frevo. Contrariam, assim, as reivindicações de purismo feitas pela estrutura estatal e institucional que se serve dessa cultura.

Em sua obra, Bárbara Wagner vai em busca do que está taxado como menos importante ou de baixa qualidade, fazendo do encontro mais do que um conceito, mas uma metodologia. Ainda que as imagens transpareçam força e demonstrem cumplicidade entre Wagner e os sujeitos retratados, a artista não emula pertencimento, ao passo que também não julga, separando pela diferença. Na areia da praia que margeia a comunidade de Brasília Teimosa, no Recife, Wagner realizou o conjunto de fotografias que iria inaugurar sua produção como artista. Por dois anos, sempre aos domingos, frequentou uma das regiões mais populares e no entanto estigmatizadas da cidade. A área foi ocupada nos anos 1950, concomitantemente com a construção da capital federal. Palafitas e barracos sobre o mangue e a praia conformaram a geografia do lugar, que divide com uma ponta a Zona Sul do Recife e o centro da cidade. Diante das sucessivas tentativas de remoção das famílias e de sua aguerida resistência, foi conferida à comunidade a alcunha de Brasília Teimosa. Em 2004, depois de uma intervenção urbana, foram construídas casas e uma avenida litorânea que requalificaram o bairro. Foi nesse novo cenário que Wagner fez a série fotográfica que ganhou o nome da comunidade e de sua praia.

Se as imagens iniciais foram realizadas ainda à distância, temendo invadir o momento de intimidade e lazer dos seus frequentadores, logo a artista entendeu que a potência de seu trabalho estava justamente na aproximação e nas trocas com seus personagens. Em pouco tempo, os planos abertos e a paisagem não mais lhe interessavam, e sim cada um dos sujeitos com quem se relacionou e a partir daí negociou a produção da imagem. Nessa equação, o corpo retratado está implicado de desejos e expectativas.

Ao longo de sua trajetória artística, Bárbara Wagner vem escolhendo os espaços entre categorias, ciente de sua força política e poética. Essa opção diz respeito não só aos trânsitos conceituais, ao exercício técnico da linguagem, mas também aos sistemas de produção, exibição e crítica da arte. Dessa forma, é importante notar que este texto, que integra a publicação do Prêmio PIPA 2017, desenvolve-se no momento em que instituições museológicas brasileiras passam por um sério ataque a seus conteúdos, obras são censuradas e artistas intimidados. A ofensiva é alimentada por grupos políticos reacionários que apelam a discursos repletos de falso moralismo e desconhecimento. Não é fruto de coincidência que há pouco tempo, e no contexto deste mesmo Prêmio PIPA, a sua plataforma de votação virtual, que gratifica artistas pela escolha popular, tenha sido usada como ferramenta de disseminação de racismo, misoginia e ódio, numa ação operada por grupos e/ou indivíduos que parecem alinhados a essa marcha obscurantista e que têm na sua pauta, entre outros recursos, o constrangimento público à arte, aos seus agentes e instituições. As ofensas, proferidas às artistas – mulheres e ne-

gras – foram relativizadas como ataques pessoais alheios à intervenção institucional. Rapidamente, o foco de agressão voltou-se para os museus e suas marcas, espalhou-se em localidades e abrangeu indistintamente exposições as mais diversas, numa clara demonstração de que não há limites para a arbitrariedade e para a sanha persecutória de quem se pauta na intolerância e na ignorância, essas entidades que andam sempre de mãos dadas. Nessa dobra histórica do presente, está ressaltada a importância da arte enquanto formulação de resistência e repositório da livre criação. É papel, portanto, de todo e qualquer agente ou instituição defender o exercício e a expressão de pensamento, mas sobretudo o respeito aos valores da diversidade democrática. Em favor da arte está sua capacidade de resiliência e reinvenção diante de qualquer tentativa de coerção. Não sem prejuízos, mas ela vai sempre ao encontro da liberdade.

Júlia Rebouças

Curadora, pesquisadora e crítica de arte. Mestre e Doutora em Artes Visuais pela UFMG. Co-curadora da 32ª Bienal de São Paulo (2016). Curadora do Instituto Inhotim (2007-2015). Curadora Adjunta da 9ª Bienal do Mercosul (2013).



A Corte, 2013, pigmento mineral sobre papel de algodão, 75 x 50 cm

The Cortege, 2013, mineral pigment on cotton paper, 75 x 50 cm

The characters portrayed by Bárbara Wagner in the series *A Corte* (*The Cortege*) and *Faz que vai* (*Set to go*) emerge from the universe of Pernambuco's Carnival. Members of the Maracatu and dancers of Frevo lend their bodies to the practice of a tradition that, while referring them back to the cultural history of the region, is also crossed by the present. Against the background of the vibrant Carnival *mis-en-scène*; Bárbara Wagner's photographs are focused on people, emphasizing individual peculiarities. In the photographs, what you see is a character in the foreground, detached from the context, showing both fragility and power at the same time. It is by the means of individuals that a collective body takes form; the phrase is used by the artist herself, and is impregnated with gender, race and class issues. The pop and popular universes, so commonly overlooked by systems of cultural representation, are claimed in Wagner's work.

A photojournalist by training, Bárbara Wagner brings from documentary records to her research the desire to communicate, forged in the fine line that separates reality from fiction, exactly when ways of life and identities are invented. If her photography happens in the pose, the characters play themselves. In the development of such a language, she chooses to maintain the technical convention, using simple advertising and journalism resources; the use of flash photography, associated with ambient light, is perhaps the most explicit of such resources. The twist is, conversely, in the symbolism of shedding light, highlighting colors, emphasizing contours, and playing with light and dark effects to stand out from the crowd an individual that is

hardly part of art's hegemonial narratives. From her images come out singers of corny music, young people in an occupation, evangelical pastors, MC's of funk music - each of these groups engendering new social, political and cultural economies.

Photography was widespread in Brazil for many decades; in the first half of the 19th century, it was used to record landscapes, urban views and particularly characters from an ethnographic and documentary perspective. Portraits of the imperial court in Brazil come from the same period; Dom Pedro II was a pioneering enthusiast of photography in the country. Bárbara Wagner's *A Corte* suggests a return to the memory of such images by accessing an iconography that refers to the construction of the country's imaginary. Here, the queen and the king, vassals, princesses and ambassadors have dark skin and wear costumes that do not match their existence, blending wigs, brocades, stones and cetin to objects of consumption which characterized the social mobility experienced in the first decade of the 2000s in Brazil.

On the other hand, in *Faz que vai* (*Set to go*), co-authored with Benjamin de Burca, Bárbara Wagner works with Frevo, a genre of music and performance also originating from the cultural tradition of Pernambuco. Four contemporary characters dance in isolation, against a background of precarious urbanization, to the sound of a Frevo performed only by percussive instruments, without the harmony usually presented by wind instruments. *Faz que vai*, one of the dance steps itself, inspires both instability and balance. Interested in power and in the issues of the idea of folklore today, the

artists watch how the bodies update the habit, allowing the coexistence, at the same time, of markers of pop culture, fluid genders, technological devices, performance gestures, and the clothing, the steps and the beat of Frevo. They thus oppose the claims of purism made by the state and institutional framework that makes use of this culture.

In her work, Bárbara Wagner pursues what is deemed less important or low quality, making the meeting of it not only a concept, but also a methodology. Even though the images show strength and demonstrate complicity between Bárbara and the subjects portrayed, the artist does not emulate a feeling of belonging, neither does she judge, or separate by difference. It was in the sands of a beach at the borders the Brasília Teimosa community, in Recife, that Bárbara Wagner took the set of photographs that would inaugurate her production as an artist. For two years, every Sunday, she attended one of the most popular, and yet stigmatized, areas of the city. The area was occupied in the 1950s, concurrent with the construction of the federal capital, Brasília. Stilt houses and shacks on the mangrove and beach formed the geography of the place, which divides the south area of Recife and downtown. In the face of successive attempts to remove the families and their fierce resistance, the community was given the nickname of Brasília Teimosa (Stubborn Brasília). In 2004, in the wake of an urban intervention, new houses and a coastal highway were built, and the neighborhood received a new qualification. This new landscape was the background for Bárbara Wagner's photographic series, named after the community and its beach. If, at first, the photographs were

taken at a distance - the artist was afraid of invading a moment of intimacy and pleasure of its regulars - it didn't take long for her to understand that the power of her work was precisely in the approximation and exchange with the characters portrayed. Soon, she lost interest in long shots and the landscape; instead, she was now interested in everyone with whom she interacted, and from then on, negotiated the production of the images. In this equation, the body pictured is involved with desires and expectations.

Throughout her trajectory as an artist, Bárbara Wagner chooses spaces between categories, aware of its political and poetic strength. This approach affects not only conceptual frameworks and the technical practice of language, but also the systems of production, exhibition and criticism of art. Therefore, it is important to note that this text, as an integral part of the PIPA Prize 2017 catalog, was written in a context in which Brazilian museums are under heavy attack because of their contents - works of art are censored and artists are being intimidated. The attacks are fed by reactionary political groups that appeal to a speech full of false moralism and ignorance. It is no coincidence that, not long ago, in the context of this same PIPA Prize, its virtual voting platform, that rewards artists by popular choice, was used as a tool for the spread of racism, misogyny and hatred, in an action accomplished by groups and/or individuals who seem aligned to an obscurantist movement and who have on their agenda, among other resources, to expose art, its agents and institutions to public embarrassment. In this case specifically, the insults, directed to the artists - women and black women - were considered as personal

attacks, unconnected to institutional intervention. Soon, the focus of aggression turned to the museums and their brands, spread to other places, and covered indistinctly the most varied exhibitions, in a clear demonstration that there is no limit to arbitrariness and persecutory rage for those who are guided by intolerance and ignorance - entities that always go hand in hand. In this historic folding of the present, the importance of art as a formulation of resistance and repository of free creation is emphasized. Thus, every agent or institution must defend the practice and the free expression of thought, but above all, respect the values of democratic diversity. Resiliency and the ability to reinvent itself in the face of any attempt of coercion favor art. Don't be mistaken, art will not be damage-free; however, it will always pursue freedom.

Júlia Rebouças
Curator, researcher and art critic.
MD and PhD in Visual Arts from UFMG.
Co-curator at the 32nd São Paulo Biennial (2016). Curator at Inhotim Institute (2007-2015). Assistant curator at the 9th Mercosul Biennial (2013)

ANTONIO OBÁ

PRÊMIO PIPA 2017
EXPOSIÇÃO
MUSEU DE ARTE MODERNA
DO RIO DE JANEIRO

PIPA PRIZE 2017
EXHIBITION
MUSEU DE ARTE MODERNA
DO RIO DE JANEIRO



ANTONIO OBÁ

CEILÂNDIA, DF, 1983 | VIVE E TRABALHA EM TAGUATINGA, DF | ANTONIOOBA.COM
MENDES WOOD DM, SÃO PAULO, BRASIL
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2017 | FINALISTA DO PRÊMIO PIPA 2017

CEILÂNDIA, BRAZIL, 1983 | LIVES AND WORKS IN TAGUATINGA, BRAZIL | ANTONIOOBA.COM
MENDES WOOD DM, SÃO PAULO, BRAZIL
PIPA PRIZE 2017 NOMINEE | PIPA PRIZE 2017 FINALIST



Antonio Obá reconstrói um corpo a partir da memória afetiva. Nele remonta esteticamente uma mítica pessoal onde condensa venturas e mazelas que o influenciaram e formaram no interior doméstico, sem deixar de refletir sobre a condição histórica do indivíduo inserido num dado contexto social. Suas obras tecem relações com a religião, política e história nacional, propondo, assim, a reflexão sobre sua própria fisionomia (corpo miscigenado, negro, preto) e as situações às quais esse corpo, historicamente, foi e é submetido no que concerne ao preconceito étnico,

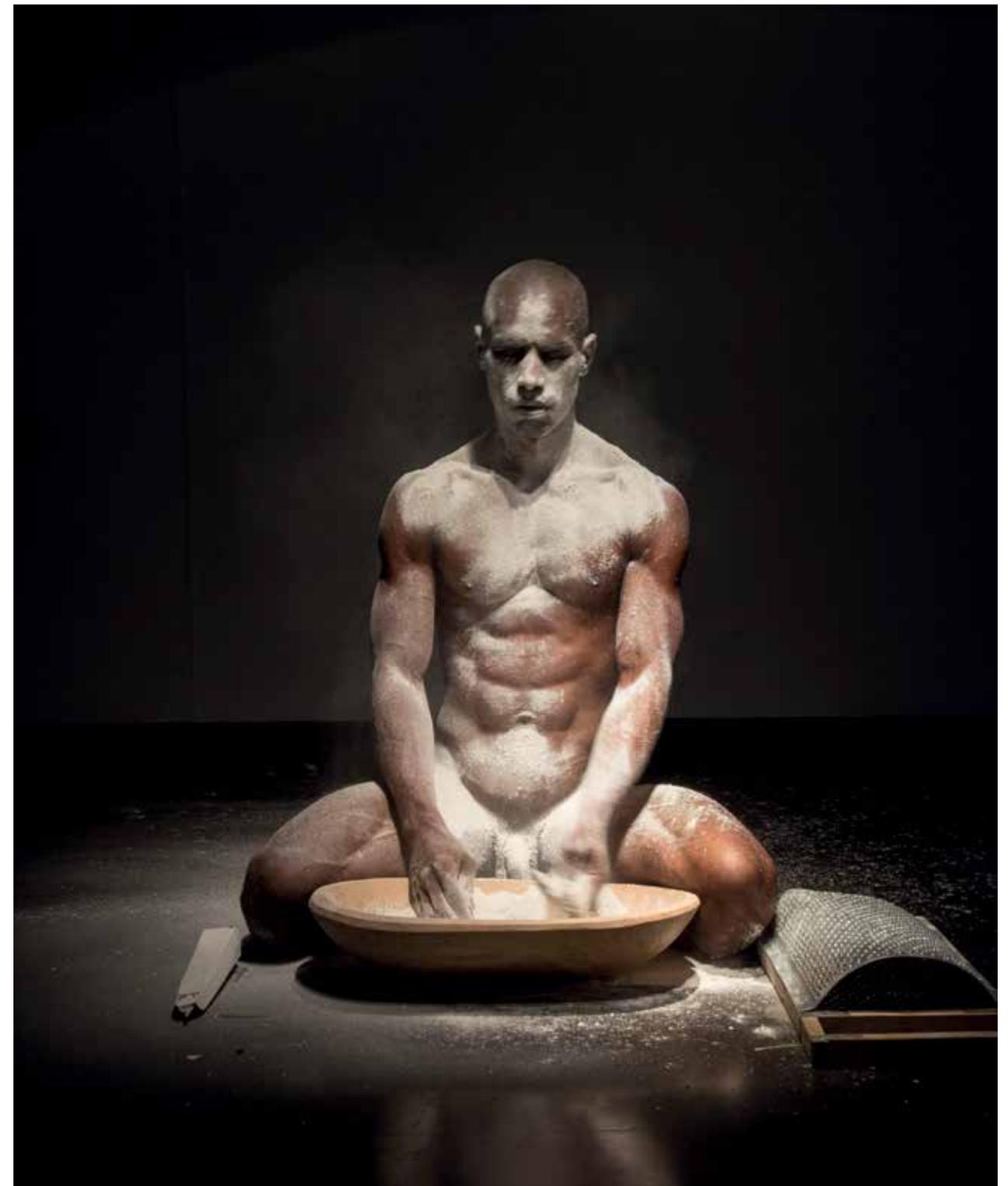
religioso e cultural. Consequentemente o pensamento sobre a ideia de uma identidade brasileira (o que isso vem a ser) num território onde a herança histórica de vários processos de aculturação que fundam o Brasil, é aspecto caro em sua produção. O artista elabora narrativas que perpassam desenho, pintura, objeto, instalação e performance, linguagens às quais (re)contam simbolicamente uma história brasileira, entendida por um corpo que finca os pés nas raízes de uma tradição, para problematizar e refletir sobre questões presentes.

Malungo: rito para uma missa preta, 2016, performance, duração 30'

Malungo: ritual for a black mass, 2016, performance, 30'

Atos da transfiguração: receita de como fazer um santo, 2015, performance, 30'

Transfigurations acts: recipe for how to make a saint, 2015, performance, 30'





Antonio Obá reconstructs a body from an affective memory. In it, he aesthetically reconstructs a personal myth in which he condenses fortunes and woes which have influenced him and formed his domestic interior, reflecting on the historic condition of an individual inserted in a given social context. His works weave relations with religion, politics and national history, proposing, therefore, a reflection of his own condition (mixed race, black, negro) and the situations to which this body, historically, was and is submitted to ethnic, religious and cultural prejudice. Consequently, the idea of a Brazilian identity (what it actually means) in a country whose foundation was historically based in various processes of acculturation is a fundamental aspect of his production. The artist elaborates narratives which cross over the fields of drawing, painting, object, installation and performance; an artistic language which symbolically re(tells) a Brazilian history, understood by a body which is firmly rooted in the grounds of a tradition, in order to problematize and reflect upon present issues.

Spectrum II, 2017, carvão e óleo sobre tela, 82 x 76,5 cm

Spectrum II, 2017, coal and oil on canvas, 82 x 76,5 cm

Iconografia para uma missa preta

– **Agnus dei**, 2016, técnica mista sobre tela, 100 x 76 cm

Iconography for a black mass - Agnus dei, 2016, mixed technique on canvas, 100 x 76 cm



O QUE PERSISTE COMO FALTA

“QUANDO CRIAR DIZ MAIS RESPEITO À TEIMOSIA QUE À INSPIRAÇÃO”
ANTÔNIO OBÁ



Mártir, da série *Spectrum*, 2016,
carvão sobre tela, 106 x 69 cm

Martyr, from the series *Spectrum*, 2016,
charcoal on canvas, 106 x 69 cm

A atualização do passado colonial por meio de seus rituais domésticos e a adstração de corpos escravizados ressoa na atualidade para reflexão sobre as consequências históricas dos amálgamas sociais. Ao enveredar por esta autobiografia de caráter genealógico cultural, uma história de si, Antônio Obá nos coloca em situação de risco consciente. Demonstra de que maneira seu resgate será sempre licencioso, ou melhor, um acerto de contas consigo, dada a ausência de referências cotidianas e familiares recentes que vão além do fenótipo corporal. Expõe dúvidas sobre comportamentos humanos e políticas decisórias diversas que podem se expressar estrategicamente nos universos místicos e religiosos.

O artista propicia a recondução do tema da Arte Sacra, o que é percebido somente em uma visada apressada, pois é preciso insistir e ir adiante. A performance “(...) Receita de como fazer um santo” serve como uma síntese dos atributos a que recorre em sua produção. Ali temos objetos, corpo e pintura que dizem também sobre a síntese de quadros, instalações e performances. Entre os temas indicados nos títulos dos trabalhos temos: a representação religiosa, a sexualidade mítica negra ou a ambivalência de gênero, a servidão privada, a ‘eugenia’ cultural e racial (embranquecimento), a expurgação dos traumas, a reconstrução do presente pela manipulação ritual dos objetos.

Obá faz refletir também sobre a concepção de ‘performance-ritual’ que domina grande parte de seu trabalho. Se, em geral, toda performance transparece princípios ritualísticos, de maneira específica o artista invoca e institui o rito

também como tema. As cenas têm efeito de purgação e de apaziguamento para os presentes.

O corpo comparece como motivo e matéria, problematizando erotismo e estigmas identitários. Assim, a preparação física ganha uma notação a mais no trabalho. O tônus muscular e o corpo vigoroso atendem a exigências da concepção de cada performance. Como em “Malungo: rito para uma missa preta”, em que, entre a ingestão de um litro de cachaça em cálice utilizado em missas católicas, o sinal da cruz feito repetidas vezes com carvão macerado no corpo gera um esgotamento dos limites no esforço de reivindicar um protagonismo devocional referente às missas congeladas. Na perspectiva de Obá, trata-se “do sincretismo visto pela negritude pessoal”. Em outras circunstâncias é o próprio corpo nu que é colocado em sacrifício, disponibilizado, exposto. Revela-se, portanto, a exploração do corpo negro, visto tanto como força de trabalho mecânica e braçal, quanto como parte do exotismo sexual.

Sujeita a leituras maledicentes e oportunistas, em função da hipocrisia de grupos político-religiosos na barganha de seu ‘rebanho’ e eleitorado em discurso moral que incita o terror e o empobrecimento intelectual, algumas obras são reduzidas como sendo ataques a símbolos da religião católica, desrespeito com a imagem de Nossa Senhora Aparecida ou a indecência do corpo nu. Isto porque não é do interesse compreender os comentários do artista negro, católico-praticante, de forte relação familiar, cuja a provocação é a de evidenciar a demasiada presença das marcas colonialistas, escravocratas e católicas na

formação do povo brasileiro. E, para isto, corta na própria carne e provoca a dor pessoal em passar por esta revisão.

Pelo pensamento artístico de Antônio Obá percebe-se que ‘transfigurar’ trata da busca de autonomia do desejo e da capacidade de decisão pela identificação que lhe foi usurpada. Em seus trabalhos o artista coloca em questão processos de desenvolvimento crítico de autoaceitação herética religiosa e cultural. Coloca à prova suas marcas para que, assim, tenhamos em mente que criamos a todo momento a relação de intimidade que queremos com aquilo que pode não existir na prática, mas persiste como falta.

Reminiscências e ausências são pontos fulcrais da série “Ambiente com espelhos” criada especialmente para a exposição dos finalistas do Prêmio PIPA 2017. Um conjunto de cinco pares de molduras e de telas distribuído no espaço e fixado à parede estabelecem ao mesmo tempo diálogos e enfrentamentos sucessivos.

A primeira relação pode ser percebida em cada díptico entre si. De um lado, uma tela sem chassi, do outro, uma chapa de ferro emoldurada fazendo as vezes de espelho. A lona de algodão cru absorve presenças. São partes do corpo, mas também bem podem ser emoções e memórias familiares ou culturais. Tudo aquilo que é marca, uma lembrança qualquer, posicionada à esquerda, desaparece à direita, requisitando a imagem que podemos fazer de nós mesmos por meio da lâmina enferrujada. O espelho que pouco reflete é o anteparo da visão, um reflexo que não serve à exterioridade, sugerindo a volta para dentro de cada um.

Uma ligação também se cria entre os dípticos no espaço. O título da série nos avisa que estamos em um ambiente. E é preciso percorrê-lo. Tomar noção do conjunto ampliado. Momentaneamente enxergamos o lugar específico da sala. A herança histórica arquitetônica de ‘galerias de espelhos’ está relacionada à sua concepção e ao uso como palco de encontros políticos e de afirmação de poder. Mas, também, como estrutura decorativa, produz artifício e metáfora para a ilusão daquilo que se vê e de acordo com a posição em que se está. Nesta experiência, em parte invocada aqui pelo trabalho, quando o corpo muda de posição no espaço, altera-se também a percepção visual.

A obra “Variações especulares – Narciso” posicionada ao fundo da sala, na parede entre as duas fileiras que se confrontam, evidencia a problemática ambivalente dos diálogos e dos enfrentamentos de ocasião. Na correspondência com o conjunto, o objeto joga de volta tudo que absorve. Remete à multiplicidade de pontos de vista a partir do posicionamento do corpo. Mais de perto, de frente para a moldura de oratório que sustenta a chapa de ferro, o espelho espectral invoca a individualização do sujeito. Agora, nessa relação de intimidade, pode questionar se existe algo que consiga ver. Diante da sugestão de impossibilidade advinda da imagem turva, a busca pela autoimagem no reflexo, coloca em questão conceitos de memória original ou apreendida.

De modo restrito, especular é relativo àquilo que reflete luz, avaliação por suposição ou ainda um vago sentido de consideração sobre algo ou alguém mirando vantagem própria. Atrela-se

à concepção de opinião baseada nas próprias ideias e interesses. Como de vir, os flashes do presente surgem como problematização das possibilidades de transformação cognitiva sobre as circunstâncias de ‘ser no mundo’. É o artista quem diz, em alguns de seus poemas, como que em oração:

caminho
sou
caminho vou
ser
me seja
sem prever
me veja

A linguagem escrita é uma manifestação recorrente no processo de produção artística de Antônio Obá. Em obras mais antigas aparece pelo interesse no desenho caligráfico. E retorna pelo conteúdo testemunhal ou, às vezes, quase descritivo que dá a alguns títulos, ou ainda por meio da inscrição de palavras sobre as obras. Em muitas delas deixa entrever, como no poema, o quanto o impulso de sua produção está em querer acompanhar, trocar de lugar com o outro, reposicionar-se e ver o que de fato está à mostra, mas que não se apresenta de imediato. Fazer uma revisão crítica, ainda que pela via artística, talvez seja para poucos homens de fé.

Cinara Barbosa
Pesquisadora e curadora independente.
Doutora (2013) e mestre (2007) em Arte pela Universidade de Brasília (UnB). Curadora associada do Elefante Centro Cultural, Brasília.

A PERSISTING LACK

"WHEN TO CREATE HAS MORE TO DO WITH STUBBORNNESS THAN WITH INSPIRATION"
ANTÔNIO OBÁ



Variações especulares – Narciso, 2017, série Ambiente com espelhos, moldura de madeira e aço escovado

Specular Variations – Narciso, 2017, Room with Mirrors series, wooden frame and brushed steel

An update of our colonial past through its domestic rituals and the training of enslaved bodies echoes today, and lead us to reflect on the historical consequences of social amalgamation. Engaging in an autobiography of cultural and genealogical nature - his own a personal history - Antonio Obá puts us in a place of conscious danger. He demonstrates that his redemption will always be licentious, or better yet, a settling of accounts with himself, given the absence of recent daily living and family references that go beyond the body phenotype. He questions human behaviour and decision-making policies which can be strategically expressed in the mystic and religious universe.

The artist allows the renewal of the sacred art theme, which is barely perceived in a hurried visit - one must insist and dig deeper. The performance entitled "(...) Receita de como fazer um santo" ["How to make a saint recipe"] sums up the attributes used in his artistic production. The performance includes objects, the body and paintings that also refer to the synthesis of paintings, installations and performances. The themes suggested in the titles of the works include religious representation, the black mythic sexuality or the ambivalence of gender, private servitude, cultural and racial 'eugenics'; (turning white), the purging of traumas, and the reconstruction of the present by the ritualistic manipulation of objects.

Obá leads us to reflect, as well, on the concept of 'performance-ritual' that prevails in most of his work. If every performance, in general, reveals ritualistic principles, the artist specifically evokes and establishes the rite as theme as well. The scenes have a purging and appeasement effect on the viewers.

The body is there, both as reason and as matter, questioning eroticism and stigmas of identity. Therefore, physical fitness is another element in his work. Muscle tone and a strong, vigorous body meet requirements of the design of every performance. Just like in "Malungo: rito para uma missa preta" ["Malungo: ritual for a black mass"], in which the artist, while indulging himself with a liter of cachaça in a chalice just like the ones used in Catholic masses, repeatedly makes the sign of the cross with macerated charcoal in his own body, generating as a result the exhaustion of limits, to claim a leading devotional role typical of the Congolese masses. In Obá's point of view, this is "syncretism as seen by the perspective of personal negritude". In other circumstances, it is the naked body itself that is exposed and offered as sacrifice. The exploitation of the black body, seen both as mechanical and manual labour and as part of the sexual exoticism, is thus revealed.

Subject to slander and opportunist interpretations because of the hypocrisy of political-religious groups trying to win their "herd"; and constituencies with a moral discourse that encourages terror and intellectual impoverishment, some works are reduced to attacks on symbols of the Catholic religion, disrespect for the image of Our Lady of Aparecida, or the indecency of the naked body. This is because understanding the comments of a black artist, a Catholic with strong family ties whose provocation aims at highlighting the overwhelming presence of colonialist, catholic, slavery-based societies in the formation of the Brazilian people, is of no interest at all. And, for that end, he cuts in his own flesh and inflicts himself the pain of such a review.

Antonio Obá's artistic look allows us to realise us that 'transfiguring' deals with the search for the autonomy of desire and decision-making ability by the identification that has been usurped from him. The artist questions the critical development processes of religious and cultural heretical self-acceptance. He puts his own marks to the test, so that we are conscious of the fact that we repeatedly create an intimate relationship with what we want and what might not exist in practice, but rather what persists as a lack.

Reminiscences and absences are the central points of the series entitled "Ambiente com espelhos" ["Room with mirrors"], especially designed for the Pipa Prize 2017 finalists' exhibition. A set of five pairs of frames and screens, distributed in space and hung on the walls, establishes at the same time successive dialogs and confrontations.

The first relationship can be noticed between each diptych. On one side, a non-framed canvas; on the other, a framed plate of iron, standing in for a mirror. The raw cotton canvas absorbs presences. They are parts of the body, but may as well be emotions and family or cultural memories. Every mark and every memory, positioned to the left, disappears on the right, demanding an image that we can make of ourselves by means of the rusty plate. A mirror that barely reflects an image is the shield of vision, a reflection that does not serve exteriority, suggesting we look within ourselves.

A link is also created between the diptychs in space. The title of the series warns us that we are in an environment,

and must examine it. We must notice its broad context. For a moment, we see a specific place in the room. Architecture's historical legacy of the 'halls of mirrors' is related to their design and use as the venues for political meetings and assertion of power. However, as a decorative structure, it also produces devices and metaphors for the illusion of what we see, according to our position in the room. In this experiment, partly invoked here by the work, when the body changes position in space, visual perception is also changed.

The work entitled "Variações especulares - Narciso"; ["Specular variations - Narcissus"], positioned at the back of the room, on the wall between two confronting rows, highlights the issue of ambivalence of dialog and occasional clashes. It is as if the object played back everything that it absorbs. It refers to the multiple points of view generated by the positioning of the body. On closer examination, if you stand in front of the oratory frame supporting the iron plate, the spectral mirror invokes the subject's individualization. Now, in this intimate relationship, you can ask if there is something that you are able to see. Upon the suggestion that it is impossible to see anything out of the image blur, the search for a self-image in the reflection questions the concepts of original or learned memory.

Strictly speaking, the word 'specular' is related to anything reflecting light, an assumed evaluation, or even a vague consideration about something or someone. It is related to the concept of opinion based on one's own ideas and interests. As a state of flux, flashes of the present appear as a way of questioning the possibilities of cognitive transforma-

tion about circumstances of 'being in the world'. The artist himself who says in his poem, as if in prayer:

path
I am
path
I shall be
be me
without anticipating
see me

Written language is a recurrent manifestation in Antonio Obá's artistic production process. In his early works, this can be seen in his interest in calligraphy drawing, then it comes back as the testimonial or, at times, almost descriptive content he gives to some titles, or even through the inscription of words over his works. In many of his words, as in the poem above, he reveals how much the impelling force of its production is based on wanting to keep up with the others, being in their shoes, repositioning himself and seeing what there is in fact to be seen but is not immediately presented. Critical reviews, even if by means or art, are perhaps for just a few men of faith.

Cinara Barbosa
Researcher and independent curator.
PhD (2013) and MD (2007) in Art from the University of Brasilia (UnB). Associate curator of the Elefante Centro Cultural, Brasília.

CARLA GUAGLIARDI

PRÊMIO PIPA 2017
EXPOSIÇÃO
MUSEU DE ARTE MODERNA
DO RIO DE JANEIRO

PIPA PRIZE 2017
EXHIBITION
MUSEU DE ARTE MODERNA
DO RIO DE JANEIRO

CARLA GUAGLIARDI

The image shows a minimalist sculpture by Carla Guagliardi. It consists of several thin, vertical copper rods of varying heights, connected at their tops by thin copper wires. The rods are supported by concrete blocks of different sizes and heights on a dark, reflective floor. The background is a plain white wall. The overall composition is geometric and abstract, with a focus on line and form.

CARLA GUAGLIARDI

RIO DE JANEIRO, RJ, 1956 | VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO, RJ; E BERLIM, ALEMANHA | CARLAGUAGLIARDI.COM
GALERIA ANITA SCHWARTZ, BRASIL, E GALERIE M BOCHUM, BOCHUM, ALEMANHA
INDICADA AO PRÊMIO PIPA 2010 E 2017 | FINALISTA DO PRÊMIO PIPA 2017



Fuga, 2014, tubos de cobre e uma única corda elástica vermelha. Técnica mista, dimensões variadas, foto Marcus Schneider
Cinco peças diferentes feitas de tubos de cobre são fixadas e parcialmente "escondidas" dentro da parede. Uma única corda elástica vermelha perpassa através de todas as cinco peças como num "looping" interligando-as e sutilmente sugerindo a expansão do dado espaço.

Fuga, 2014, copper pipes and a unique red elastic rope. Mixed media, variable dimension, photo Marcus Schneider
Five different pieces made of copper pipes are fixed and partially hidden inside the wall, a unique elastic red thread goes through all of them as in a looping, connecting the five pieces and subtly suggesting an expansion of the exhibition space.

RIO DE JANEIRO, BRAZIL, 1956 | LIVES AND WORKS IN RIO DE JANEIRO, BRAZIL; AND BERLIN, GERMANY | CARLAGUAGLIARDI.COM
GALERIA ANITA SCHWARTZ, BRAZIL, GALERIE M BOCHUM, BOCHUM, GERMANY
PIPA PRIZE 2010 AND 2017 NOMINEE | PIPA PRIZE 2017 FINALIST

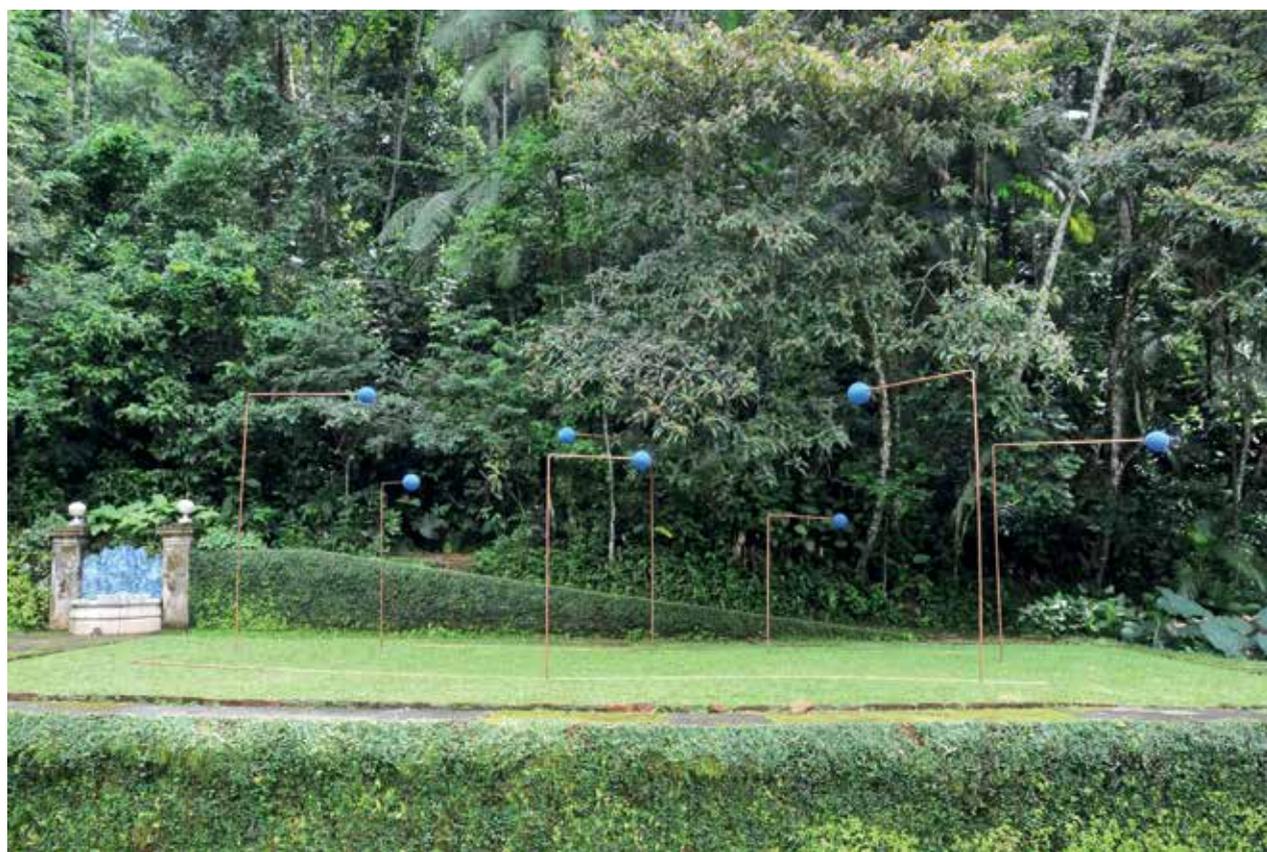
Onde está o tempo que eu deixei neste espaço?

Nos últimos anos minha trajetória artística resulta de uma pesquisa predominantemente escultural focada em diversas ideias mas que tem o tempo como seu principal agente. Experimento a proximidade de materiais originalmente diversos como: água, ar, plástico, ferro, látex, cobre, aço, algodão, vidro, madeira, plantas, etc, tornando iminente a ação do tempo num registro mnemônico na matéria e no espaço. Busco uma linguagem poética que remeta à operações entre elementos de forma fluida, interior e orgânica, incorporando o acaso e a especulação, resultando na abstração da própria experiência com o material, cuja ação recíproca interfere assim na corporeidade do mesmo. Minha pesquisa avança no sentido de trabalhar o espaço na sua ânsia de continuidade e extensão mas sempre no confronto, no paradoxo do rompimento e na suspensão temporal – relacionando a questão de uma percepção móvel à situação incerta e volúvel da condição humana.

Partitura (I) / vertical, 2012, 7 peças de madeira, dobradiças, 7 bolas de espuma.
Técnica mista, dimensões variáveis (madeira 42 x 30 cm, cada), foto Eric Jobs
O equilíbrio do sistema é sustentado pela ação da gravidade. Nenhuma das bolas está fixada mas apenas pousada entre cada uma das madeiras articuladas.

Score (I) / vertical, 2012, 7 pieces of wood, hinges, seven foam balls. Mixed media, variable dimension (each piece of wood 42 cm x 30 cm), photo Eric Jobs
The system is kept in balance through the gravity force. None of the balls are fixed, they are just kept between each of the articulated piece of wood.





Where is the time I left in this space?

In recent years my artistic trajectory results from a predominantly sculptural research which, although focused on various themes, has time as its main agent. I experiment with the proximity of originally diverse materials like: water, air, plastic, iron, latex, copper, steel, cotton, glass, wood, plants etc., turning imminent the action of time in a mnemonic register on the material and space.

I look for a poetic language that consigns itself to the operations between elements in a fluid form, interior and organic,

incorporating chance and spectacle, resulting in the abstraction of my own experience with the material, whose reciprocal action interferes as such in the corporeality of itself.

My research advances in the direction of working the space in its anxiety of continuity and extension, but always confronting it, placing it within the paradox of rupture and complete suspension of time – thus relating the matter of the shifting perception to the uncertain and vulnerable condition of human existence.

Para quem voa descansar (Açude), 2013, tubos de cobre interconectados com diversas saídas, balões de borracha, ar e tempo. Técnica mista, dimensões variáveis, foto Ricardo Amaral

For those who fly, to rest (Açude), 2013, interconnected copper tubes with several exits, rubber balloons, air and time. Mixed media, variable dimension, photo Ricardo Amaral



O lugar do ar, (VI), 2015, vergalhões de ferro, borrachas sintéticas e tempo. Técnica mista, dimensões variáveis, foto Erik Sæter Jørgensen

A estrutura é totalmente interconectada o que faz haver um único centro de gravidade. A peça se expande em direção ao chão num lento processo que também altera sua forma.

The place of the air (VI), 2015, iron rods, synthetic rubber and time. Mixed media, variable dimension, photo Erik Sæter Jørgensen

The whole installation is entirely interconnected, what brings it to have one center of gravity. The piece expands towards the floor in a slow process that also transforms its shape.



Opera II (ou Onde está o tempo que eu deixei neste espaço?), 2015, madeira, cordas elásticas, bloco de gelo com 300 kg e tempo. Técnica mista, dimensões variáveis, foto Thomas Florschuetz
Um bloco de gelo com cerca de 300 quilos é colocado sobre uma plataforma de madeira suspensa do teto por cordas elásticas em grande tensão. O processo de derretimento irá lentamente suspender a plataforma.

Opera II (or Where is the time I have left in this space?), 2015, wood, elastic ropes, a block of ice with 300 Kg and time. Mixed media, variable dimensions, foto Thomas Florschuetz
An ice block of about 300 kg placed over a platform of wood fixed from the ceiling with elastic ropes in a big tension. The melting process will slowly suspend the platform.

Nos trabalhos de Carla Guagliardi aquilo que não se vê é tão importante quanto o que se vê. Esse princípio revela-se, de saída, transgressor e dotado de um insuspeitado teor político. Vivemos em uma época marcada pelo excesso de imagens e pela disputa da economia da atenção. Somadas, essas características do nosso presente legam um olhar a um só tempo intoxicado pelo acúmulo de estímulos, ansioso e refratário a perceber as entrelinhas do visível.

Desde o início dos anos 1990, a artista vem construindo um programa poético coeso no qual comparece um mesmo corpo de questões, qual seja, aquele que evoca as relações entre mobilidade e imobilidade, cheio e vazio, peso e leveza, temporal e atemporal, equilíbrio e vulnerabilidade. Já em “Sem título (P.I.)” (1990) era possível notar essa forma de proceder, típica de sua obra, na qual os contrários são assimilados e convivem em simultaneidade. Testemunhamos ali uma série de tubos de polietileno encostados na parede, contendo água e uma vara de ferro no seu interior. A princípio o que vemos é um gesto minimalista, no qual a serialidade de cunho totalizante norteia o trabalho. Mas será justamente no interior dessa visualidade asséptica que a artista irá instaurar o imprevisto, o orgânico. No limite, Guagliardi introduz o tempo como um elemento ativo na constituição do trabalho, este se torna um coautor da obra. O lento enferrujamento de cada tubo os diferenciam, os singularizam. O gesto serial que habitualmente abriga iguais em uma situação estática se vê contaminado por uma insuspeitada organicidade que insere a diferença, a mudança e o acaso. Essa ênfase dada ao processo, à duração, encontra-se, vinte e cinco anos depois,

em “Opera II (ou Onde está o tempo que eu deixei nesse espaço?)” (2015). A instalação consiste em um bloco de gelo de 300 quilos, colocado sobre uma estrutura de madeira suspensa do teto pelos quatro cantos do espaço por cordas elásticas, mas pousada sobre o chão. À medida que o gelo derrete a estrutura é suspensa. Dar a “ver” o tempo, eis o que faz a artista na sua “Opera”. Tempo, aquilo sobre o qual Santo Agostinho certa vez afirmou: “Se ninguém me pergunta, eu o sei; mas se me perguntam, e quero explicar, não o sei mais.”. O lento derretimento do gelo e a gradual subida da placa materializam essa categoria simultaneamente tão familiar e tão abstrata. Entre o estado sólido e o líquido se forma o trabalho de Guagliardi. Do mais pesado para o mais leve, do mais volumoso para o que, por fim, desaparece. Ocorre aí uma economia que privilegia o processo, a subtração e a lentidão, aspectos que caminham na direção contrária de uma experiência contemporânea marcada pela ânsia de resultado via adição e aceleração.

Essa espécie de paciência do olhar que a obra nos solicita encontra-se igualmente em “Fuga II” (2017), realizada por ocasião da mostra dos finalistas do Prêmio PIPA. Pensado especialmente para o espaço que lhe foi dado no MAM, o trabalho se constitui como uma espécie de desenho escultórico. Sete blocos maciços de cimento de diferentes tamanhos recebem tubos de cobre de variadas alturas, por entre estes passa uma única corda elástica vermelha tensionada. Esta, por sua vez, perpassa um tubo incrustado na parede e, assim como no seu percurso por dentro dos blocos, desaparece para a percepção visual. Estamos diante de uma linha contínua,

embora descontínua aos nossos olhos. Assim, somos convidados a formar o todo mentalmente.

Tal como ocorre em inúmeras outras obras da artista, chama atenção em “Fuga II” a interdependência das partes que sublinham, a um só tempo, as suas particularidades. É preciso a opacidade, o peso e o volume dos blocos de cimento para que possamos enxergar melhor a textura metalizada dos tubos e, mais ainda, a leveza do finíssimo traço que cinde o ar desenhado pela corda. A singularidade de cada parte é potencializada não pelo isolamento, mas pela proximidade – lição que poderia ser extrapolada, mais uma vez, para a experiência do nosso presente, sinalizando o lugar do trabalho como aquele que caminha na contra mão de uma contemporaneidade na qual o convívio entre diferentes se constitui em um dos nossos maiores desafios.

Note-se que o visitante apressado tende a enxergar não uma única corda, mas sim trechos de diferentes cordas. Somente pacientemente percebemos o sentido de continuidade guardado nos fragmentos. O fato de ser uma linha contínua provoca a sensação de looping para o olhar que nos faz incorporar o ar como um elemento estrutural do trabalho. Através de procedimentos simples, a artista convoca tudo ao redor a fazer parte do obra: as paredes nas quais os fios estão tensionados, o chão e o “vazio” do ar cortado pelo fio vermelho. O que antes passaria despercebido é como que iluminado pelos gestos sutis e agudos de Guagliardi.

O título “Fuga”, por sua vez, remete tanto ao sentido espacial da palavra, traço

aleatório determinado por circunstâncias, como também aquele relacionado à música. No universo musical fuga é um estilo de composição no qual um tema é repetido por inúmeras vezes que entram sucessivamente de modo a se entrelaçarem. Ou seja, trata-se de uma sonoridade capaz de determinar o espaço da simultaneidade em diferentes momentos. Essa relação da obra da artista com o vocabulário sonoro não é nova, “Verso” (2007), “Partitura”(2012) e “Os Cantos do Canto”(2012) são exemplos desse diálogo. Tampouco é de agora a incorporação do ar não como representação do nada, mas como aquilo que existe e afeta.

Em “Verso” (2007), por exemplo, ocorre um equilíbrio delicado entre gravidade, geometria e ar. Pesadas tábuas de madeira encontram-se sutilmente equilibradas sobre balões de borracha. Com o passar do tempo o ar lentamente despendido dos balões modificará a geometria – que nasce segura, estável. A tensão entre aquilo que estamos vendo e aquilo que conseguimos supor que irá ocorrer é o intervalo no qual reside o sentido da obra. O ar e o tempo, ambos invisíveis, são instâncias ativas do trabalho. Interessa menos a resultante final do processo, o desinflar dos balões e a possível queda da escultura, do que a constante promessa de mudança contida na peça e a lembrança da dimensão inexorável do tempo. Já nas diferentes versões de “O Lugar do Ar” (a 1ª versão é de 1993) testemunhamos malhas de barras de ferro conectadas por elásticos que tecem uma relação sutil entre geometria, gravidade e ar. Estamos diante de obras ritmadas – mais uma vez o sentido musical – nas quais o peso das barras articuladas pela matéria maleá-

vel produz transformações constantes, mesmo que quase imperceptíveis.

Percorrer o programa poético da artista significa encontrar um contraponto em relação a uma contemporaneidade marcada pelo regime do espetáculo e da hipervisibilidade. Em meio a tempos acelerados, nos quais parecemos viver em uma “frenética imobilidade”, nos quais o excesso de impulsos imagéticos provoca uma progressiva cegueira em cada um de nós, o trabalho de Guagliardi surge como uma experiência que nos recorda a importância da paciência do olhar, a importância da ênfase no processo, assim como a chance da convivência entre contrários. Sem se conformar como uma intenção deliberada, todas essas escolhas surgem dotadas de uma alta voltagem política de resistência. Em meio à cacofonia generalizada na qual estamos imersos, a obra de Carla Guagliardi, na sua convergência entre delicadeza e potência, nos endereça a chance de um outro modo de estar no mundo, no qual o murmúrio possa ser melhor escutado do que o grito, no qual lembramos que é ali, no espaço em branco entre um verso e outro de um poema, que encontra-se o sentido do que está sendo dito. Para isso, há que se ter ouvidos para o silêncio e olhos para o vazio.

Luisa Duarte
Crítica de arte e curadora independente. Mestre em filosofia pela PUC-SP. Doutoranda em Teoria da Arte pela UERJ(2017). Foi por cinco anos membro do Conselho Consultivo do MAM-SP (2009-2013). Foi curadora do programa Rumos Artes Visuais, Instituto Itaú Cultural (2005/ 2006).



Fuga (II), 2017, série Fuga, blocos de concreto, tubos de cobre e um fio único de corda elástica (detalhe)

Fugue (II), 2017, Fugue series, concrete blocks, copper tubes and a single elastic cord (detail)

In Carla Guagliardi's artworks, what is not revealed to the eye is just as important as that which is seen. This principle is revealed as transgressive and bearing an unsuspected political content, in our time marked by the excess of images and by the economy of competition for attention. Altogether, these characteristics of our current context give rise to a gaze that is intoxicated by the accumulation of stimuli and simultaneously anxious and restive to perceive the content between the lines of the visible.

Since the early 1990s the artist has been constructing a cohesive poetic program with a single body of questions, evoking the relations between mobility and immobility, fullness and void, weight and lightness, temporality and atemporality, balance and vulnerability. In *Sem título (P.I.) [Untitled (P.I.)]* (1990) it was possible to note this way of proceeding, typical of her work, in which opposites are assimilated and go hand in hand. There we witnessed a series of polyethylene tubes leaning against the wall, containing water and an iron rod. Essentially what we see is a minimalist gesture, guided by a totalizing essence. But it was precisely within this aseptic visuality that the artist went on to instate the unforeseen, the organic. Guagliardi introduces time as an active element, making it a co-author of the artwork. The slow rusting of each of the tubes differentiates and singularizes them. The serial gesture normally involving equals in a static situation is here commingled with an unsuspected organicity that inserts difference, change and randomness.

This emphasis given to the process, to duration, is likewise found 25 years later, in *Opera II (ou Onde está o tempo que eu deixei nesse espaço?) [Opera II*

(or Where is the time that I left in this space?)] (2015). This installation consists of a 300-kilo block of ice, set atop a wooden structure suspended from the four corners of the ceiling by elastic cords, but resting on the floor. As the ice melts the structure rises into the air. It allows the viewer to "see" time; this is what the artist does in her *Opera*. It recalls Saint Augustine's characterization of time, when he said, "If no one asks me, I know what it is; but if I am asked and I want to explain it, I no longer know." The slow melting of the ice and the gradual rise of the wooden structure materialize this simultaneously familiar and very abstract quality. Guagliardi's work is formed between the solid and liquid state. From the heavier to the lighter, from the more voluminous to what, finally, disappears. A comedy takes place here, which privileges the process, subtraction and slowness – aspects that run opposite to a contemporary experience marked by the yearning for a result through addition and acceleration.

This sort of patient gaze that the artwork requires is also seen in *Fuga II [Escape II]* (2017), made on the occasion of the exhibition of PIPA Prize finalists. A site-specific work, it consists of a sort of sculptural drawing installed in the exhibition space at the Museu de Arte Moderna of Rio de Janeiro. Seven solid cement blocks of various sizes serve as bases for copper tubes of different heights, connected by a single red elastic cord stretched between their ends. For its part, this cord extends through a tube embedded in the wall, disappearing from visual perception, just as it does in its path through the blocks. Standing before a continuous line, which is nonetheless discontinuous to our eyes, we are thus invited to mentally form the whole.

As in countless other works by the artist, the striking thing about *Fuga II* is the interdependence of the parts that underline, at one and the same time, its particularities. The cement blocks possess a precise opacity, weight and volume that allows us to better perceive the metalized texture of the tubes and, moreover, the lightness of the very fine line of the elastic cord that cuts through the air. The singularity of each part is made powerful not by isolation, but by proximity – a lesson that could be extrapolated, once again, to the experience of our present, indicating that the artwork runs against the grain of a contemporaneity in which one of our biggest challenges is to live together with others who are different from us.

The hurried visitor tends to see not a single cord, but rather spans of different cords. It is only with patience that we perceive the sense of continuity residing in the fragments. That it is a continuous line lends our gaze a sensation of looping, making us incorporate the air as a structural element of the work. Through simple procedures, the artist invites everything in the surroundings to become part of the work: the walls in which the cords are tensioned, the floor and the "void" of the air cut by the red cord. What previously went unperceived is illuminated by Guagliardi's subtle yet sharp gestures.

For its part, the title *Fuga [Escape]* refers to simultaneously to the word's spatial sense in the Portuguese phrase *ponta de fuga* [the vanishing point of perspective drawings], a random line of escape determined by circumstances, and the musical fugue, a style of composition where a theme is repeated by countless voices that enter successively, interlinking with

one another. It is thus a sound that can determine the space of simultaneity at different moments. This relation of the artist's work with the vocabulary of sound is not a new development; previous examples of this dialogue are found in *Verso [Verse]* (2007), *Partitura [Musical Score]* (2012) and *Os Cantos do Canto [The Corners of Song]* (2012). It is likewise not a new development that the air is incorporated not as a representation of nothing, but as something that exists and affects the work.

In *Verso* (2007), for example, there is a delicate balance between gravity, geometry and air. Heavy wooden boards are delicately balanced on rubber balloons. With time, the air slowly leaves the balloons, modifying the geometry – which is initially secure and stable. The tension between what we are seeing and what we suppose will happen is the gap in which the meaning of the work resides. Air and time, both invisible, are active instances of the work. The most interesting aspect is not so much the final result of the process, the deflation of the balloons and the possible fall of the sculpture, but rather the constant promise of change contained in the piece and the relentless dimension of time. In the various versions of *O Lugar do Ar [The Place of Air]* (the first version is from 1993) we see grids of iron bars connected by rubber bands that weave a subtle relation between geometry, gravity and air. Here we find works that are rhythmic – once again in the musical sense – in which the weight of the bars articulated by the malleable material produces constant but nearly imperceptible transformations.

The artist's poetic program involves a counterpoint in relation to a contemporaneity marked by the regime of the spectacle and hypervisibility. In accelerated times, in which our experience seems to be a "frenetic immobility," in which the overwhelming pulsing of images instates a progressive blindness in each of us, Guagliardi's work arises as an experience that reminds us of the importance of a patient gaze, an emphasis on the process, and the chance for opposites to go hand-in-hand. Without being regimented by a deliberate intention, all of these choices arise with a high political charge of resistance. Amidst the generalized cacophony in which we are immersed, Carla Guagliardi's work, in its convergence between delicateness and power, guides us to the chance of another way of being in the world, in which the murmur is heard as loudly as a shout, reminding us that it is there, in the blank space between one line of a poem and the next, that we find the meaning of what is being said. For this, we need to listen to silence and to look at the void.

Luisa Duarte
Art critic and independent curator. MD in Philosophy from PUC-SP. PhD in Art Theory from UERJ (2017). Former Advisory Board member of the MAM-SP (2009-2013). She was member of the curatorial committee of the program *Rumos Artes Visuais*, Instituto Itaú Cultural (2005-2006).

ÉDER OLIVEIRA

VENCEDOR PIPA VOTO POPULAR EXPOSIÇÃO
PRÊMIO PIPA 2017
EXPOSIÇÃO
MUSEU DE ARTE MODERNA
DO RIO DE JANEIRO

PIPA POPULAR VOTE EXHIBITION WINNER
PIPA PRIZE 2017
EXHIBITION
MUSEU DE ARTE MODERNA
DO RIO DE JANEIRO



ÉDER OLIVEIRA

TIMBOTEUA, PA, 1983 | VIVE E TRABALHA EM BELÉM, PA | EDEROLIVEIRA.NET
PERISCÓPIO ARTE CONTEMPORÂNEA, SÃO PAULO, SP
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2015 | FINALISTA DO PRÊMIO PIPA 2017

TIMBOTEUA, BRAZIL, 1983 | LIVES AND WORKS IN BELÉM, BRAZIL | EDEROLIVEIRA.NET
PERISCÓPIO ARTE CONTEMPORÂNEA, SÃO PAULO, BRAZIL
PIPA PRIZE 2015 NOMINEE | PIPA PRIZE 2017 FINALIST



Sem título, 2016, *site specific*, acrílica sobre parede, Kunsthalle Lingen, Lingen, Alemanha

Untitled, 2016, *site specific*, acrylic painting on wall. Kunsthalle Lingen, Lingen, Germany



Licenciado em Educação Artística pela UFPA, desde 2004 desenvolve sua investigação na relação entre os temas retrato, identidade amazônica e marginalização. Trabalhando em suportes como óleos, intervenções e *site-specific*, realizou as exposições individuais “Pintura – ou a fotografia como violência” (Kunsthalle Lingen, Alemanha), “Você é a Seta” (Periscópio, BH) e “Páginas Vermelhas” (Blau Projects, SP), além de participar de exposições coletivas, como “A Cor do Brasil” (Museu de Arte do Rio), e a 31ª Bienal de Artes de São Paulo.

With a degree in Art Education from the Federal University of Pará, since 2004 conducts his investigation into the relationship between the topics of portrait, amazonian identity and marginalization. Working with different mediums, such as oils, interventions and site-specific, he had solo exhibitions “Malerei - oder die Fotografie als Gewaltakt” (Kunsthalle Lingen, Germany), “You Are the Arrow” (Periscópio, Belo Horizonte) and “Red Pages” (Blau Projects, São Paulo), in addition to collective exhibitions as “The Color of Brazil” (Art Museum of Rio) and the 31st São Paulo Art Biennial.

Autorretrato, 2016, óleo sobre tela, 297 x 205cm, foto Otávio Cardoso

Selfportrait, 2016, oil on canvas, 297 x 205cm, photo Otávio Cardoso



Série Arquivamento, 2015, aquarela, jornal e acrílico, 28 x 32 x 5 cm
Filing series, 2015, watercolor, newspaper and acrylic, 28 x 32 x 5 cm

Série Páginas Vermelhas, 2015, óleo sobre tela, 90 x 120cm, foto Filipe Berndt
Red Pages series, 2015, oil on canvas, 90 x 120cm, photo Filipe Berndt

EM TEMPOS DIFÍCEIS A ARTE É A ÚNICA OPÇÃO CONTRA A VIOLÊNCIA



Sem título, 2017, série Arquivamento, aquarela, jornal e acrílico
Untitled, 2017, series Filing, watercolor, newspaper and pexiglas

A Amazônia não é para os fracos, diz uma frase corrente no norte do Brasil. Distâncias extremadas, estradas precárias, locais de difícil acesso... Barco é um dos poucos veículos em fluxo contínuo pelos rios... voos são caros ou mal planejados dentro da região (em alguns casos têm que se deslocar para Brasília e de lá voltar a outro estado do norte). Falar da arte produzida na Amazônia nos leva a pensar sobre dificuldades diversas, processos de exclusão, abandono e violência, fatores que historicamente perpassam por esta região, e insistem em delimitar espaço, calcinando a vida da população menos favorecida. Grandes latifúndios... a floresta sendo destruída e substituída por pastos e plantações de soja, hoje maior fator de desmatamento com enormes impactos ambientais, e cuja produção em cerca de 80% é voltada para ração animal, em um cenário injusto no qual praticamente 100% é de origem transgênica.

A escassez de água que alarma o país já era anunciada em pesquisa divulgada em 2014, revelando a crescente destruição das florestas, em relatório do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE. Bilhões de toneladas de água circulavam para nordeste e sudoeste pelas nuvens, mas as constantes queimadas e desmatamentos mudaram os padrões de pressão atmosférica causando um declínio na umidade circulante. Qual o futuro nesse caos?

Na Amazônia, a exploração é contínua. A destruição das florestas em prol do tão decantado “agro”... exploração de madeira ilegal... conflitos fundiários, desrespeito, violência contra as comunidades tradicionais, que expropriados ou expulsos das terras se veem sem os

meios de subsistência, com sua dignidade maculada. São inúmeros os assassinatos que ocorreram e sucedem, na exploração dos mais fracos, oprimidos e expostos a todo tipo de abuso, em que tudo se tira e nada de bom se oferece.

É sobre o habitante desta região que Éder Oliveira irá lançar sua visão aguda, ímpar; sobre um ambiente em que possibilidades de futuro digno se apresenta de maneira rarefeita. Artista que não se comove com o sucesso, mas busca, com atenção e humanidade, encarar a realidade que está ao seu redor, e que insiste em conclamar a atenção para os processos de eliminação que ocorrem neste território.

Conheci o artista no despontar de suas primeiras fagulhas criativas na universidade, que já discutiam identidade, revelando a intensidade de questões que vieram adensar o trabalho que se desenvolveu a partir daí. Ele era, então o próprio personagem, sujeito da reflexão na busca de se perceber. Imagens similares de um documento de identificação... Seu olhar intenso fitava o espectador em uma delicada impressão sobre papel artesanal. De lá para cá, um caminho sólido se constituiu, repleto de crítica, em um embate vivo com sua história, com a história social dos habitantes de uma Amazônia que é bem distinta da imagem que se divulga ainda de maior floresta tropical do mundo, repleta de rios, num verde sem-fim. Não, essa Amazônia exótica, paradisíaca e bela não existe mais - foi devastada pelos pastos, pelos plantios, pelas hidrelétricas e pelos garimpos.

A Amazônia arde febril e já nem se permite tal imagem, porque tudo o que é visto, inclusive na mídia, são atentados

às reservas ambientais e aos autóctones. São dissipações de cepas em objetos contaminados, lançados na selva para dizimar os indígenas... são emboscadas, incêndios, chacinas de pequenos agricultores, entre outros métodos perversos de exclusão e genocídio.

As práticas de violação não mudaram muito desde o período colonial, no momento em que a divisão se desenhava entre Estado do Grão-Pará e Maranhão (1621) e Estado do Brasil, apenas “se sofisticaram” em termos de perversidade...

Mas afinal de contas, o que isto tem a ver com a arte de Éder Oliveira?

Nascido no nordeste do Pará, num vilarejo junto a pequena cidade de Nova Timboteua, filho de um professor e uma dona de casa, o artista se criou na zona bragantina, entre natureza, escola e desenhos, e não percebia claramente, então, que seu município de cerca de 15 mil habitantes era um ambiente em que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), apresentava-se em decréscimo; nada diferente de outras localidades da Amazônia, que detém baixíssimos índices de crescimento educacional, de saúde e de fonte de renda.

Em sua cidade natal, esse garoto mestiço já desenhava e era solicitado para fazer pinturas em muros ou ilustrações em trabalhos estudantis. Ao se mudar para Belém, para completar os estudos, estabelece uma ruptura com o que se delineava para vários de seus colegas que não conseguiram sair da vila. Vivendo na periferia da metrópole, observou tantos outros migrantes que veem à capital em busca de chances de melhoria de vida, que trabalham, constroem

a cidade, mas que não tem voz frente aos que decidem os rumos e os projetos para a urbe. Reencontra nas expressões dos rostos a mistura que compõe o típico homem amazônida, que o atraiem pelos traços acentuados, de expressão intensa e cor marcante.

Oliveira, com coragem, optou pelo curso de Educação Artística, entrou na universidade pública e, em meio a diferenças culturais, teve que se adaptar à vida na capital do Pará.

Ao deparar-se com as inúmeras produções e todo o universo da arte se apresentando aos seus olhos, e ao começar a se dedicar à pintura, descobre (algo que não percebia), uma forma peculiar de enxergar as cores. A percepção de alguns tons era deficitária e então descobriu que tinha um certo grau de daltonismo. O que poderia se transformar numa decepção e no abandono da linguagem, levou-o a adquirir mais vigor: ao olhar para sua vida, passou a desejar representar os personagens da periferia, mestiços como ele, que por questão de cor e de características físicas, muitas vezes são postos à margem do mercado de trabalho e das oportunidades. Assim, sua “deficiência” passa a ser incorporada enquanto linguagem, optando pelos monocromáticos entre vermelhos, marrons, azuis e verdes.

A cor ultrapassa o sentido da visão para chegar à cor da pele, a personagens que vivem em situação-limite, que só encontram destaque nas páginas policiais dos jornais da capital. Suspeito, culpado e vítima misturam-se nesse contexto. Quem é o real responsável pelos condicionantes que empurram esses sujeitos para situações de violência? Que visibi-

lidade é esta que expõe, muitas vezes, o mais fraco nas páginas policiais antes de um julgamento? Entre ficar em uma cela inóspita por suspeita de pequeno crime e desaparecer no meio do caminho, como no recente caso do ajudante de pedreiro Amarildo, conduzido da porta de sua casa em direção a Unidade de Polícia Pacificadora e que nunca mais foi visto e tornou-se símbolo do abuso e da violência policial no Brasil. Somos todos Amarildos, Josés, Marias e L.A.B. que, mesmo menor de idade, ficou presa numa cela, (em 2016 no Pará), com homens sofrendo toda sorte de abusos.

É, a Amazônia não é para os fracos! O Brasil não é também. A supressão dos direitos parece ser algo iminente. No campo vemos diversas situações de escravidão.

Éder Oliveira, expõe a ferida aberta, traz à luz esse habitante marginalizado, acossado, empurrado para o fracasso, num limiar entre vítima e predador, pairando em uma espécie de “estado de exceção” simbólico que o próprio Estado parece conduzir. Quantos homens e mulheres vem se deslocando do interior para a cidade grande neste país... Um movimento que se expandiu nas últimas décadas. Para muitos, o sonho de uma vida melhor se confronta com a frustração, a pobreza e a segregação.

É para este cidadão, caboclo, brasileiro como ele, como vários de nós, mestiços, que o artista aponta seu radar. Transporta, por meio da pintura mural, esses retratos realizados sem permissão pela mídia, para um outro local, mais humano, mais digno.

Aquelas figuras estampadas para consumo imediato nas páginas de sangue

dos jornais, ganham nova dimensão e mostram a precariedade das condições de violados pela mídia, violentados nas suas próprias faces expostas no periódico, que depois embrulha as compras na feira. Ao pintá-los, Oliveira nos faz encarar a perversidade da sociedade e nos obriga a confrontar nossos próprios medos, nossos preconceitos, nossa insensibilidade ante o outro. Da vida para os cadernos policiais, para o mundo novamente, por meio de grandes pinturas que resignificam e redimensionam esse cidadão antes marcado para o apagamento. O artista o amplifica, fazendo-nos encarar aquela face exibida em um retrato realizado de maneira arbitrária, imposta, em condições pouco corretas. Indivíduos que estão, diariamente, expostos à invisibilidade. Nas telas e muros de Oliveira, aqueles olhares, ora contrariados, ora assustados, repletos de desalento passam a nos interrogar, a nos confrontar com nosso lado mais cruel.

E novamente a cor irrompe, entre azuis, ocres e vermelhos, seus personagens se materializam. O vermelho, pelo daltonismo, é a cor mais difícil de trabalhar e parece ser uma das que mais impacta no observador em suas obras. Vermelho... cor protagonista e perseguida nestes dias atuais no Brasil que se descortina para a censura e preconceitos. No entanto não é apenas o vermelho, mas diversos nuances compõem o amazônica. Na série Monocromos o artista chega à partícula mínima, ao pixel da imagem da pele daquele cidadão e o amplifica, colecionando os tons numa espécie de mapeamento daquele indivíduo cuja subjetividade não interessa às instituições, mas a sua cor de pele, suas características incomodam por não estarem de acordo com o padrão de beleza ocidental dominante.

Mas ora, estamos na Amazônia... Os índices revelam que são os sujeitos pobres, morenos, negros e caboclos os mais abordados em blitz e batidas policiais. Não interessa se a pessoa é honesta ou não. Já é suspeito em potencial, pois sua cor e forma o designa. Não é branco, não tem traços “finos”. É “mal encarado”. “Melhor tirar da rua”, “mais seguro prender”. É, a Amazônia não é para os fracos... e Éder Oliveira sabe bem o que é isto, essa ausência do Estado em relação ao outro... Sua obra expõe profundos processos de subjetivação.

Imagens não felizes: subalternidade, exceção social, anonimato; tráfico de drogas, grupos de extermínio e um dos mais altos índices de homicídios... conforme revela o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) com o seu Atlas da Violência 2016. E em meio a tudo isso, amalgamados na mesma massa cromática temos delinquente e vítima, todos frutos de uma violência atroz estabelecida na raiz da estrutura social que se presentifica na região.

Não são políticos, tampouco celebridades. Em sua pintura mural há uma subversão da lógica de poder, esgarçada ao limite. Entre suspeitos e policiais, todos se encontram em meio a um abismo que segrega e fere. Oliveira parte de certas condutas que poderiam figurar em uma pesquisa antropológica para, estando junto ao outro, convidá-lo a um campo de reflexão sobre o jogo de representações. Soldados e marginais figuram nesse desafio de contrários. Seria mesmo contrários? A história está aí e sabemos o que leva muitos jovens a encararem a polícia como profissão de sobrevivência, mas levam consigo todas as frustrações da exclusão que também está presente na vida dos supostos oponentes.

O convite que Éder Oliveira nos faz é fortíssimo e a sério. Um processo contínuo de alteridade e reflexão crítica acerca de nosso lugar. São imagens, palavras-imagens que nos chacoalham como que dizendo: Veja! Acorde! Tome posição.

Vivemos tempos sombrios, em que cores são perseguidas, em que a arte é acusada porque, no fundo, nos leva a pensar sobre nosso papel como seres humanos e temos que nos posicionar.

É urgente contrapor a imensa onda de violência que assola o Brasil e o mundo. Oliveira não se furta a atentar, com seu olhar daltônico, e distender a fronteira para dar conta da luta que percebe na vida e fazer uma pintura que, para além de sua qualidade técnica e estética, é conceitual e ética, e expõe a banalidade da violência cotidiana instaurada não apenas na Amazônia, mas no país todo. Debruça-se sobre o cidadão marginalizado que enfrenta estigmas diários. Moreno, pardo, caboclo, típico, índio, nordesta, marajoara, camuflados no próprio dia-a-dia pelo racismo e pela discriminação, empurrado pela sociedade para viver à sua margem.

Ao sermos capturados pelas obras de Éder Oliveira temos certeza de que em tempos difíceis, a Arte é a única opção contra a violência.

Orlando Maneschy
Pesquisador, professor, artista, crítico e curador independente. Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Curador da Coleção Amazoniana de Arte da UFPA.



Sem título, 2017, série Arquivamento, aquarela, jornal e acrílico
Untitled, 2017, series Filing, watercolor, newspaper and pexiglas

IN DIFFICULT TIMES, ART IS THE ONLY OPTION AGAINST VIOLENCE

“The Amazon is not for wimps”, goes a saying in Northern Brazil. Extreme distances, poor roads, hard-to-reach places... Boats are one of the few transportation means flowing continuously through the rivers... flights are either too expensive or poorly planned within the region (in some cases, you need to go to Brasilia and from there back to another state of Northern Brazil).

Speaking of art produced in the Amazon recalls numerous obstacles, exclusion, abandonment and violence, all of them factors that have historically characterized the region and insist on defining space, impairing the life of the less privileged. Huge properties, the forest being destroyed and replaced by pastures and soybean plantations, which are currently a major contributing factor for deforestation, with enormous environmental impacts, whose production (nearly 80%) is destined for animal feed, an unjust setting in which virtually 100% of it comes from genetically modified soybeans.

The shortage of water that has alarmed the country was announced in a survey published in 2014, revealing the increasing destruction of forests in a report from INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (National Institute for Space Research). Billions of tons of water circulated to the Northeast and Southwest of Brazil through clouds, but the constant burning and deforestation have changed the patterns of atmospheric pressure, causing a decline in humidity. What does the future hold in such chaos?

In the Amazon, exploitation is continuous. The destruction of forests for the benefit of the celebrated “agribusiness”... the illegal exploitation of timber ... land conflicts, disrespect, violence against

traditional communities which, expropriated or dispossessed of their lands, no longer possess means of living, and have their dignity stained. The incidence or murders is large among the weak, oppressed and exposed to all kinds of abuse - they are stripped off everything and nothing good is offered to them

It is about the inhabitants of this region that Éder Oliveira will launch his acute, unique vision - an environment in which opportunities for a decent future are so rare. The artist is not touched by the success, but rather strives to, with attention and humanity, face up to the reality around him, and insists on calling the attention to the elimination processes that occur in such territory. I met him in the dawn of his early creative sparks at the university, which at the time discussed identity, revealing the intensity of issues that deepened the work that evolved from there. He was then the character itself, subject of reflection in the search for understanding himself. Similar images from an identification document... His intense gaze stared at the viewer in a delicate impression on craft paper. Since then, a solid path developed -- a path full of criticism, in a live clash with its history, with a social history of the inhabitants of an Amazon that is quite different from the image publicized as the largest rain forest in the world, full of rivers, of endless green trees. No, this exotic, beautiful Amazonian paradise no longer exists - it was devastated by pastures, by plantations, by hydropower plants and by mining camps.

The Amazon burns in high fever and no longer lends itself to this image, because everything you see, including in the media, are attacks on environmental reserves and indigenous peoples. We

are talking about the spread of strains of bacteria on contaminated objects launched into the jungle to decimate indigenous peoples... ambushes, fires, mass slaughter of small farmers, as well as other wicked methods of exclusion and genocide.

The practice of rape has not changed much since the colonial period, at a time when a division was drawn between the State of Grão-Pará and Maranhão (1621) and the State of Brazil; it just became more “sophisticated” as its wickedness increased...

Anyway, at the end of the day, what does this have to do with Éder Oliveira's art? Born in Northeastern Pará, in a village near the small town of Nova Timboteua, the son of a professor and a homemaker, the artist was raised in the Bragança region, surrounded by nature, his drawings and school activities. At the time, he did not perceive clearly that his town, with about 15,000 inhabitants, was an environment in which the Human Development Index (HDI), was declining; the situation was no different from other places in the Amazon, which has very low growth rates of education, health and source of income.

In his native town, this mestizo boy who knew how to draw was asked to do paintings on walls or illustrations for school papers. When, a few years later, he moved to Belém to complete his studies, Éder broke free from a pattern -- he would not have the life that was expected of several of his colleagues who were not able to get out of their home town. Living on the outskirts of a big city, he saw so many other migrants who had come to the capital in search of work and a better life, helping build a city, but who

had no voice as compared to the decision makers. He rediscovered in the facial expression of individuals the mix that makes up the typical Amazonian man, whose marked facial features, intense expression and striking color call his attention.

Upon entering the university, Oliveira, who bravely chose Fine Arts as his major, had to adapt to life in the capital of Pará and multiple cultural differences. When faced with the numerous artistic productions and the entire universe of art before his eyes, he began to devote himself to painting; at the same time, he discovered something that had gone unnoticed from him until then, a peculiar way of seeing colours. His visual perception of some shades was deficient; he was colour-blind. However, what could become a disappointment or the abandonment of a language made him stronger: looking back to his own life, he developed a desire in wanting to portray characters from the periphery, mestizos like him who, often because of their colour and physical features, have less opportunities and are left at the margins of the labour market. His “disability” then starts to be incorporated as a language, as he chooses monochromatic hues among reds, browns, blues and greens.

Colour goes beyond the sense of vision to reach the color of skin, the characters who live in extreme situations, those who can only have their five minutes of fame on the police occurrences pages of newspapers. Suspect, guilty and victim mingle in this context. Ultimately, who is responsible for the factors that push those individuals to situations of violence? What kind of visibility is this that so often exposes the weakest on the police pages of newspapers even before a

proper trial? What is the better “choice”? Staying in an inhospitable prison cell for a suspected small crime or disappear in the middle of the road, as in the recent case of Amarildo, an assistant bricklayer driven from his door towards the Police Station and who was never to be seen again, became a symbol of police abuse and violence in Brazil.

We are all Amarildos, Josés, Marias, and L.A.B.s, a minor who was trapped in a cell in 2016 in Pará, together with several men and submitted to all manner of abuse.

That's right, the Amazon is not for wimps! Neither is Brazil. The abolition of rights seems to be imminent. In the countryside, we often see situations of slavery. Éder Oliveira exposes the open wound, sheds light on this marginalized, harassed inhabitant, destined for failure, on a threshold between victim and predator, hovering in a sort of symbolic “state of exception” that the State itself seems to lead. How many men and women are constantly moving from the countryside to the big city in this country? The movement has expanded in recent decades. For many, the dream of a better life ends up as frustration, poverty and segregation.

It is to this citizen, a caboclo, a Brazilian like himself and like many of us, mestizos, that the artist points his radar. He transports, by means of mural painting, portraits made by the media without permission, to another site, a more humane, more dignified one.

The portraits printed for immediate consumption on the bloody police pages of newspapers gain a new dimension and show the precarious conditions of those who are violated by the media, violated in their own faces, exposed in

newspapers which are then discarded and end up wrapping produce sold at the open markets. By painting them, Oliveira makes us face the evils of society and forces us to confront our own fears, our prejudices, our insensitivity towards the other.

From to the police pages of newspapers, then again to the world, represented by large paintings that redefine and resize a citizen otherwise destined to oblivion. The artist amplifies, making us look at the face shown as a portrait arbitrarily done, imposed, in conditions that are far from correct. Individuals who are exposed to invisibility day after day.

The screens and wall paintings of Oliveira, the looks, sometimes annoyed, sometimes frightened and full of despair, now start to ask us questions, confronting us with our cruelest side.

Then, again, the colour bursts; among blues, ochres and reds, his characters come to life. In colour-blinded individuals, the red colour is the most difficult color to work with, and seems to be one to have the greatest impact on the observer of Oliveira's work. Red... a protagonist and currently persecuted color in Brazil that reveals itself to censorship and prejudice. Nonetheless, red is not the only color - several other shades form the Amazonian people.

In the series Monocromos (Monochrome), the artist reaches the minimum particle, the pixel image of the skin of a citizen, and amplifies it, collecting hues in a kind of mapping of the individual whose subjectivity is of no interest to institutions, but his skin color and physical features do matter because he does not correspond to the Western beauty standard.

Well, we are in the Amazon... Statistics show that the poor, brown, black and caboclo individuals are the most numerous group approached in police checkpoints and raids. Integrity is not at stake here. They are potential suspects anyway, because their color and shape so determines. They are not white, they have no fine features. They are “sullen-looking”. “It is better get them off the street”, “it is safer to lock them away”. That's right, the Amazon is not for wimps!... and Éder Oliveira knows it well, he is familiar with this absence of the State in relation to the other... His work exposes deep processes of subjectivation.

Unhappy portraits: subalternity, exception, anonymity; drug trafficking, extermination groups and one of the highest homicide rates... as shown by the Institute for Applied Economic Research (IPEA) with its Atlas of Violence 2016. And through it all, combined in the same chromatic mass, we have criminal and victim, side by side, all of them stemming from the appalling violence established in the root of the region's overwhelming social fabric.

They are not politicians, nor celebrities. In Oliveira's mural painting, the logic of power is subverted, wore thin to its utmost limit. Suspects and policemen are together in an abyss that segregates and hurts. Oliveira starts from some conducts that might appear in an anthropological research and then manages to be next to others, invite them to a field of reflection about the game of representations. Soldiers and marginals are listed in this challenge of opposites. Are they really opposites? History is here, and we know what leads many young people to consider the police force as a means of survival, but bring with them all the

frustrations of exclusion which are also present in the life of their supposed opponents.

The invitation that Éder Oliveira makes us is very strong and serious. A continuous process of otherness and critical reflection about our place. These are images, image-words that shake us, as if saying: See! Wake up! Take a stand.

Those are dark times we are living in; colours are persecuted, and art is accused because, deep down, it leads us to think about our role as humans and must position ourselves.

There is an urge to counteract the enormous wave of violence sweeping over Brazil and the world. With his colour-blind look, Oliveira does not shy away from looking at and extending the borders to give an account of the struggle that he sees in life and to make a painting that, beyond its technical and aesthetics quality, is conceptual, ethical, and exposes the banality of everyday violence introduced not only in the Amazon, but throughout the country. He focuses on the marginalized citizen who faces daily stigmas. Brown, mulatto, caboclo, typical, indigenous, northern, marajoara, camouflaged in his own daily life by racism and discrimination, pushed to margins of society by society itself.

Captured by the works of Éder Oliveira, we can be sure that, in difficult times, Art is the only option against violence.

Orlando Maneschy
Researcher, professor, artist, critic and independent curator. PhD in Communication and Semiotics from PUC-SP. Curator of Amazoniana Collection of Art in UFPA.

PIPA

PRÊMIO □ PRIZE

ANO 8

Este ano o Prêmio PIPA celebra sua oitava edição, mantendo o compromisso de reconhecer e promover a excelência em projetos de infraestrutura no Brasil. A avaliação dos projetos é realizada por uma comissão julgadora independente, formada por especialistas em engenharia, arquitetura, meio ambiente e economia.

- 1. Energia
- 2. Saneamento
- 3. Transportes
- 4. Edifícios
- 5. Indústria
- 6. Outros

YEAR 8

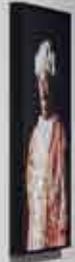
This year the PIPA Prize celebrates its eighth edition, maintaining the commitment to recognize and promote excellence in infrastructure projects in Brazil. The evaluation of projects is carried out by an independent judging committee, composed of experts in engineering, architecture, environment and economics.

- 1. Energy
- 2. Sanitation
- 3. Transport
- 4. Buildings
- 5. Industry
- 6. Others



COMENTE
COMMENT





1111



BÁRBARA WAGNER





INDICADOS NOMINEES

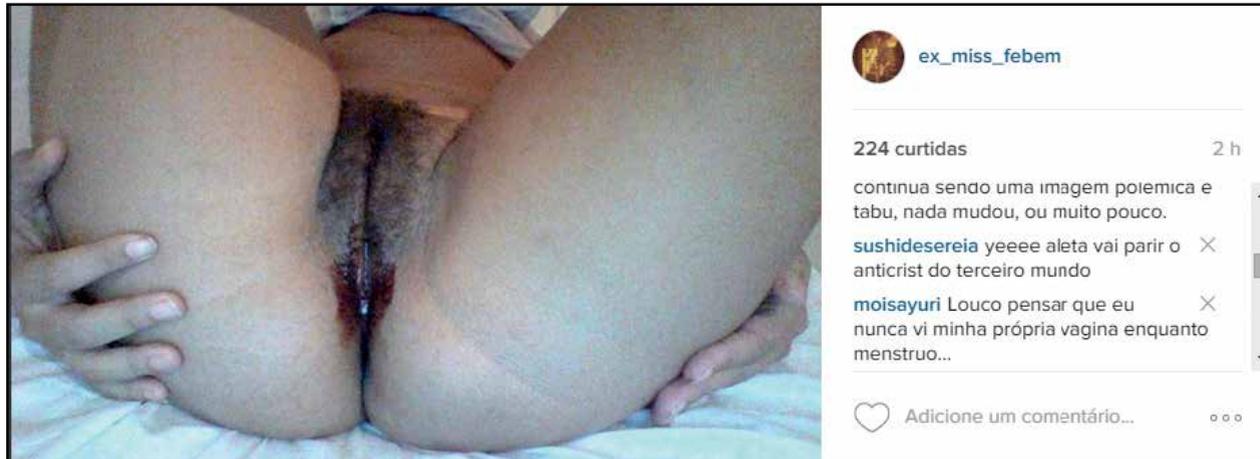
ALETA VALENTE
ALEXANDRE CANONICO
ANA LUISA SANTOS
ANA MAZZEI
ANA PRATA
ANA VAZ
ANDRÉ RICARDO
ANTON STEENBOCK
ARJAN MARTINS
ARTHUR CHAVES
BRUNO CANÇADO
CELINA PORTELLA
CHRISTUS NÓBREGA
DALTON PAULA
DANIEL JABLONSKI
DESALI
ELEONORA FABIÃO
FABRÍCIO LOPEZ
FELIPE MERES
FRANCISCO MAGALHÃES
GUSTAVO VON HA
GUY VELOSO
IVAN GRILO
JORGE LUIZ FONSECA
JORGE MENNA BARRETO
KARINA ZEN

LUÍSA NÓBREGA
LYZ PARAYZO
MARA DE CARLI
MARIA LAET
MARINA CAMARGO
MARIO BANDS
MUSA MICHELLE MATTIUZZI
ORLANDO DA ROSA FARYA
PALOMA BOSQUÊ
PAUL SETÚBAL
PEDRO FRANÇA
RAÍSSA DE GÓES
REGINA PARRA
RENATO PERA
RICARDO CÀSTRO
RODRIGO GARCIA DUTRA
ROMY POCZTARUK
RUBIANE MAIA
SOFIA BORGES
TIAGO CARNEIRO DA CUNHA
TONY CAMARGO
TÚLIO PINTO
ULYSSES BÔSCOLO
VICENTE DE MELLO
VIJAI PATCHINEELAM
VIRGÍNIA PINHO

ALETA VALENTE

RIO DE JANEIRO, RJ, 1986.
VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO, RJ
INDICADA AO PRÊMIO PIPA 2017

RIO DE JANEIRO, RJ, BRAZIL, 1986.
LIVES AND WORKS IN RIO DE JANEIRO, RJ.
PIPA PRIZE 2017 NOMINEE

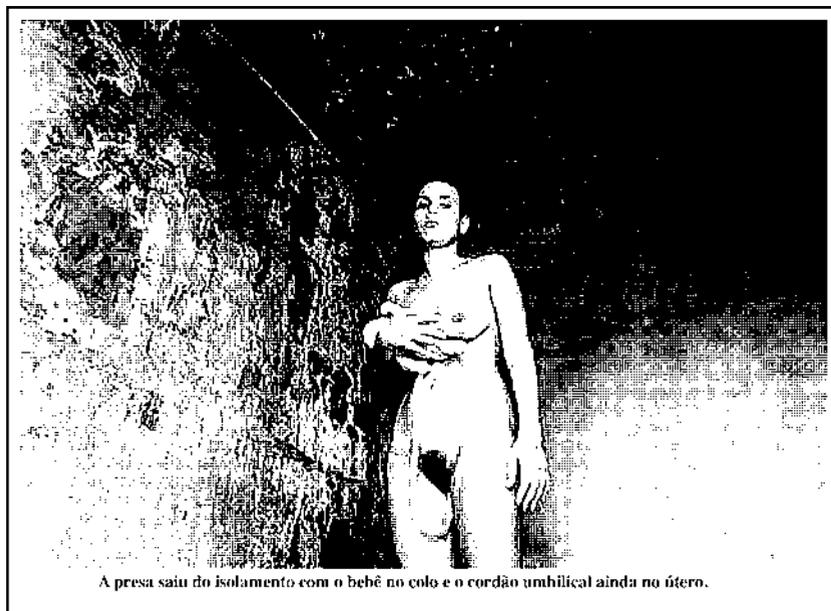


A misoginia está vazando, 2016, video loop 8', gravação de tela
Misogyny is Leaking, 2016, video loop 8', screen recording

A Origem do Novo Mundo, 2016, foto digital
The Origin of the New World, 2016, digital photograph

Vamos Falar Sobre Aborto, 2017
Let's talk about abortion, 2017

Bárbara, 2016, ensaio fotografico
Bárbara, 2016, staged photo



Aleta converge sujeito e suporte, tese e tubo de ensaio, artista e ativista, modelo e fotógrafa, médica e monstra, musa e anti-musa. Abre seu corpo, sua carne, sua casa, sua cama, seu banheiro, seus amigos, seu cotidiano, resignificando e pondo à prova estereótipos, tabus, os limites da rede e os seus próprios. Faz das ferramentas online ferramentas ideológicas, de seu corpo, palco, manifesto e bode expiatório, inquirindo, interferindo e alfinetando formas de poder e controle, bem como os modelos instituídos de suas representações.

Trecho do texto "Aleta Valente, a boca do novo mundo" Alessandra Colasanti/Revista Nin vol. 2 (Editora Guarda-Chuva).

Aleta converges subject and support, thesis and test tube, artist and activist, model and photographer, doctor and monster, muse and anti-muse. She opens her body, her flesh, her house, her bed, her bathroom, her friends, her everyday, redefining and putting to the test stereotypes, taboos, and the limits of the internet and her own. She makes, from online tools, ideological tools, of her body, stage, manifesto and scapegoat, inquiring interfering and provoking forms of power and control, as well as the established models of their representations.

Extract from the text "Aleta Valente, a boca do novo mundo" Alessandra Colasanti/Nin Magazine vol. 2 (Guarda-Chuva Publishing House).

A misoginia está vazando, 2016, video loop 8', gravação de tela
Misogyny is Leaking, 2016, video loop 8', screen recording

ALEXANDRE CANONICO

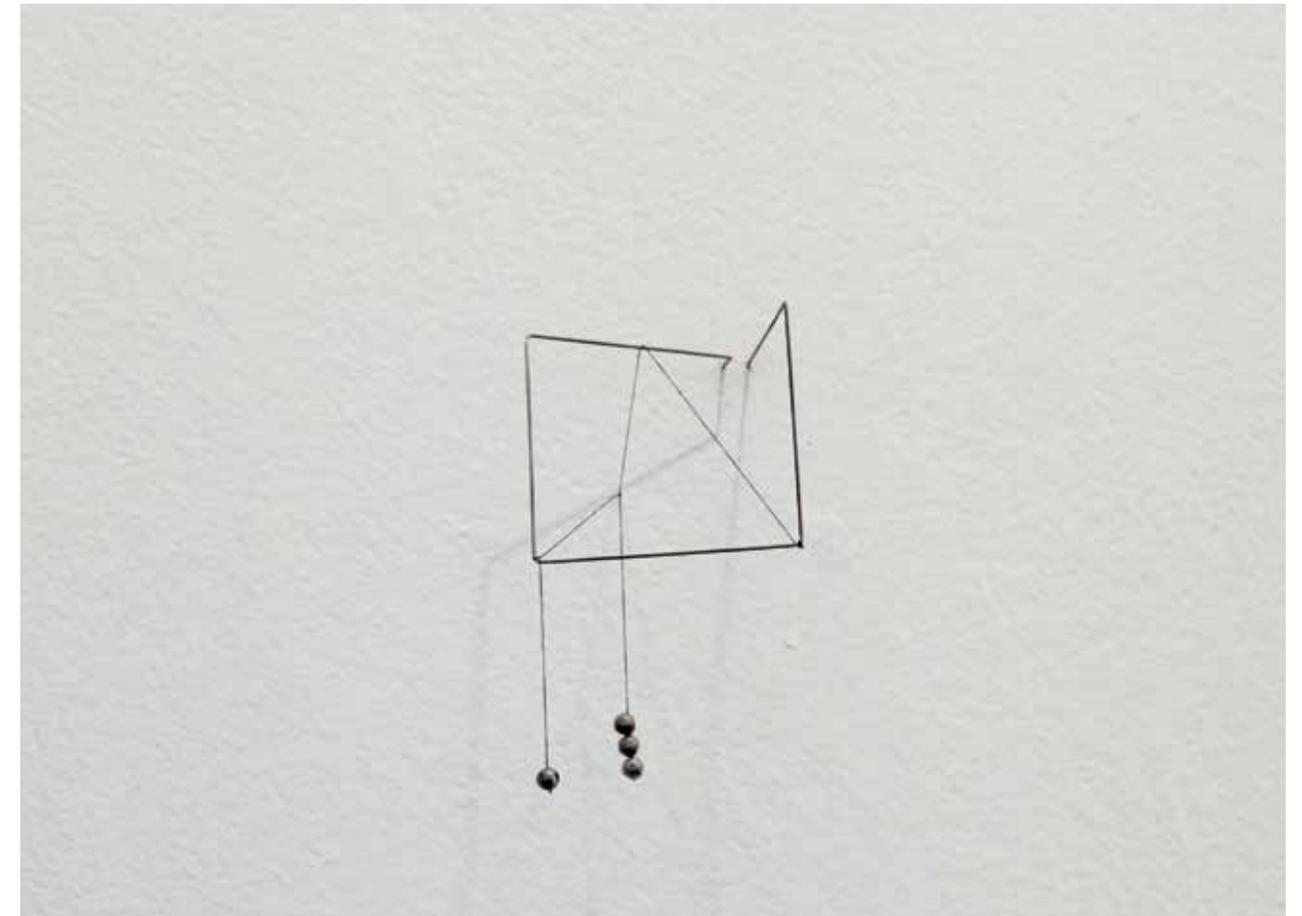
PIRASSUNUNGA, SP, 1974 | VIVE E TRABALHA EM LONDRES, REINO UNIDO | ALEXANDRECANONICO.TUMBLR.COM
GALERIA MARILIA RAZUK, SÃO PAULO, SP; SILVIA CINTRA + BOX4, RIO DE JANEIRO, RJ
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2017



Sem título, 2015, caixa de acrílico, papel e verniz, 50 x 50 cm
Untitled, 2015, acrylic box, paper and varnish, 50 x 50 cm

Sem título, 2015, vidro, compensado, formica, linha de pesca e arruela, 30 x 40 cm
Untitled, 2015, glass, wood, formica, fishing line and found washer, 30 x 40 cm

Sem título, 2015, acrílico, borracha, buchas de parede e massa fina, 60 x 43 cm
Untitled, 2015, acrylic, rubber, wall plugs, fine surface filler, 60 x 43 cm



Minha prática é fortemente influenciada pela lógica e estética do desenho arquitetônico e da abstração geométrica. Os trabalhos nascem do interesse em materiais específicos e a exploração de suas possibilidades plásticas resulta em séries de trabalhos nas quais o uso desse material se repete. Os materiais escolhidos são industrializados e facilmente disponíveis. Formalmente, os trabalhos tendem a uma resolução simples e a uma economia de gestos, e os processos que os estruturam são evidentes.

My practice is influenced by the aesthetics and logic of architectural drawing and the legacy of geometric abstraction. The works are usually driven by an interest in a specific material and the exploration of its multiple possibilities very often results in a series. The materials are simple, cheap, industrialised and readily available. Formally the works tend to an economical resolution. There is not much making in their making, and the processes that structure them are always evident.

Sem título, 2013, fio de aço, linha e chumbada de pesca, 11 x 6.5 x 6 cm
Untitled, 2013, steel wire, thread and fishing weight, 11 x 6.5 x 6 cm

ANA LUISA SANTOS

BELO HORIZONTE, MG, 1979 | VIVE E TRABALHA EM BELO HORIZONTE, MG | ANASANTOSNOVO.COM
INDICADA AO PRÊMIO PIPA 2017



Ana Luisa Santos é performer e escritora. Mestre em Comunicação Social/UFMG e Pós-Graduada em Arte da Performance/FAV, atua também como curadora em artes da presença na realização de exposições e residências artísticas, núcleos de pesquisa e criação, atividades de formação e política. Desenvolve trabalhos para teatro e dança, com destaque para dramaturgia e figurino. É idealizadora do PERFURA \ ATELIÊ DE PERFORMANCE e co-diretora da plataforma O QUE VOCÊ QUEER. Vive e trabalha em BH.

Ana Luisa Santos is a performer and a writer. She has a Masters in Social Communications/UFMG and a postgraduate degree in Performance Art/FAV, and also acts as performance curator in exhibitions and artistic residencies, nucleuses of research and creation, formational and educational activities. She develops works for theatre and dance, favouring playwriting and costume design. She is the founder of PERFURA \ ATELIÊ DE PERFORMANCE and co-director of the platform O QUE VOCÊ QUEER. She lives and works in Belo Horizonte.



Melindrosa, 2014, concepção e performance
Ana Luisa Santos, notas de R\$10, foto Luiza Palhares

Melindrosa, 2014, concept and performance
Ana Luisa Santos, bills of R\$10, photo Luiza Palhares



ANA MAZZEI

SÃO PAULO, SP, 1978 | VIVE E TRABALHA EM SÃO PAULO, SP | ANAMAZZEI.NET
GALERIA JAQUELINE MARTINS, SÃO PAULO, SP; E GALLERIE EMMANUEL HERVÉ, PARIS, FRANÇA
INDICADA AO PRÊMIO PIPA 2014, 2015 E 2017



Espetáculo, 2016, madeira, madeira pintada, feltro, ferro, 4,50 x 14,50 x 4,50m
Show, 2016, wood, painted wood, felt and iron, 4,50 m x 14,50 m x 4,50 m

Citadela, 2014, madeira, borracha industrial, dimensões variáveis
Citadel, 2014, wood, industrial rubber, variable dimensions

Ana Mazzei nasceu e mora em São Paulo. Bacharel em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP, São Paulo) e Mestre em Poéticas Visuais pela UNICAMP, São Paulo. Em 2013 foi selecionada como artista residente na Cité Internationale des Arts, Paris, com bolsa fornecida pela FAAP. Em 2011/12 participou do Programa de Estudos Independentes da Escola São Paulo (PIESP) dirigido por Adriano Pedrosa. É membro e fundadora do Teatro Facada.

Ana Mazzei was born and lives in São Paulo. She has a Bachelor in Visual Arts from Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP, São Paulo). Masters degree in Visual Poetry from UNICAMP, São Paulo. In 2013, Mazzei was selected as resident artist in the Cité Internationale des Arts, Paris, with a grant provided by FAAP. In 2011/12 she participated in the Programme of Independent Studies of the School of São Paulo (PIESP) directed by Adriano Pedrosa. She is a member and founder of the Teatro Facada.

SÃO PAULO, BRAZIL, 1978 | LIVES AND WORKS IN SÃO PAULO, BRAZIL | ANAMAZZEI.NET
GALERIA JAQUELINE MARTINS, SÃO PAULO, BRAZIL; AND GALLERIE EMMANUEL HERVÉ, PARIS, FRANCE
PIPA PRIZE 2014, 2015 AND 2017 NOMINEE



Speech about the sun, 2015, madeira, feltro, borracha, dimensões variáveis
Speech about the sun, 2015, wood, felt, rubber, variable dimensions

Monolito e a Sentinela, 2015, madeira, borracha, isopor, ferro, dimensões variáveis
Monolith and the Sentinel, 2015, wood, rubber, polystyrene, iron, variable dimensions



ANA PRATA

SETE LAGOAS, MG, 1980 | VIVE E TRABALHA EM SÃO PAULO, SP | ANAPRATA.NET
GALERIA MILLAN, SP; E PIPPY HOULDSWORTH GALLERY, LONDRES, RU
INDICADA AO PRÊMIO PIPA 2017



Left, 2015, óleo e tinta spray sobre tela, 200 x 150 cm

Left, 2015, oil and spray paint on canvas, 200 x 150 cm



Here below, 2016, óleo e tinta spray sobre tela, 157 x 157 cm

Here below, 2016, oil and spray paint on canvas, 157 x 157 cm

Paisagem com montanha, 2014, óleo sobre tela e pedra, 35 x 24 cm

Landscape with mountain, 2014, oil on canvas and stone, 35 x 24 cm



Ana Prata entende a pintura como meio de experimentação e linguagem. Seus trabalhos possuem uma larga variação formal, apresentam-se em diferentes escalas, temas e materiais. A permissividade para a mudança é uma característica do seu processo, e esta decorre da recusa às certezas absolutas, do exercício do arbítrio constante. Cada vez mais o trabalho se aproxima do desenho infantil, do arcaico, de símbolos universais, e até mesmo da arte moderna, reforçando uma crença na comunicação direta e sensível. Formada em artes plásticas pela ECA USP, realizou individuais na Galeria Millan em São Paulo, e Pippy Houldsworth Gallery em Londres, e participou de mostras no Instituto Tomie Ohtake (São Paulo), IMS (Rio de Janeiro), CCSP, Festival Video Brasil (São Paulo), entre outros.

Ana Prata understands painting as an experimental medium and a language. Through different scales, themes and materials, her work possesses a large formal variation. This permissiveness for change is one of the characteristics of her process, which comes from the refusal of all absolute truth and the constant exercise of free will. More and more her work gets closer to childlike drawings, to the archaic, to universal symbols and to modern art itself, which reinforces her belief in a direct and earnest communication. Graduated in arts at ECA USP, has held solo shows at Galeria Millan in São Paulo and Pippy Houldsworth Gallery in London, and participated in collective shows at Instituto Tomie Ohtake (São Paulo), IMS (Rio de Janeiro), CCSP, Festival Video Brasil (São Paulo), and many others.



Retrato, 2017, óleo sobre barbante, 37 x 30 cm

Portrait, 2017, oil on string, 37 x 30 cm

ANA VAZ

BRASÍLIA, DF, 1986 | VIVE E TRABALHA EM LISBOA, PORTUGAL; E PARIS, FRANÇA | VIMEO.COM/ANAVAZ
INDICADA AO PRÊMIO PIPA 2017

BRASILIA, BRAZIL, 1986 | LIVES AND WORKS IN LISBON, PORTUGAL; AND PARIS, FRANCE | VIMEO.COM/ANAVAZ
PIPA PRIZE 2017 NOMINEE



Há Terra!, 2016, vídeo, 13',
16mm transferido para HD, 16:9
There is land!, 2016, vídeo, 13',
16mm transferred to HD, 16:9

Há Terra!, 2016, 13', vídeo,
16mm transferido para HD, 16:9
There is land!, 2016, vídeo, 13',
16mm transferred to HD, 16:9

Ana Vaz é artista visual e cineasta cujos filmes e seus múltiplos desdobramentos nos campos das instalação, performance ou publicações buscam aprofundar as relações entre percepção e linguagem, o eu e o outro, o mito e o documento a partir de uma cosmologia de perspectivas. Associando materiais encontrados ou fabricados, seus filmes combinam etnografia e análise explorando as zonas de fricção ou ficção a partir de encontros, experiências sensoriais e afrontamentos sensíveis.

Ana Vaz is an artist and filmmaker whose films and other expanded works in the fields of performance, installation or publication speculate upon the relationships between perception and language, self and other, myth and history through a cosmology of signs, references and perspectives. Assemblages of found and shot materials, her films combine ethnography and speculation in exploring the frictions and fictions imprinted upon both cultivated and savage environments and their multiple inhabitants.



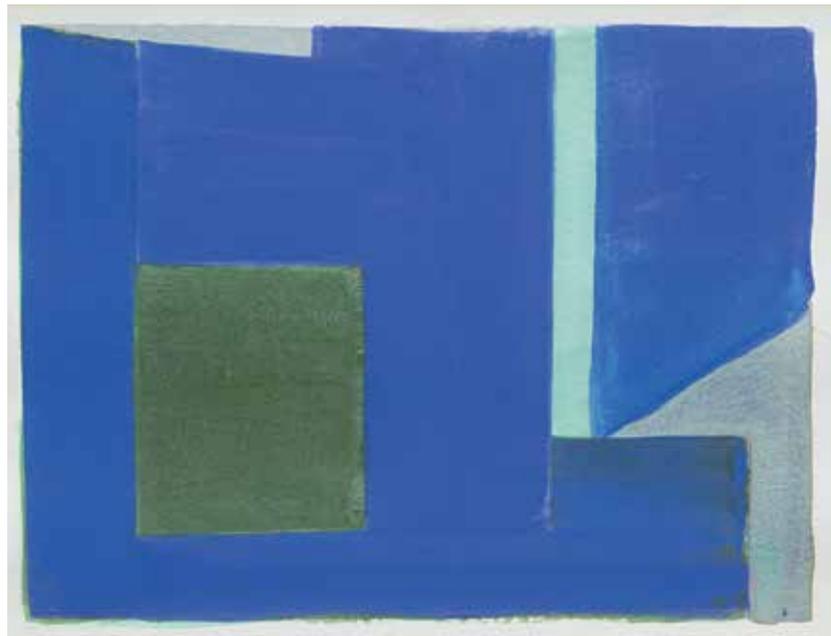
Amérika: Bahía de las Flechas, 2016, vídeo, 9', HD, 16:9
Amérika: Bahía de las Flechas, 2016, vídeo, 9', HD, 16:9

A Idade da Pedra, 2013, vídeo, 29', 16mm transferido para HD e CGI, 16:9
The Stone Age, 2013, vídeo, 29', 16mm transferred to HD and CGI, 16:9

ANDRÉ RICARDO

SÃO PAULO, SP, 1985 | VIVE E TRABALHA EM SÃO PAULO, SP | ANDRERICARDO.NET.BR
GALERIA PILAR, SÃO PAULO, SP
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2017

SÃO PAULO, BRAZIL, 1985 | LIVES AND WORKS IN SÃO PAULO, BRAZIL | ANDRERICARDO.NET.BR
GALERIA PILAR, SÃO PAULO, BRAZIL
PIPA PRIZE 2017 NOMINEE



Sem título, da série Elemento Vazado, 2015, têmpera, acrílico, óleo e esmalte sobre madeira e alumínio, 20,3 cm x 11,8 cm
Untitled, from the series Elemento Vazado 2015, temper, acrylic, oil and enamel on aluminum and wood, 20,3 cm x 11,8 cm

Sem título, da série Campo Limpo, 2016, caseína e aquarela sobre papel, 24 cm x 32 cm
Untitled, from the series Campo Limpo, 2016, watercolor and casein on paper, 24 cm x 32 cm

Caçamba 4, 2010, óleo sobre tela, 270 cm x 140 cm
Dump bed 4, 2010, oil on canvas, 270 cm x 140 cm



A pintura de André Ricardo é atravessada pelos arredores que a circundam – as vistas, a paisagem e suas frestas, o movimento, mas, para além disso, é circundada também pelos vários códigos visuais e sociais presentes nos ambientes por onde o artista transita e os quais domina. Contaminada pelo entorno a pintura do artista se alinha, como diz Tadeu Chiarelli, à “produção de uma arte alheia aos purismos dos cânones mas sempre preocupada com seu tempo e lugar.”

Trecho de “O Através na Pintura de André Ricardo”, Ana Avelar, 2015.

André Ricardo's painting is pervaded by its surroundings – the views, the landscape and its gaps, the movement. More than just that, it is also encircled by the many different visual and social codes existing in the environments the artist navigates and masters. Contaminated with its surroundings, his paintings aligns, as Tadeu Chiarelli says, with “an art production unrelated to canon purism, yet constantly concerned with its time and place”.

Excerpt from “Through André Ricardo's painting”, Ana Avelar, 2015

Espaços da Cor, Paço das Artes, São Paulo, 2011
Spaces of Colour, Paço das Artes, São Paulo, 2011

ANTON STEENBOCK

ALEMANHA, 1984 | VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO, RJ; E BERLIN, ALEMANHA | ANTONSTEENBOCK.NET
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2017

GERMANY, 1984 | LIVES AND WORKS IN RIO DE JANEIRO, BRAZIL; AND BERLIN, GERMANY | ANTONSTEENBOCK.NET
PIPA PRIZE 2017 NOMINEE



Casamento do Pepino Pepino, Raspberry PI, Rojão, Véu Redbull Station, São Paulo, 2016, 110 x 50 x 80 cm, foto Ignacio Aronovich

Cucumber Wedding Cucumber, Raspberry PI, Roja, Veil Redbull Station, São Paulo, 2016, 110 x 50 x 80 cm

Os Artistas mais bem-sucedidos tendem a seguir uma programação diária rígida e bem estruturada: levantam cedo, fazem atividades físicas e têm sempre snacks em mão para recarregar as energias. Encontrar um equilíbrio pode demorar um pouco, mas cuidar de si mesmo fará a diferença.

Antonio da Silva Presidente - Da Silva Brokers
ART LAB

The most successful Artists tend to follow a rigid and well-structured daily schedule: they get up early, do physical activities, and always have snacks on hand to recharge their energy. Finding a balance may take a while, but taking care of yourself will make the difference.

Antonio da Silva President - Da Silva Brokers
ART LAB



Parque LAB Instalação / intervenção
Projeto fictício de anexo pensado para o Parque Lage, no Rio de Janeiro, 2013, 240 x 220 x 110 cm
Parque LAB Installation / intervention
Fictional attachment project designed for School of Visual Arts of Parque Lage, Rio de Janeiro, 2013, 240cm x 220cm x 110cm

Personagem fictício, CEO Da Silva Brokers.
Nasceu em 1948, Sorocaba
facebook.com/profile.
php?id=100012480672843&fref=ts
www.dasilva-engenharia.com
Parceria desde 2010
Antonio da Silva Fictional Character, CEO Da Silva Brokers. Born in 1948, Sorocaba
facebook.com/profile.
php?id=100012480672843&fref=ts
www.dasilva-engenharia.com
Partnership since 2010



Cesta Básica Instalação performática Ventilador, 2011, toalha de mesa, garrafas pequenas de vidro, cachaça e linha. Berlim, Alemanha, 200 x 200 x 220 cm
Cesta Básica Performance installation Fan, 2011, tablecloth, small glass bottles, cachaça and cotton thread. Berlin, Germany, 200 x 200 x 220 cm

ARJAN MARTINS

RIO DE JANEIRO, RJ, 1960 | VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO, RJ
A GENTIL CARIOCA, RIO DE JANEIRO, RJ
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2010, 2011, 2014, 2016 E 2017



O Estrangeiro XIX, 2017,
óleo sobre tela, 200 x 150 cm

O Estrangeiro XIX, 2017,
oil on canvas, 200 x 150 cm

O Estrangeiro VII, 2017,
óleo sobre tela, 200 x 150 cm

O Estrangeiro VII, 2017,
oil on canvas, 200 x 150 cm

O Estrangeiro VIII, 2017,
óleo sobre tela, 200 x 150 cm

O Estrangeiro VIII, 2017,
oil on canvas, 200 x 150 cm

RIO DE JANEIRO, BRAZIL, 1960 | LIVES AND WORKS IN RIO DE JANEIRO, BRAZIL
A GENTIL CARIOCA, RIO DE JANEIRO, BRAZIL
PIPA PRIZE 2010, 2011, 2014, 2016 AND 2017 NOMINEE

Em sua obra está sempre presente a questão da identidade étnica. Emprega fotos históricas que retratam pessoas no dia-a-dia em confronto com a temática da migração. Transmite o questionamento em uma variedade de suportes: pedaços de madeira recolhidos do entulho, papéis, paredes, pisos, a própria cidade, etc. Esboça silhuetas suaves ou contornos definidos, emprega caiação ou coloração de superfícies, por vezes em explosão pictórica. O espectador sente ali os impulsos e as tensões que vivem nesse seu universo íntimo.

Daniel Faust, Diretor da Fundação Brasilea

His work is characterized by the question of ethnic identity. He uses historical photos depicting people in everyday situations and dealing with migration. Arjan Martins translates the overarching question to a variety of surfaces: thrown away pieces of wood, paper, walls, floors, the city as such, etc. He sketches quiet silhouettes as well as exact borders, uses whitewash or lets his realizations explode painterly. In Arjan Martin's works, the viewer feels the drive and tensions of his inner universe.

Daniel Faust, Brasilea Foundation Director



O Estrangeiro XX, 2017, óleo sobre tela, 200 x 150 cm

O Estrangeiro XX, 2017, oil on canvas, 200 x 150 cm

ARTHUR CHAVES

RIO DE JANEIRO, RJ, 1986 | VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO, RJ
ANITA SCHWARTZ GALERIA DE ARTE, RIO DE JANEIRO, RJ
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2017



Sem título, 2016, técnica mista e tecido, 180 x 100 cm

Untitled, 2016, mixed media on fabric, 180 x 100



Sem título, 2016, técnica mista e tecido, 170 x 95 cm

Untitled, 2016, mixed media on fabric, 170 x 95 cm

Sem título, 2016, técnica mista e tecido, 330 x 240 cm

Untitled, 2016, mixed media on fabric, 330 x 240

Formado em design de moda pela Universidade Veiga de Almeida (2007), Rio de Janeiro, o artista se dedica ao desenho em suas múltiplas acepções. Suas últimas obras conciliam pintura, desenho e costura em peças de tecido sem forma definida. Entre 2007 e 2016, participou de exposições na Casa França Brasil, Rio de Janeiro; na The School for Curatorial Studies, Veneza; na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro, e no Ateliê Subterrânea, Porto Alegre. Atualmente, é professor do curso Procedência e Propriedade no Ateliê Novo Mundo, Rio de Janeiro.

Graduated in fashion design from Universidade Veiga de Almeida, Rio de Janeiro, in 2007, the artist dedicates himself to drawing in its multiple meanings. His latest works combine painting, drawing and sewing into pieces of fabric with no defined shape. Between 2007 and 2016 he participated in exhibitions at Casa França Brasil, Rio e Janeiro; at The School for Curatorial Studies in Venice; at Escola de Artes Visuais do Parque Lage (School of Visual Arts of Parque Lage), Rio de Janeiro and at Ateliê Subterrânea, Porto Alegre. He is currently a professor of the course "Origin and Ownership" at Ateliê Novo Mundo, Rio de Janeiro.



Sem título, 2017, técnica mista e tecido, 340 x 215 cm

Untitled, 2017, mixed media on fabric, 340 x 215 cm

BRUNO CANÇADO

BELO HORIZONTE, MG, 1981 | VIVE E TRABALHA EM BELO HORIZONTE, MG | BRUNOCANÇADO.COM
AM GALERIA DE ARTE, BELO HORIZONTE, MG E CENTRAL GALERIA, SÃO PAULO, SP
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2017



Sem título, 2014, concreto, cobre e pregos de aço, 27 x 125 x 7 cm

Untitled, 2014, concrete, copper and steel nails, 27 x 125 x 7 cm

O, 2012, carvão, concreto e madeira; desenho 45 x 30 cm, escultura 45 x 30 x 45 cm

O, 2012, charcoal, concrete and wood; drawing 45 x 30 cm, sculpture 45 x 30 x 45 cm

Sem título (Estar), 2013, concreto, 50 x 150 x 130 cm

Untitled (slab), 2013, concrete, 50 x 150 x 130 cm

Graduado em Comunicação Social pela PUC Minas e em Artes Plásticas pela Escola Guignard UEMG. Foi selecionado para os programas de residência artística do Bemis Center for Contemporary Arts, EUA; Fine Arts Work Center in Provincetown, EUA; Instituto Sacatar, Bahia. Foi contemplado com Prêmio Bolsa Residência da Feira SPArte 2014 na Fundação Bienal de Cerveira, Portugal. Seu trabalho integra as coleções do MAC Niterói e Museu de Arte do Rio.

Graduated in Communication Studies from PUC MG and Fine Arts from Escola Guignard UEMG. He was selected for the residency programs at: Instituto Sacatar, Brazil; Fine Arts Work Center in Provincetown, USA; Bemis Center for Contemporary Arts, USA; Fundação Bienal de Cerveira, Portugal. He was awarded the 2014 ICCo SP Art Residency Grant in the 10th São Paulo International Art Fair. His work is held in the collection of MAC Niterói, Brazil; and MAR RJ, Brazil.

BELO HORIZONTE, BRAZIL, 1981 | LIVES AND WORKS IN BELO HORIZONTE, BRAZIL | BRUNOCANÇADO.COM
AM GALERIA DE ARTE, BELO HORIZONTE, AND CENTRAL GALERIA, SÃO PAULO, BRAZIL
PIPA PRIZE 2017 NOMINEE

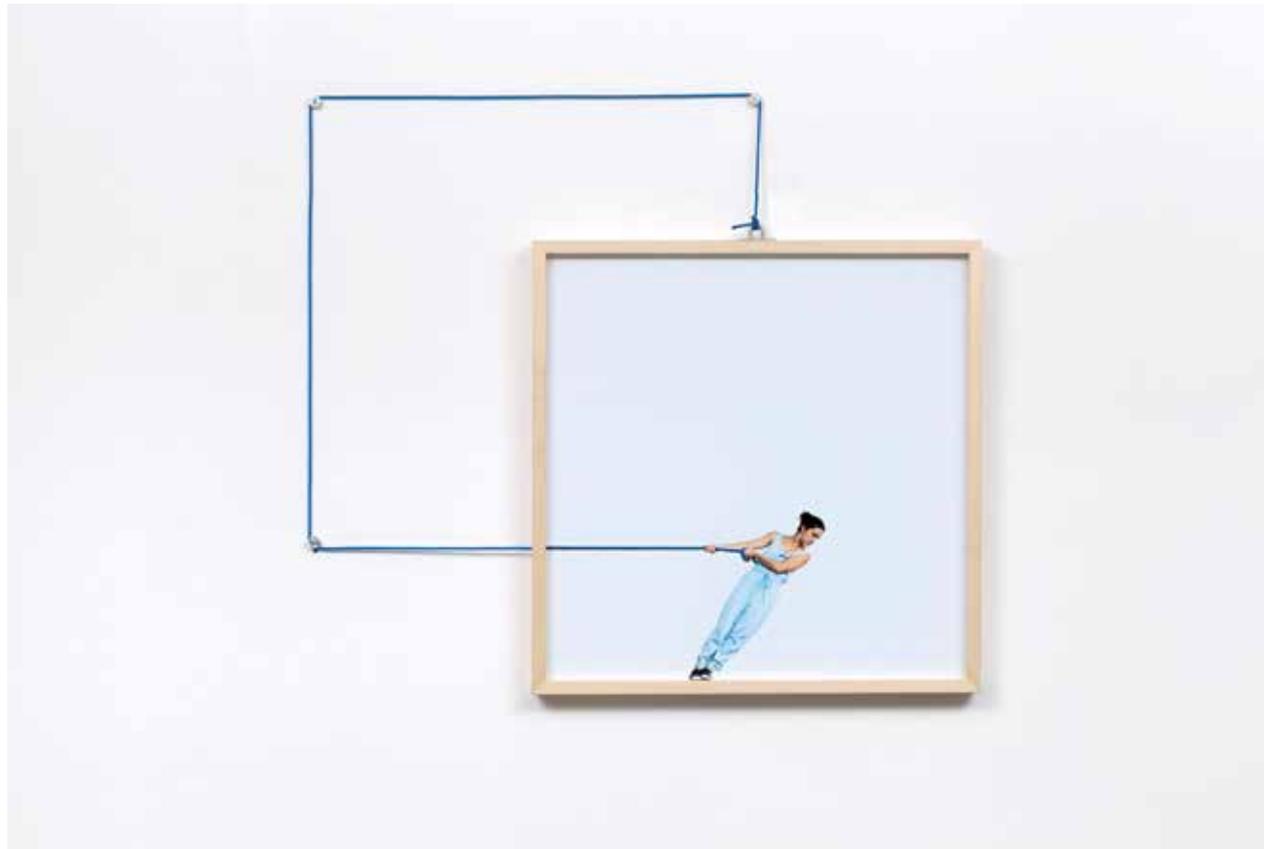


Geometria da distância, 2016, madeira, cerâmica e asfalto, 130 x 40 x 40 cm
Geometry of a Distance, 2016, wood, ceramic and asphalt, 130 x 40 x 40 cm

CELINA PORTELLA

RIO DE JANEIRO, RJ, 1977 | VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO, RJ
GALERIA INOX, RIO DE JANEIRO, RJ
INDICADA AO PRÊMIO PIPA 2013 E 2017

RIO DE JANEIRO, BRAZIL, 1977 | LIVES AND WORKS IN RIO DE JANEIRO, BRAZIL
GALERIA INOX, RIO DE JANEIRO, BRAZIL
PIPA PRIZE 2013 AND 2017 NOMINEE



Auto-Sustentável, 2016, foto-objeto, 70 x 78 cm
Self-sustainable, 2016, photo-object, 70 x 78 cm

Um peso e uma medida, 2016, foto-objeto, 80 x 95 cm
A weight and a measure, 2016, photo-object, 80 x 95 cm



O legado da herança, 2015, foto-objeto, 23 x 42cm, foto Maria Mazzillo
The legacy of inheritance, 2015, photo-object, 23 x 42 cm, photo Maria Mazzillo

Quadro Cortado/10, 2015, foto-objeto, 37 x 59 cm
Cut out frame/10, 2015, photo-object, 37 x 59 cm

Celina Portella vem trabalhando nos últimos anos com instalações, em obras que se caracterizam especialmente por um questionamento sobre a representação do corpo e sua relação com o espaço. A investigação em torno do suporte físico da imagem, decorrente de suas experimentações com projeção em escala real, levam a artista a incluir o “objeto” em seus trabalhos, articulando realidade material e o mundo da virtualidade. Interdisciplinar, sua pesquisa toca nos mundos da dança, da performance, da arquitetura e do cinema, e mais recentemente, da escultura.

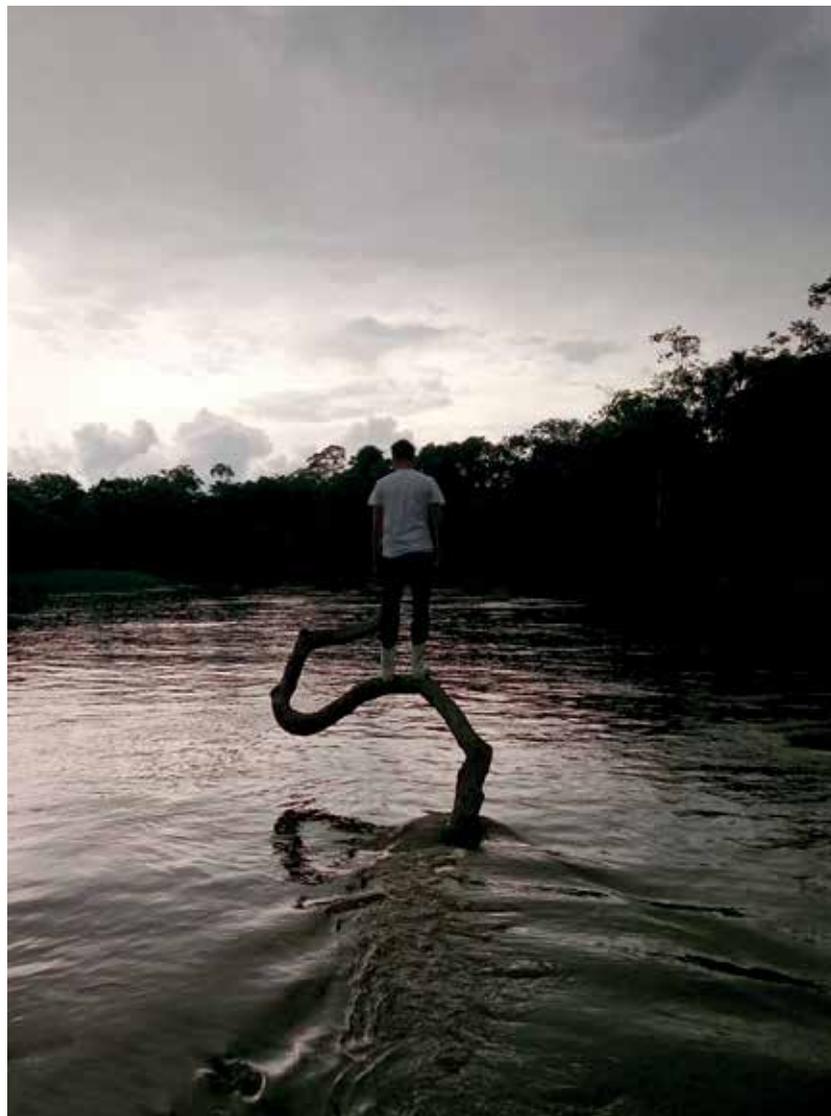
Celina Portella has been working in recent years with installations, on works that characterise themselves especially by a questioning of the representation of the body and its relation with space. The investigation surrounding the physical support of the image, deriving from her experimentation with projection in real scale, brings the artist to include the ‘object’ in her works, articulating material reality and the virtual world. Her interdisciplinary research approaches the worlds of dance, of performance, of architecture and of cinema, and more recently, of sculpture.



CHRISTUS NÓBREGA

JOÃO PESSOA, PB, 1976 | VIVE E TRABALHA EM BRASÍLIA, DF | CHRISTUSNOBREGA.COM

REFERÊNCIA GALERIA DE ARTE, BRASÍLIA, DF; GALERIA MURILO CASTRO, BELO HORIZONTE, MG; E AMARELONEGRO ARTE CONTEMPORÂNEA, RIO DE JANEIRO, RJ
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2017



Ilha do Imperador, 2014, da série Expedição Outono, metacrilato, 90 x 150cm
Emperor's Island, 2014, from the series *Autumn Expedition*, methacrylate, 90 x 150cm

Christus Nóbrega vem explorando a imagem por meio da excepcionalidade de seu caráter de vertigem, levantando a suspeita da sua relação de imanência com nosso mundo. Ao falar de mundos, aparentemente o seu ou de outros que o cruzam, explora imagens componíveis em sua transição entre fotografia, foto-objeto, vídeo e arte computacional.

Christus Nóbrega has been exploring images in relation to their unique vertigo character, questioning their supposed indexical relationship with reality. When talking about worlds, be either his or of those who cross his path, he plays with composable images, transiting through photography, photo-object, video and computer-generated art.



Sudário, 2013, foto-performance, impressão jato de tinta com tinta feita com sangue do artista, 21 x 63 cm
Shroud, 2013, photo-performance, inkjet print made with the artist's own blood, 21 x 63 cm

JOÃO PESSOA, PB, 1976 | LIVES AND WORKS IN BRASÍLIA, BRAZIL | CHRISTUSNOBREGA.COM
REFERÊNCIA GALERIA DE ARTE, BRASÍLIA; GALERIA MURILO CASTRO, BELO HORIZONTE; AND AMARELONEGRO ARTE CONTEMPORÂNEA, RIO DE JANEIRO
PIPA PRIZE 2017 NOMINEE



89 Passos. 89 Linhas. Desenhos sobre a Paz, 2015, performance, fotografia, desenho com GPS, dimensões variadas
89 Steps. 89 Lines. Drawings about Peace, 2015, performance, photograph, drawing with GPS, variable dimensions

O Enforcado (O Iluminado), série Bibliografia, 2014, impressão sobre livro herdado sobre fotografia, 90 x 200cm
Hanged (The Enlightened), from the series *Bibliography*, 2014, prints on inherited books on photographs, 90 x 200 cm



DALTON PAULA

BRASÍLIA, DF, 1982 | VIVE E TRABALHA EM GOIÂNIA, GO | DALTONPAULA.COM
SÉ GALERIA, SÃO PAULO, SP
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2017

BRASÍLIA, BRAZIL, 1982 | LIVES AND WORKS IN GOIÂNIA, BRAZIL | DALTONPAULA.COM
SÉ GALERIA, SÃO PAULO, BRAZIL
PIPA PRIZE 2017 NOMINEE



Caprino Calçado, 2017, óleo sobre tela,
30 x 60 cm, foto Paulo Rezende
Goat wearing footwear, 2017, oil on canvas,
30 x 60 cm, photo Paulo Rezende



Unguento, 2015, vídeo, 16''
foto João Pedro de Matos
Ointment, 2015, vídeo, 16''
photo João Pedro de Matos



O artista discute o corpo silenciado no meio urbano e atualmente investiga processos de cura relacionados aos usos e ritos litúrgicos das culturas populares, como em benzeduras, pajelanças e xamanismos. Também elabora um jogo entre a ação, o corpo, os objetos e as plantas medicinais contidas nesse herbário negro popular, a partir do qual traz reflexões sobre a cura, num sentido metafórico, capaz de articular tais práticas populares, valores ancestrais e o corpo físico e espiritual.

The artist discusses the silenced body in urban environments and currently investigates healing processes relating to the uses of rituals and liturgies of popular cultures, such as in benediction, "pajelança" and shamanism. He also elaborates a play between the action, the body the objects and the medicinal plants contained in this popular black herbarium, from those which bring reflections on healing, in a metaphorical sense, capable of articulating such popular practices, ancestral values and the physical and spiritual body.

A promessa B, 2012, fotografia,
60 x 270 cm, foto Heloá Fernandes
Promise B, 2012, photograph,
60 x 270 cm, photo Heloá Fernandes

Rota do tabaco (detalhe), 2016,
instalação de pintura sobre alguidar,
foto Paulo Rezende
Tobacco Route (detail), 2016, painting on clay
bowl, photo Paulo Rezende

DANIEL JABLONSKI

RIO DE JANEIRO, RJ, 1985 | VIVE E TRABALHA EM SÃO PAULO, SP | DANIELJABLONSKI.ORG
GALERIA JANAINA TORRES, SÃO PAULO, SP
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2017



O sono louco - quem vigia o vigia?, 2013 - 2016, série de 9 fotografias, 43 x 30 cm cada (detalhe)

The Mad Sleep - Who Watches The Watchman?, 2013 - 2016, series of 09 photographs, 43 x 30 cm each (detail)

Os anos possíveis, 2014-2016, 9 impressões fotográficas em jato de tinta sobre papel fotográfico, 20 x 30 cm cada, (detalhe)

Random Years, 2014-2016, series of nine inkjet photographs on photographic paper, 20 x 30 cm each (detail)



Artista visual, professor e pesquisador independente. Sua produção multifacetada, conjugando teoria e prática, investiga o lugar do sujeito na formação de novas mitologias e discursos do cotidiano. Trabalha com grande variedade de formatos, incluindo fotografias, objetos, instalações e escritos, os quais podem ser apresentadas tanto no contexto de uma exposição convencional quanto de uma publicação ou de uma palestra.

Daniel Jablonski is a visual artist, professor and independent researcher. His multifaceted production, uniting theory and practice, investigates the position of the subject in the formation of new mythologies and discussions of the everyday. He works with a large variety of formats, including photography, objects, installations and writings, which can be presented as much in the context of a conventional exhibition and as a publication or a lecture.

Pergunte a seus vizinhos, 2016, instalação, estrutura metálica, acrílico e letreiro luminoso (neon), 540 x 360 x 180 cm

Ask Your Neighbours, 2016, metal and acrylic, neon lights, 540 x 360 x 180 cm

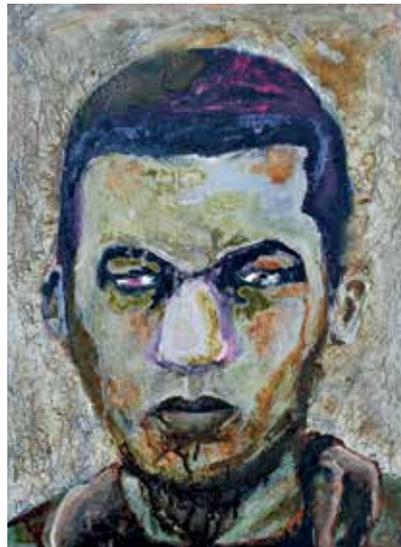
Não deixe o artista virar professor, 2016, aula pública de longa duração no auditório da Escola de Artes Visuais do Parque Lage
Don't Let The Artist Become a Teacher, 2016, long duration public class lecture in the auditorium of School of Visual Arts of Parque Lage



DESALI

BELO HORIZONTE, MG, 1983 | VIVE E TRABALHA EM BELO HORIZONTE, MG | DESALI.COM
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2017

BELO HORIZONTE, BRAZIL, 1983 | LIVES AND WORKS IN BELO HORIZONTE, BRAZIL | DESALI.COM
PIPA PRIZE 2017 NOMINEE



Alison, 2010, acrílica sobre madeira, 45 x 36 cm
Alison, 2010, acrylic on wood, 45 x 36 cm

Rua Abolição, nº 95, 2015, acrílica sobre madeira, 26 x 28 cm
95 Abolition Street, 2015, acrylic on wood, 26 x 28 cm

Série em processo: Doce sonâmbulo, 2009, papel fotográfico P&B, 60 x 50 cm
From the work in series: Sweet sleepwalker, 2009, B&W Photographic Paper, 60 x 50 cm



Transitando por múltiplas linguagens, como a pintura, a fotografia, a ação performativa e o vídeo, a obra de Desali é marcada pela subversão das hierarquias, tanto artísticas quanto sociais. Os resíduos da cidade e as memórias mais ínfimas podem ter valor artístico, assim como a figura do artista é vista com ironia e tratada de modo comum. Promove contato entre a periferia, os grupos desfavorecidos, e o universo da arte, questionando as instituições e as contaminando com a energia da rua.

Moving through multiple languages, such as painting, photography, performance and video, Desali's work is characterized by the subversion of hierarchies, both artistic and social. The waste of the city and the smallest memories can have artistic value, just as the figure of the artist is seen with irony and treated in a common way. He promotes contact between the suburbs, disadvantaged groups, and the art world, questioning the institutions and contaminating them with the street's energy.

Izidora, presente

Ação realizada durante o projeto Simbio 2016, na Galeria Mari' Stella Tristão, Palácio das Artes, Belo Horizonte, MG. Ação coletiva com Affonso Uchoa, Edim e moradores das ocupações da região da Izidora, consiste na ocupação do espaço com um barraco de demarcação, apresentação de vídeo e fotografias tiradas no local.

Izidora, presente

Action taken during the Simbio 2016 project in the Mari' Stella Tristão Gallery, Palácio das Artes, Belo Horizonte, MG. Collective action with Affonso Uchoa, Edim and residents of the Izidora region's settlements (urban occupations); the exhibition consists of occupying the space with a demarcation shack, video presentation and photographs taken on the spot.

ELEONORA FABIÃO

RIO DE JANEIRO, RJ, 1968 | VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO, RJ | ELEONORAFABIAO.COM.BR
INDICADA AO PRÊMIO PIPA 2017



Eleonora Fabião é uma artista que realiza ações. Desde 2008 performa nas ruas. Interessa-se por poéticas e éticas do estranho, do encontro e do precário. Realiza performances, exposições, publicações, palestras e workshops no Brasil e no exterior. Em 2011 recebeu o Prêmio Funarte Artes na Rua. Em 2014 o apoio do Programa Rumos Itaú Cultural para publicação do livro AÇÕES/ ACTIONS (Rio de Janeiro: Tamanduá Arte, 2015). Professora do Programa de Pós-graduação em Artes da Cena e do Curso de Direção Teatral ECo/UFRJ. Doutora em Estudos da Performance pela NYU.

Eleonora Fabião is an action artist. Since 2008 she performs in the streets. Fabião is interested in the poetics and ethics of the strange, of the encounter, of precariousness. She performs, participates in exhibitions, publishes, lectures and conducts workshops in Brazil and abroad. In 2011 Fabião received the Funarte Art in the Streets Award; in 2014, the Rumos Itaú Cultural Grant for the publication of the book AÇÕES/ACTIONS (Rio de Janeiro: Tamanduá Arte, 2015). Professor at the Federal University of Rio de Janeiro, School of Communication – Arts of the Scene Graduate Program and Theater Directing Undergraduate Program. PhD in Performance Studies, NYU.

MOVIMENTO HO, 2016, Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, Rio de Janeiro. Ocupar com 4.700 tijolos, 3 livros e 7 pessoas parte do andar térreo e arredores do Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica por 7 dias corridos. Desligar a energia elétrica, pintar uma das paredes de amarelo 100% e abrir janelas e portas. De segunda a domingo fazer e desfazer composições, formar e desformar espaços, mover e ser movido. Aceitar ajuda de quem quiser ajudar. Construir, seguir construindo, seguir aprendendo a construir. Na metade da semana abrir uma roda de conversa. No último dia transportar tijolos e livros para a Casa das Mulheres da Maré, um projeto da Redes de Desenvolvimento da Maré. Os tijolos se transformarão no quarto andar e na laje da Casa; os livros farão parte da biblioteca. Colaboradores: Maria Acselrad, Vinicius Arneiro, Elilson, Felipe Ribeiro, André Telles e Mariah Valeiras. Imagem digital; dimensões variáveis. Foto Felipe Ribeiro e André Telles

HO MOVEMENT, 2016, Hélio Oiticica Municipal Art Center, Rio de Janeiro. To occupy with 4,700 bricks, 3 books and 7 people part of the ground floor and surroundings of the Municipal Art Center Hélio Oiticica for 7 days in a row. To turn off the electric power, to paint one of the walls in yellow 100%, and to open windows and doors. From Monday to Sunday to make and unmake compositions, to form and unform spaces, to move and be moved. Accept help from anyone who wants to help. To construct, to keep constructing, to keep learning how to construct. In the middle of the week, to open a conversation circle. In the last day, to transport bricks and books to the Women's House at Maré, a project of the Redes de Desenvolvimento at Maré's community. The bricks will become the fourth floor and the rooftop of the House; the books will become part of the library. Collaborators: Maria Acselrad, Vinicius Arneiro, Elilson, Felipe Ribeiro, André Telles and Mariah Valeiras. Digital image; variable dimensions. Photo Felipe Ribeiro and André Telles



no meio da noite tinha um arco-íris, no meio do arco-íris tem uma noite, 2015, Rio de Janeiro. Convidar amigos para fazer um arco-íris resplandecer na noite da cidade; Clara Acioli, Gunnar Borges, Pedro Gualda, Sissi Mazzetti, Cinthia Mendonça, José Ricardo Monteiro Neto, Elisa Peixoto, Luiza Rangel, Renata Teixeira e André Telles. Imagem digital, dimensões variáveis, foto Jaime Acioli

in the middle of the night there was a rainbow, in the middle of the rainbow there is a night, 2015, Rio de Janeiro. To invite friends to make a rainbow shine in the city's night; Clara Acioli, Gunnar Borges, Pedro Gualda, Sissi Mazzetti, Cinthia Mendonça, José Ricardo Monteiro Neto, Elisa Peixoto, Luiza Rangel, Renata Teixeira and André Telles. Digital image, variable dimensions, photo Jaime Acioli



Mancha Vermelha, Rio de Janeiro, 2013. Caminhar ensacada pela cidade. Banhar-me. Imagem digital, dimensões variáveis, foto Felipe Ribeiro
Red Stain, Rio de Janeiro, 2013. To walk, bagged, around the city. To bathe. Digital image, variable dimensions, photo Felipe Ribeiro

RIO DE JANEIRO, BRAZIL, 1968 | LIVES AND WORKS IN RIO DE JANEIRO, BRAZIL | ELEONORAFABIAO.COM.BR
PIPA PRIZE 2017 NOMINEE

azul azul azul e azul: azul 18. Exposição das Virgens em Cardumes e a Cor das Auras, Museu Bispo do Rosário 2016, 18h. Caminhar do Museu Bispo do Rosário até o Núcleo Histórico da Colônia Juliano Moreira. Iluminar o caminho com 7 lâmpadas em diferentes tons de azul. No meio do centro do Núcleo Histórico o Jaquetão EU VIM, suspenso num andar e protegido sob uma cúpula, está à espera. Caminhar juntos de volta para o Museu. Colaboradores: Dominique Arantes, Vinicius Arneiro, Gunnar Borges, Lucas Canavarro, Elilson, Thiago Florêncio, André Lepecki, Luar Maria, Gabriel Martins, Dieymes Pechincha, Elisa Peixoto, Rúbia Rodrigues, Adriana Schneider, Miro Spinelli, André Telles e Mariah Valeiras. Co-realização Museu Bispo do Rosário, foto Jaime Acioli, impressão em papel matte montada sobre PVC; 60x26 cm

blue blue blue and blue: blue 18. Das Virgens em Cardumes e a Cor das Auras Exhibition, Bispo do Rosário Museum, 2016. 18:00 PM. To walk from Bispo do Rosário Museum to Colônia Juliano Moreira's Historical Site. Seven bulbs with different shades of blue illuminate the way. In the very center of the Historical Site, Bispo's jacket I Came, on a palanquin and covered with an acrylic dome, is waiting. To walk together back to the Museum. Collaborators: Dominique Arantes, Vinicius Arneiro, Gunnar Borges, Lucas Canavarro, Elilson, Thiago Florêncio, André Lepecki, Luar Maria, Gabriel Martins, Dieymes Pechincha, Elisa Peixoto, Rúbia Rodrigues, Adriana Schneider, Miro Spinelli, André Telles and Mariah Valeiras. With the support of Bispo do Rosário Museum, photo Jaime Acioli, printed on matte paper and mounted on PVC; 60x26 cm

FABRÍCIO LOPEZ

SANTOS, SP, 1977. VIVE E TRABALHA EM SANTOS, SP | WWW.FABRICIOLOPEZ.COM

MERCEDES VIEGAS ARTE CONTEMPORÂNEA, RIO DE JANEIRO, RJ, BRASIL E GALERIA MARILIA RAZUK, SÃO PAULO, SP, BRASIL
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2010 E 2017



A concha eloquente do coração, 2013, tinta offset sobre madeira gravada, 220 x 2000 cm
The eloquent shell of the heart, 2013, offset paint on carved wood, 220 x 2000 cm

Mergulhadora, 2016, xilogravura em cores sobre papel, 167 x 227 cm
Swimmer, 2016, coloured woodcut on paper, 167 x 227 cm

SANTOS, SP, BRAZIL, 1977. LIVES AND WORKS IN SANTOS, SP, BRAZIL | WWW.FABRICIOLOPEZ.COM
MERCEDES VIEGAS ARTE CONTEMPORÂNEA, RIO DE JANEIRO, BRAZIL AND GALERIA MARILIA RAZUK, SÃO PAULO, BRAZIL
PIPA PRIZE 2010 AND 2017 NOMINEE

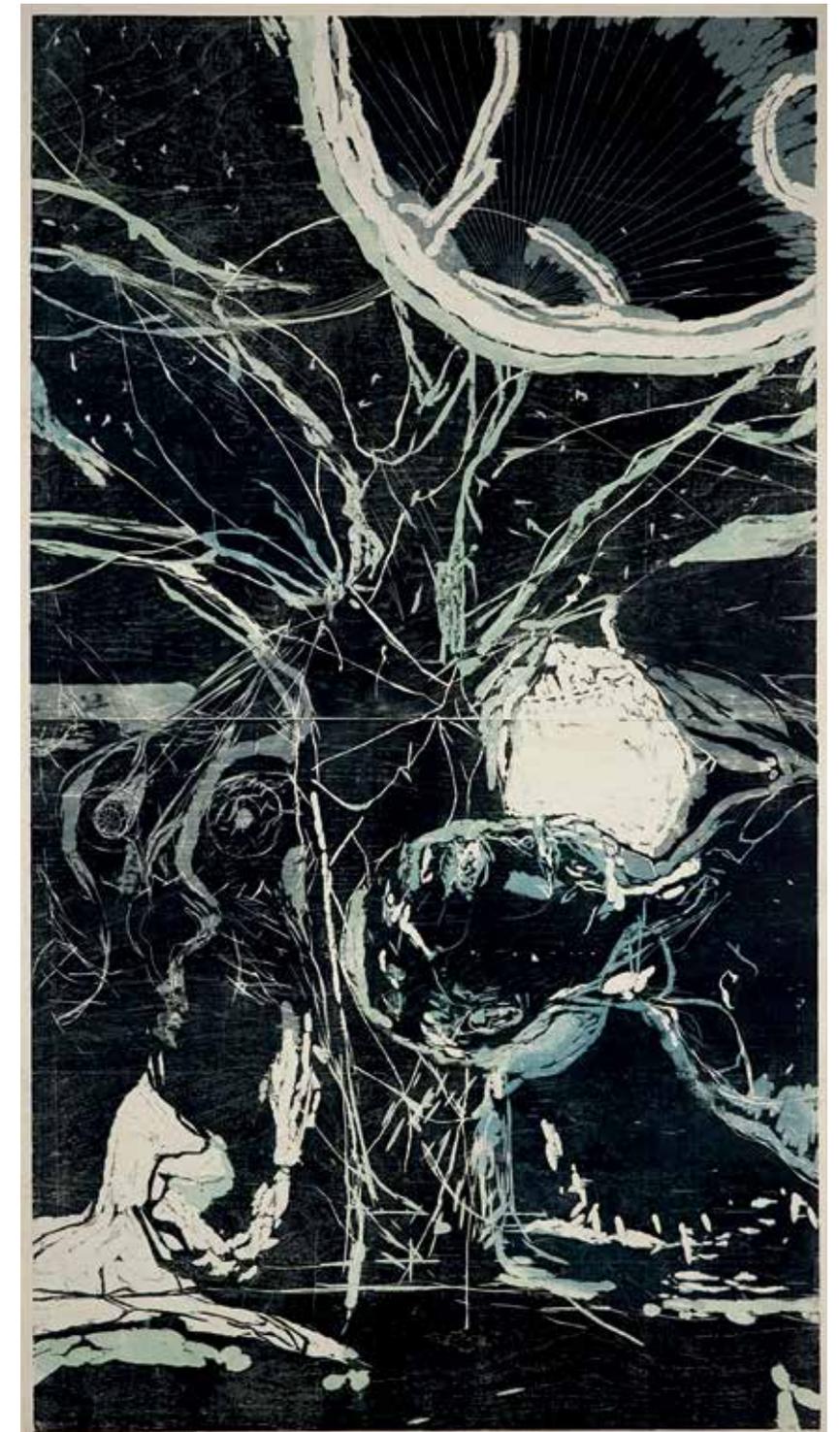


Venho realizando um trabalho que envolve desenho e pintura desde os 16 anos de idade e a partir da graduação em artes plásticas em 1999, as motivações pictóricas migraram para o campo gráfico da xilogravura, especificamente adotando características como a sobreposição de cores de forma não programática e o grande formato numa tentativa de traduzir e transferir o universo.

I have been developing a work that involves drawing and painting since I was 16 years of age, and after graduating in Visual Arts in 1999, the pictorial motivations migrated to the field of woodcut, especially in adopting characteristics such as the layering of colours of non-programmable forms and the large format in an attempt to translate and transfer the universe constructed in painting through cutting on wood and printing on paper.

Yamatãma, 2014, xilogravura em cores sobre papel, 187 x 227 cm
Yamatãma, 2014, coloured woodcut on paper, 187 x 227 cm

Marte, 2013, xilogravura em cores sobre papel, 327 x 187 cm
Mars, 2013, coloured woodcut on paper, 327 x 187 cm



FELIPE MERES

PETRÓPOLIS, RJ, 1988 | VIVE E TRABALHA EM NOVA YORK, EUA | FELIPEMERES.COM
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2016 E 2017

As instalações, fotografias, vídeos e esculturas de Felipe Meres articulam laços traiçoeiros entre o desejo científico e as questões indefinidas que costumam ir além dele. Em geral partindo de abordagens antropológicas em direção a aspectos aparentemente intangíveis do mundo, como reprodução assexuada, indústria farmacêutica, comportamento das partículas quantum e formas de vida altamente regenerativas, o trabalho de Meres nos convida a repensar os padrões que costumamos construir para tornar inteligíveis os objetos, corpos e comportamentos ao nosso redor.

Felipe Meres' installations, photographs, films and sculptures articulate slippery entanglements between scientific desire and the indeterminate matters that never cease to evade it. Often departing from anthropological approaches to seemingly incommensurate aspects of the world, such as asexual reproduction, the pharmaceutical industry, quantum particle behavior and highly-regenerative life forms, Meres' work invites us to reconsider the patterns of difference that we weave to make sense of the objects, bodies and behaviors around us.



O Corte Telomérico, 2017, Mendes Wood DM, São Paulo, SP (vista de exposição)
The Telomeric Cut, 2017, Mendes Wood DM, São Paulo, Brazil (view of the exhibition)



FRANCISCO MAGALHÃES

AIMORÉS, MG, 1962 — BELO HORIZONTE, MG, 2017
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2017

AIMORÉS, BRAZIL, 1962 — BELO HORIZONTE, BRAZIL, 2017
PIPA PRIZE 2017 NOMINEE



Artista formado pela Escola Guignard, realiza trabalhos e ações nas quais propõe encontros e aproximações de imagens de arte e da cultura. Tais ações enfatizam o lugar como um território de contato, celebram e aproximam popular e erudito, buscam recuperar o sagrado na arte e reafirmam a noção “o que restará de todo objeto é a devoção”.

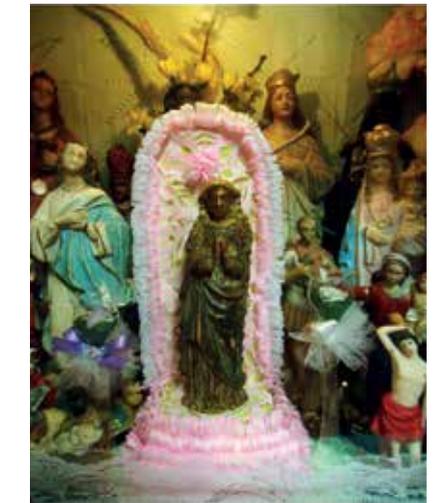
Graduated at Escola Guignard (Guignard School), artist Francisco Magalhães develops works and practices that propose a dialogue between images both from art and culture. Such practices highlight space as a territory of exchange and contact, celebrating the connections between popular and erudite, seeking to recover the sacred in art and to reaffirm the notion that “what will remain of every object is devotion”.



O que Vos ofereço Senhores, é alimento, 2015 / 2016, manipulação de objetos, resíduos de alimentos, matérias, mobília, fita cetim, pipoca, luz e sombra, pintura em cal e pigmento sobre chão e parede, no interior da Casa Nazareth, à rua Nossa Senhora do Rosário, 51, Bairro Veneza. O trabalho integra ações realizadas durante uma residência artística no Bairro Veneza, na 2ª edição da Bienal de Veneza/Neves, iniciativa do artista Paulo Nazareth, 100 x 37,4 cm.

What I offer you, Sirs, is food, 2015-2016, manipulation of objects, residue of foods, materials, furniture, satin band, popcorn, light and shade, painting in quicklime and pigment on ground and wall, inside the Nazareth House, on Nossa Senhora do Rosário Street, 51, Veneza Neighbourhood. The work integrates actions accomplished during an artistic residency at the Veneza neighbourhood in the 2nd Biennial of Veneza/Neves, initiative of the artist Paulo Nazareth, 100 x 37,4 cm

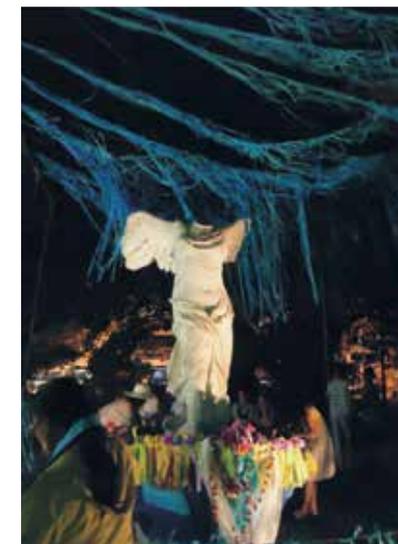
Sanctus, 2007, intervenção nas vitrines Sala de Arte Sacra do Museu Mineiro, foto Daniel Mansur
Sanctus, 2007, intervention in the display case the Room of Sacred Art of the Mineiro Museum, photo Daniel Mansur



“Guardas / Visita / Chegada”, 2011, ação, deslocamento de objeto (Nossa Senhora Conceição / marfim cromado / Goa / Sec. XVIII) da reserva técnica do Museu Mineiro, levando-o a participar da Festa das Guardas de Moçambique e Congo do Reinado Treze de Maio, resignificando-o como objeto da cultura, fotos Marconi Marques



vento leste >< vento oeste, 2012, Ação da série O Pequeno Bosque dos Dias Contados, em processo. Ornamentação da praça em que está instalada a escultura Vitória de Samotrácia, réplica do original encontrado na Ilha de Samotrácia no ano de 1863, hoje preservada no Museu do Louvre. A ação envolveu pessoas da cidade de Belo Horizonte que construíram um ambiente de festa aos moldes das tradições populares do Brasil.

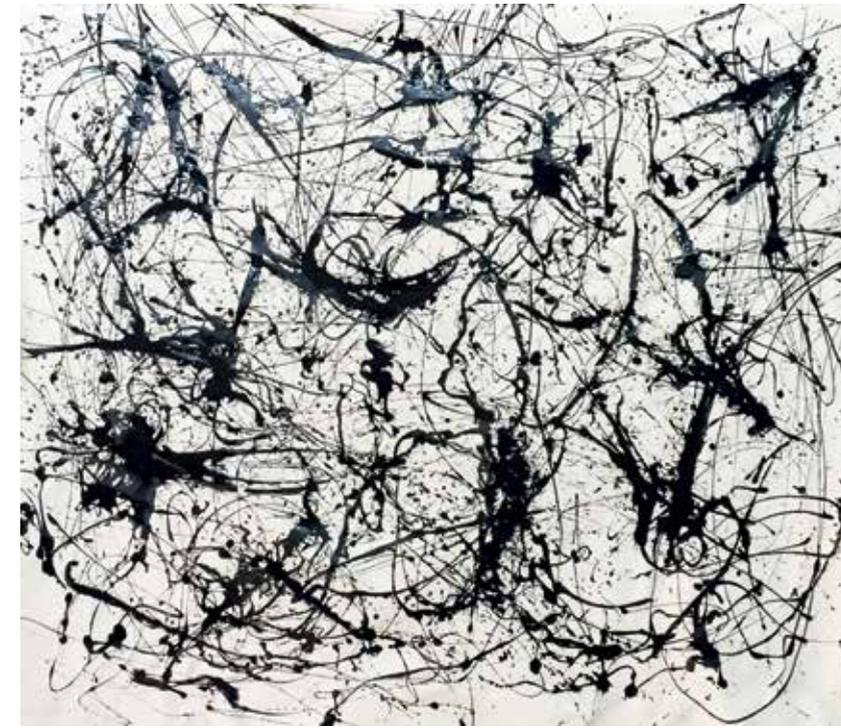


east wind >< west wind, 2012, action of the series The Little Grove of Days Counted, in process. Ornamentation of the square in which the Nike of Samothrace sculpture is installed, replica of the original found on the island of Samothrace in 1863, today preserved in the Louvre Museum. The action involved people of Belo Horizonte that constructed a festive atmosphere to the pattern of popular traditions of Brazil.

GUSTAVO VON HA

PRESIDENTE PRUDENTE, SP, 1977 | VIVE E TRABALHA EM SÃO PAULO, SP | VON-HA.COM
GALERIA LEME, SÃO PAULO, SP
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2015 E 2017

PRESIDENTE PRUDENTE, BRAZIL, 1977 | LIVES AND WORKS IN SÃO PAULO, BRAZIL | VON-HA.COM
GALERIA LEME, SÃO PAULO, BRAZIL
PIPA PRIZE 2015 AND 2017 NOMINEE

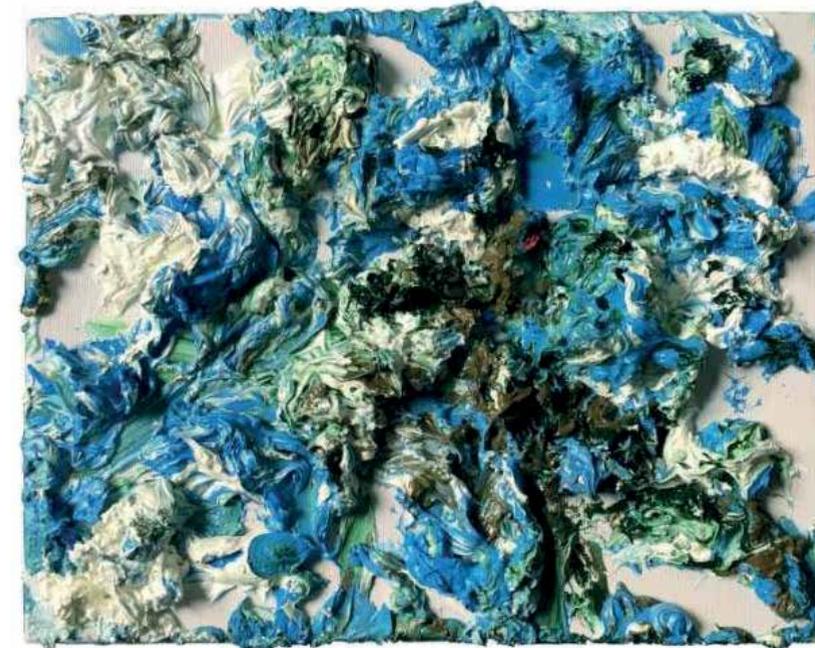


Atua pela verossimilhança. A cada trabalho incorpora uma versão de si mesmo, materializando imagens apagadas ou inacessíveis na formação artística brasileira. Está interessado nas questões à margem das narrativas hegemônicas. Sua produção é estruturada numa ação performática que se estende por toda a pesquisa do artista e desenvolve-se a partir de investigações que se desdobram em diversos núcleos de trabalhos que operam dentro e fora do sistema da arte, contaminando várias plataformas e circuitos de circulação de imagens.

Gustavo von Ha acts through verisimilitude. In each work he incorporates a version of himself, materializing erased or inaccessible images in Brazilian artistic formation. He is interested in the questions at the margins of hegemonic narratives. His production is structured in a performative action that is extended through all the artist's research and developed from investigations that are discovered in diverse nucleuses of work that operate inside and outside the system of art, contaminating various platforms and circuits of image circulation.



Inventário Arte Outra, MAC USP, 2016, conjunto de cartazes off set
Inventory Other Art, 2016, MAC USP, series of offset posters on the wall and display cabinet

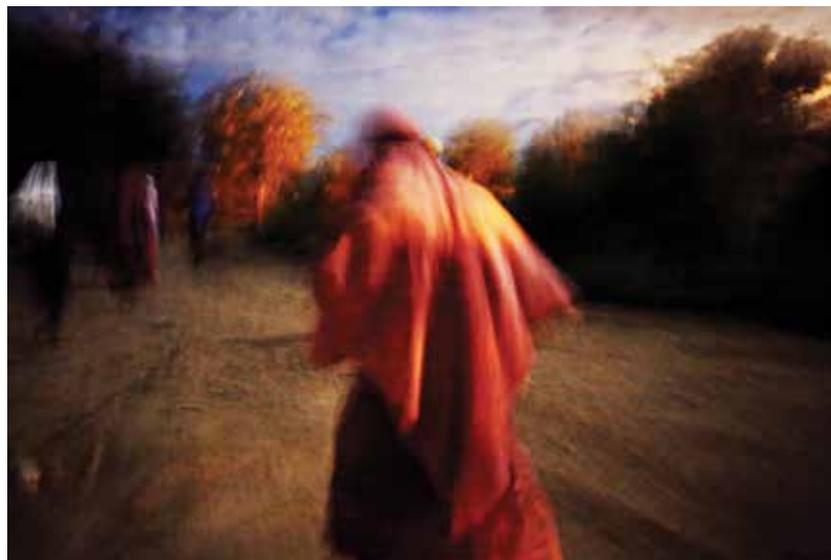


Inventário Arte Outra não-pintura 32 AV, 2016, óleo sobre tela, 30 x 24 cm. Trabalho feito a partir de uma cópia da pintura de Alfredo Volpi e desmanchada em outra tela posteriormente.
Inventory non-painting Other Art 32 AV, 2016, oil on canvas. 30 x 24cm. Work made from a copy of Alfredo Volpi's painting and torn apart in another canvas



GUY VELOSO

BELÉM, PA, 1969 | VIVE E TRABALHA EM BELÉM, PA | GUYVELOSO.COM
ROSA BARBOSA ESCRITÓRIO DE ARTE, SÃO PAULO, SP E KAMARA KÔ GALERIA, BELÉM, PA
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2017



Sem título, Semana Santa, Ouro Preto, MG, 2010, diapositivo
Untitled, Holy week, Ouro Preto, MG, Brazil, 2010, photographic slide

Sem título, Penitentes escondem suas identidades com lençóis. Ordem de Alimentadoras das Almas, Juazeiro-Bahia, 2015, diapositivo
Untitled, Penitents hide their identities with drapes. Order of Feeders of the Souls, Juazeiro-Bahia, Brazil, 2015, photographic slide

BELÉM, BRAZIL, 1969 | LIVES AND WORKS IN BELÉM, BRAZIL | GUYVELOSO.COM
ROSA BARBOSA ESCRITÓRIO DE ARTE, SÃO PAULO, BRAZIL AND KAMARA KÔ GALERIA, BELÉM, BRAZIL
PIPA PRIZE 2017 NOMINEE



Participou da 29ª Bienal de São Paulo (2010), da 23ª Bienal Europalia, Bruxelas-Bélgica (2011) e da Biennial of the Americas, Denver, EUA (2017). Compõe acervos da Essex Collection, Colchester, Inglaterra; Centro Português de Fotografia, Porto, Portugal; Joaquim Paiva/MAM Rio; MAR RJ; MAM SP e Pirelli/MASP. “Fica transparente esta relação ambígua entre o que é devoção e o que é violência”.

Moacir Dos Anjos

Guy Veloso participated in the 29th São Paulo Biennial (2010), the 23rd Biennial Europalia (Brussels, Belgium, 2011), and the Biennial of the Americas (Denver, CA, USA, 2017). Collections: Essex Collection (Colchester, England); Centro Português de Fotografia (Porto, Portugal); Joaquim Paiva/MAM Rio; MAR RJ; MAM SP e Pirelli/MASP. “It’s obvious the ambiguous relation between devotion and violence”.

Moacir dos Anjos

Sem título, ritual secreto de autoflagelação, Semana Santa, Juazeiro-Bahia, 2014, digital photograph.

Untitled, Secret ritual of self flagellation, Holy week, Juazeiro-Bahia, Brazil, 2014, digital photograph.

Sem título, Procissão do Círio de Nazaré, Belém-PA, 2010, diapositivo

Untitled, Círio de Nazaré procession, Belém, Brazil, 2010, photographic slide

IVAN GRILO

ITATIBA, SP, 1986 | VIVE E TRABALHA EM ITATIBA, SP | IVANGRILO.ART.BR
CASA TRIÂNGULO, SÃO PAULO, SP E LUCIANA CARAVELLO ARTE CONTEMPORÂNEA, RIO DE JANEIRO, RJ
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2012, 2014 E 2017



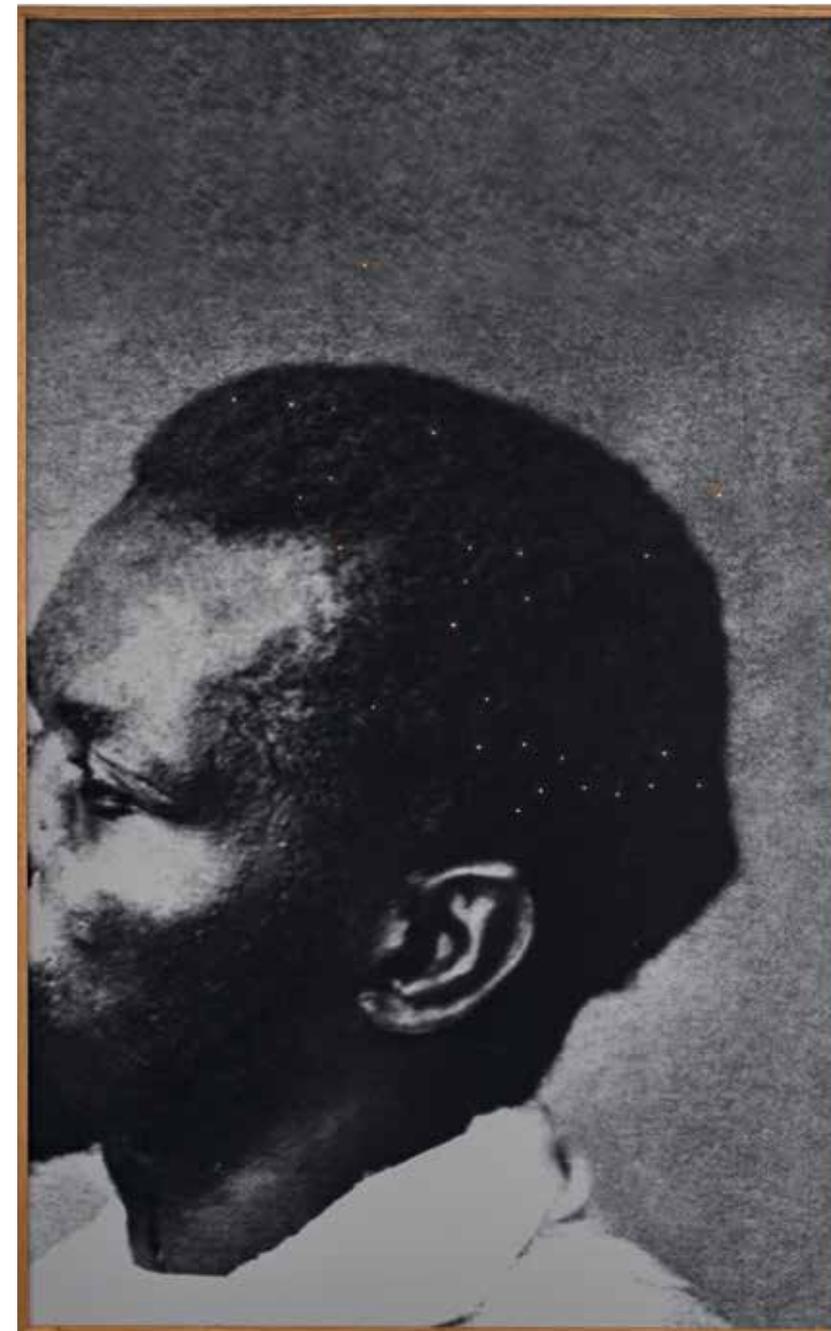
Segundo estudo para 'Heroína não é um pó branco', 2016, acrílico e ferro, dimensões variáveis

Second study for 'Heroin isn't a white powder', 2016, acrylic and iron, variable dimensions

Estudo para Movimentos Circulares, 2015, escada em ferro, impressão em papel algodão, gravação em acrílico, madeira, dimensões variáveis

Study for Circular Movements, 2015, Staircase in iron, impression on cotton paper, recording on acrylic, wood, variable dimensions

ITATIBA, BRAZIL, 1986 | LIVES AND WORKS IN ITATIBA, BRAZIL | IVANGRILO.ART.BR
CASA TRIÂNGULO, SÃO PAULO, BRAZIL AND LUCIANA CARAVELLO ARTE CONTEMPORÂNEA, RIO DE JANEIRO, BRAZIL
PIPA PRIZE 2012, 2014 AND 2017 NOMINEE



Cabeça do Chico, Ouro de Rei, 2016, impressão em papel algodão, tinta esmalte, 160 x 100 cm
Head of Chico, Gold of the King, 2016, Impression on cotton paper, ink enamel, 160 x 100 cm



“Pode-se considerar que Grilo experimenta com algo próximo à ficção utilitária. Ele revela esses modelos históricos estranhos, de forma que desempenhem um papel no entendimento ou mudança sociais. Os heróis das narrativas recentes de Grilo são talvez ainda mais pertinentes em um país cujos cidadãos negros são, no geral, mais pobres e mais propensos a sofrer assédio policial ou ser vítimas de homicídio. De fato, a arte de Grilo não trata de história porque esta aconteceu, mas, para além disso, trata de uma versão da história que pode ser útil para o presente.”

Oliver Basciano, na ArtReview, setembro 2015

“It might be considered that Grilo is experimenting with something akin to useful fiction. He reveals these strange, constructed historical models so that they might have a role to play in understanding or changing society. The heroes of Grilo’s recent narratives are perhaps even more pertinent to a country whose black citizens are, on the whole, poorer and more likely to experience police harassment or be the victims of homicide. Indeed, Grilo’s art is not about history because it has happened, but rather it is about a version of history that might be of use to the present.”

Oliver Basciano, in ArtReview, September 2015

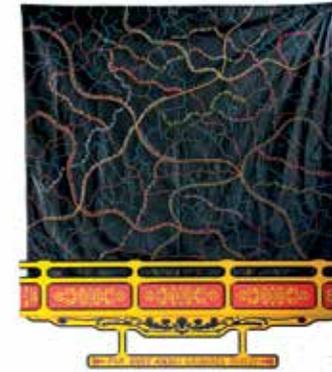
A arte dos pobres assusta os generais, 2015, placa em bronze, 30 x 45 cm

The art of the poor frightens the Generals, 2015, plaque in bronze, 30 x 45 cm

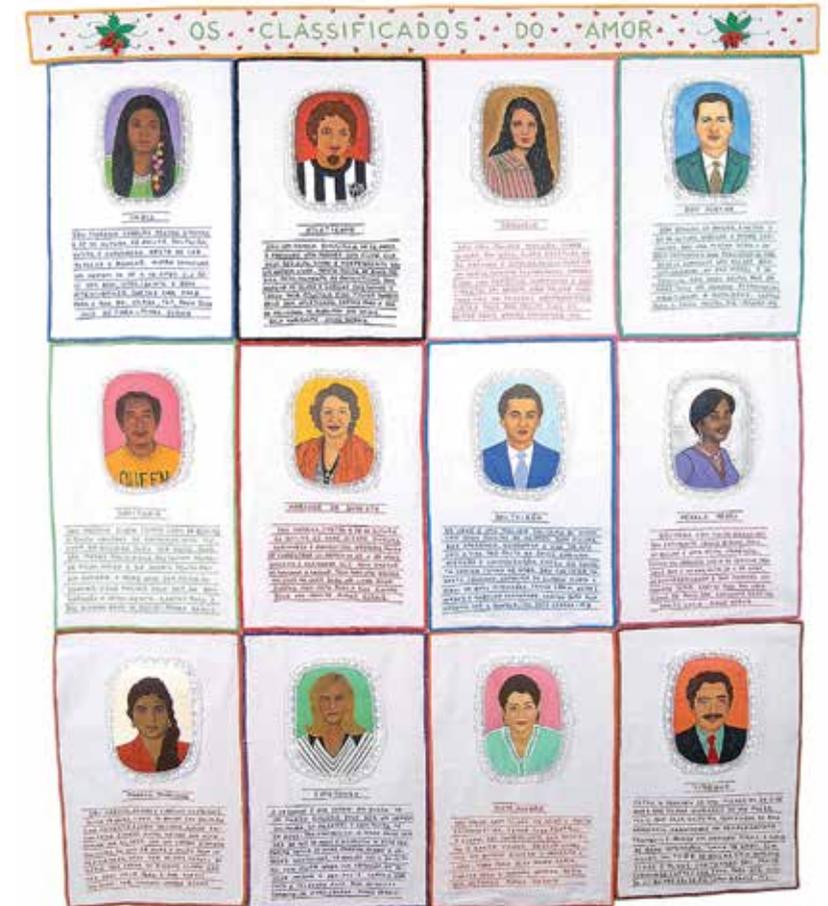
JORGE LUIZ FONSECA

CONSELHEIRO LAFAIETE, MG, 1966 | VIVE E TRABALHA EM OURO PRETO, MG | FIOTIM.COM.BR
 LEMOS DE SÁ GALERIA DE ARTE, NOVA LIMA, MG
 INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2017

CONSELHEIRO LAFAIETE, BRAZIL, 1966 | LIVES AND WORKS IN OURO PRETO, BRAZIL | FIOTIM.COM.BR
 LEMOS DE SÁ GALERIA DE ARTE, NOVA LIMA, BRAZIL
 PIPA PRIZE 2017 NOMINEE



A estrada da vida - III, 2008, esmalte sintético sobre madeira e bordados sobre lona de caminhão, 220 x 190 x 5 cm
Life's journey - III, 2008, mixed media - synthetic enamel on wood and embroidery on truck canvas, 220 x 190 x 5 cm



Os classificados do amor, 2001, acrílica e bordados sobre tecidos e moranguinhos de crochê, 190 x 120 x 4 cm
Love newspaper ads, 2001, acrylic paint and embroidery on fabric and small hearted-shape crochet, 190 x 120 x 4 cm



FIOTIM, O Museu em Movimento, 2014/2017, instalação / performance, materiais diversos, dimensões variáveis
FIOTIM - the moving museum, 2014/2017, installation/performance (multiple materials), variable dimensions

Nonada, 2015, técnica mista, armário e livros esculpido em madeira, 300 x 250 x 215 cm
Nonada, 2015, mixed media - wardrobe and books carved on wood, 300 x 250 x 215cm

Artista autodidata, foi marceneiro e maquinista de trem. Sua obra se forma pelo cruzamento de gêneros - conjuga procedimentos de caráter conceitual, artesanaria e uma iconografia baseada na cultura popular, produzindo um universo poético de ironia e beleza, com o qual o espectador é constantemente convidado a interagir. Se constitui de objetos cotidianos interpretados e recriados, capazes de redimensionar materiais diversos a partir de uma lógica pararrreal e poética, com forte ação dramática.

Self-taught artist, he has had various career experiences, such as furniture designer and train conductor. His production is formed by the intersection of genres - he associates conceptual-like procedures, craft and an iconography based in pop culture, resulting in a poetic universe of irony and beauty, with which the spectator is constantly invited to interact. His works are constituted by everyday objects interpreted and re-created, capable of resizing materials from a poetic and alternative logic, with strong dramatic impact.

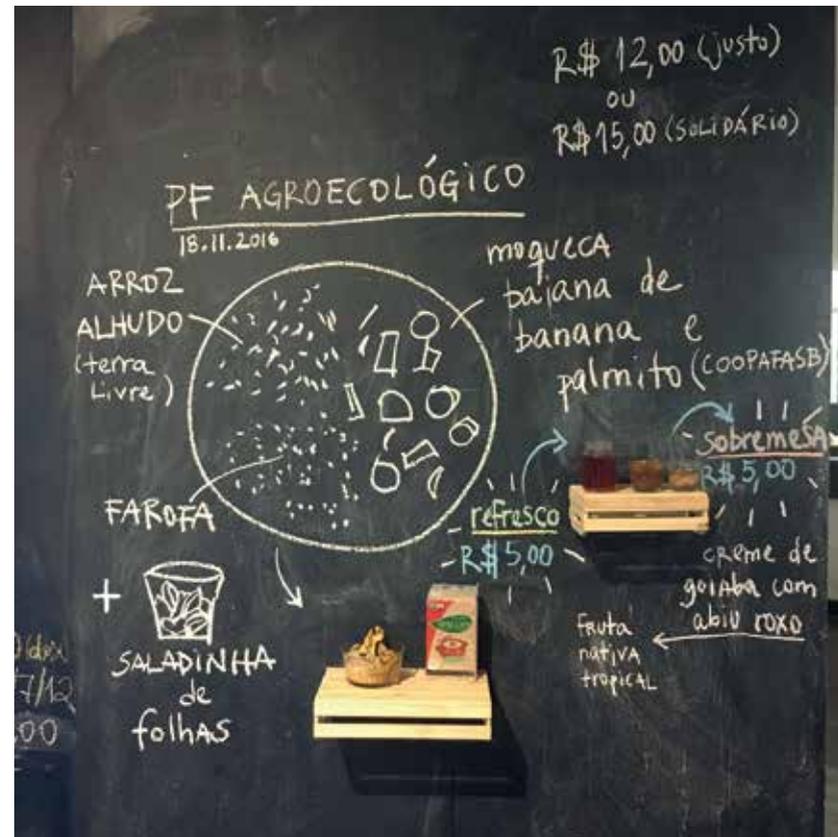
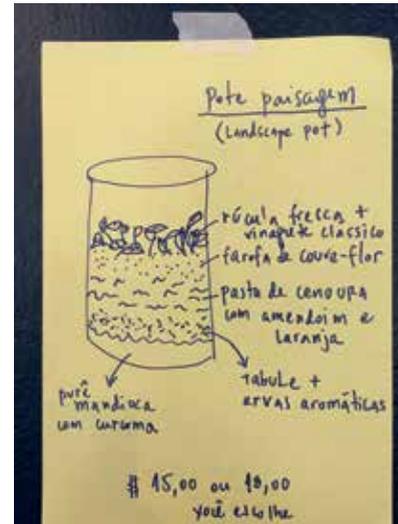
JORGE MENNA BARRETO

ARAÇATUBA, SP, 1970 | VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO, RJ | CARGOCOLLECTIVE.COM/JORGEMENBARRETO
 BOLSA DE ARTE, RIO DE JANEIRO, RJ
 INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2015 E 2017 // MEMBRO DO COMITÊ DE INDICAÇÃO PIPA 2014

ARAÇATUBA, BRAZIL, 1970 | LIVES AND WORKS IN RIO DE JANEIRO, BRAZIL | CARGOCOLLECTIVE.COM/JORGEMENBARRETO
 BOLSA DE ARTE, RIO DE JANEIRO, BRAZIL
 PIPA PRIZE 2015 AND 2017 NOMINEE // PIPA PRIZE 2014 NOMINATING COMMITTEE MEMBER



ESCULTURA
 AMBIENTAL



1. BANANA MAGA 2,6kg
2. BANANA - PÃO 13kg
3. BANANA - PRATA 16kg
4. BANANA - ATUARA 19kg
5. BANANA SÃO TOME 45kg
6. BANANA SÃO TOME ROXA 31kg
7. BANANA OURO 3,3kg
8. GOIABA DA 2kg

RESTAURO - Escultura Ambiental, 2016, obra-restaurante, fotos Janaína Miranda
 RESTORING - Environmental Sculpture, 2016, oeuvre-restaurant, photos Janaína Miranda

Enquanto artista e pesquisador, os conceitos envolvidos em RESTAURO foram investigados em uma pesquisa de pós-doutorado em 2014, onde busquei relações entre agroecologia e as práticas site-specific em arte. Reimaginando a LAND ART, vista a partir da agricultura, me levou a criar o conceito de ESCULTURA AMBIENTAL, aplicado à comida e suas complexidades. Na UERJ, onde sou professor, ensino escultura baseado nesses preceitos, relacionando site-specificity, agroecologia e ativismo alimentar.

As an artist and scholar, the concepts in RESTAURO were envisioned in a post-doctoral research in 2014 where I investigated possible relations between agroecology and site-specific practices in the arts. Reimagining land art seen from an agricultural point of view led me to come up with the concept of ENVIRONMENTAL SCULPTURE applied to food and its complexities. At the University of Rio, where I live, I teach sculpture based on those premises, relating site-specificity, agroecology and food activism.



KARINA ZEN

SÃO PAULO, SP, 1968 | VIVE E TRABALHA EM FLORIANÓPOLIS, SC | KARINAZEN.COM.BR
MYRINE VLAVIANOS ARTE CONTEMPORÂNEA, FLORIANÓPOLIS, SC
INDICADA AO PRÊMIO PIPA 2017



Egos' War (Guerra de Egos), 2016, dois ventiladores e duas bandeiras brancas, 320 x 180 x 100 cm

Egos' War, 2016, two fans and two white flags, 320 x 180 x 100 cm

Mundo, 2013, vídeo, 4'37"

Mundo, 2013, video, 4'37"

Guerreiro, 2011, agulheiro de papel e agulhas 260cm x 190cm x 20cm

Guerreiro, 2011, paper needle case and needles, 260cm x 190cm x 20cm



Graduou-se em fotografia no CFP Bauer, Milão. Entre as individuais estão: "The Final Cut", MASC, 2016, "Somatório dos Meios", Lunara, 2014, "Modos de Permanência", Gasômetro 2011 / CUMA USP, 2010. Coletivas realizadas recentemente: "Porque somos elas e eles", Blau Projects, XVIII Bienal de Cerveira, 2015, "Vídeos da Coleção MAR", MAR RJ, 2013, "Eu fui o que tu és e tu serás o que eu sou", Paço das Artes, 2012. Entre os prêmios recebidos, destacam-se: 32º Arte Pará, 2013, 3º Prêmio Belvedere de Arte Contemporânea, 2012.

Graduated in Photography from CFP Bauer, Milan. Recent solo exhibitions: "The Final Cut", MASC, 2016, "Somatório dos Meios", Lunara, 2014, "Modos de Permanência", Gasômetro 2011 / CUMA USP, 2010. Recent group exhibitions: "Porque somos elas e eles", Blau Projects, XVIII Bienal de Cerveira, 2015, "Vídeos da Coleção MAR" (Museu de Arte do Rio), 2013, "Eu fui o que tu és e tu serás o que eu sou", Paço das Artes, 2012. Awards include: 32nd Arte Pará, 2013, and the 3rd Prêmio Belvedere de Arte Contemporânea, 2012.



Infrastructure I (Infraestrutura I), 2016, pneus de caminhão estourados, 130 x 130 x 320 cm
Infrastructure I (Infraestrutura I), 2016, truck tires burst, 130 x 130 x 320 cm



Destra, performance, 2014, um bloco de barro é moldado com minha mão direita dentro. permaneço sentada em um balcão, esperando que ele seque

Adroit, performance, 2014, a block of clay is modeled with my right hand inside.

I remain sitting in a balcony in the space of a former factory, waiting for it to dry

ectoplasma, vídeo, 2016, 18'35", vídeo criado a partir da observação de fotografias espíritas

ectoplasma, vídeo, 2016, 18'35", vídeo created out of the observation of spiritualist photographs



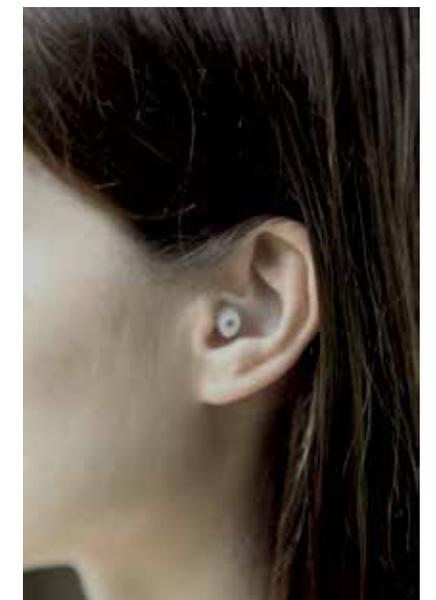
Luísa Nóbrega é artista e seu trabalho se desenrola na zona fronteira entre diferentes linguagens artísticas. Borrando a fronteira entre performance, vídeo, som e literatura, investiga as zonas de atrito entre corpo e linguagem, biologia e cultura, voz e identidade. Tem certa obsessão por situações que provocam aporias linguísticas, como o ventriloquismo, a parapsicologia e a possessão. Paulistana, Bacharel em Filosofia pela Universidade de São Paulo, não tem morada fixa e divide seu tempo entre residências artísticas e casas de amigos em diferentes partes do Brasil e do mundo.

Luísa Nóbrega is an artist whose practice unfolds between the boundaries of different artistic disciplines. Blurring the lines between performance, video, literature and sound, she investigates the friction zones between body and language, biology and culture, voice and identity. She is interested in situations that cause linguistic collapse, such as ventriloquism, parapsychology and possession. Born in São Paulo, she completed her Bachelor degree in Philosophy at the University of São Paulo. She does not have a fixed home, and lives temporarily both in artistic residencies and hosted with friends in different parts of Brazil and abroad.

eu sou um sinal, performance, 2014, vivi por um mês na Casa do Sol, onde morava Hilda Hilst, repetindo diariamente os experimentos que a escritora fazia com os EVP (eletronic voice phenomena), usando fitas cassete para tentar gravar vozes dos mortos em meio à estática do rádio

I am a sign, performance, 2014, for one month, I lived in Casa do Sol, where the Brazilian writer Hilda Hilst used to live, repeating the experiments with EVP (Electronic Voice Phenomena) she used to do for four years in the 70s, hoping to record voices from the dead

Degredo ou por que nunca aprendi a falar, performance, 2011, possuidora de uma deficiência auditiva de nascença, me submeti a seis dias de surdez completa voluntária, com o auxílio de tampões de ouvido
Banishment or why I never learned to speak, performance, 2011, hearing impaired from birth, I subdued to six days of complete voluntary deafness, by wearing a pair of silicone ear plugs



LYZ PARAYZO

CAMPO GRANDE, RJ, 1994 | VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO, RJ | CARGOCOLLECTIVE.COM/LYZPARAYZO E LYZPARAYZO.TUMBLR.COM
INDICADA AO PRÊMIO PIPA 2017

CAMPO GRANDE, BRAZIL, 1994 | LIVES AND WORKS IN RIO DE JANEIRO, BRAZIL | CARGOCOLLECTIVE.COM/LYZPARAYZO AND LYZPARAYZO.TUMBLR.COM
PIPA PRIZE 2017 NOMINEE



LyzParayzo
a putinha terrorista

Rua Gonçalves Ledo, 11 e 17 centro

Morena Sensual,
Anal, oral, tudo s/
frescura.

Deliciosa, carinhosa
chupetinha perfeita.

Bumbum empinado,
bem safada.

AC/ cartão
tx \$100,00

(21)2222-1651

Fato-Indumento, 2015, ação em parceria com artista Augusto Braz. Calcinha de renda vermelha, dois tijolos, barbante de obra, papel manilha rosa, cola branca, pincel, balde e duas bixas. Ação paralela à exposição "Quarta-Feira de Cinzas". Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro. Registro Helena Borges

Fato-Indumento (device-garment), 2015, performance in collaboration with Augusto Braz. Red lace underwear, two bricks, construction string line, pink wrapping paper, glue, brush, bucket, two fags. Unauthorized action at the opening of "Ash Wednesday" exhibition. Escola de Artes Visuais do Parque Lage (School of Visual Arts of Parque Lage), Rio de Janeiro. Documented by Helena Borges.

Parayzo Carioca, 2016, ação, distribuição de 10.000 panfletos 10 x 14 cm, papel couchê. Exposição Abre Alas 12. Galeria A Gentil Carioca, Rio de Janeiro

Parayzo Carioca, 2016, performance, distribution of 10,000 flyers, 10 x 14 cm, printed on coated paper. Abre Alas #12 Opening. A Gentil Carioca Gallery, Rio de Janeiro



De Perucas Louras e Batom Vermelho, de Novo, 2017, trabalho em parceria com os artistas Augusto Braz e Victor Arruda. Performance documentada em série de fotografias, dimensões variadas.

Blonde wigs and red lipstick on, again, 2017, in collaboration with Augusto Braz and Victor Arruda. Action documented in photographic series, variable dimensions.

Série Secagem Rápida, 2015, impressão fotográfica sobre papel, 10 x 15 cm

Quick Dry series, 2015, photographic print on paper, 10 x 15 cm

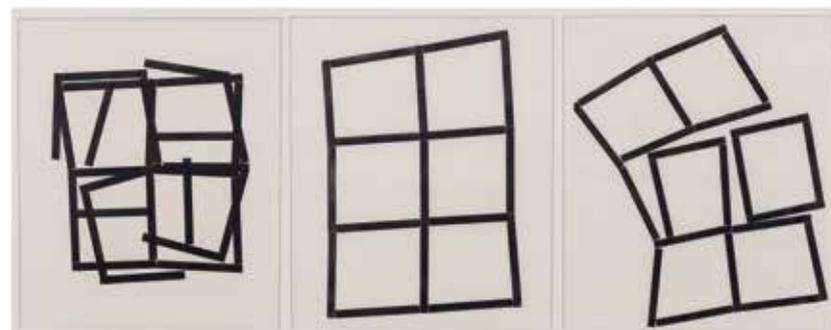
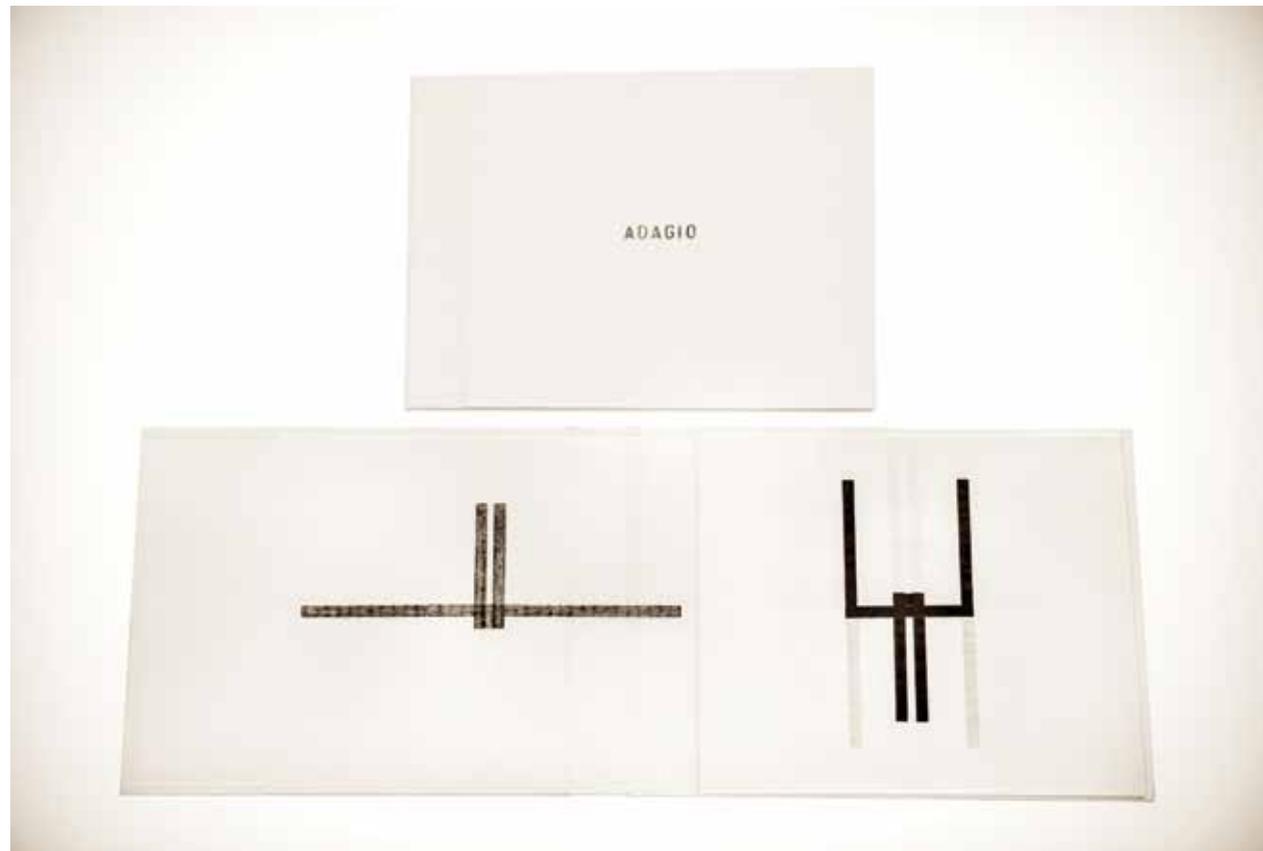
Manicura e puta-pornô-terrorista. Tem o corpo como principal suporte de trabalho e sua performatividade diária como plataforma de pesquisa. Suas bombas-plásticas desestabilizam as tecnologias heteronormativas e coloniais. Vem desenvolvendo videoinstalações com conteúdo pós-pornográfico, joias bélicas e atualmente está pesquisando as performances de gênero e classe a partir da cor em seu "Salão Parayzo", dispositivo itinerante onde atua como manicura.

Manicure and whore-porn-terrorist. She uses the her body as her main work support and her daily performativity as a research platform. Her plastic bombs destabilize heteronormative and colonial technologies. She has been developing video installations with post-pornographic content, warlike jewels and is currently researching the performances of gender and class from the color in her "Parayzo Beauty Salon", itinerant device where she acts as a manicure.

MARA DE CARLI

CAXIAS DO SUL, RS, 1954 | VIVE E TRABALHA EM CAXIAS DO SUL, RS
INDICADA AO PRÊMIO PIPA 2017

CAXIAS DO SUL, BRAZIL, 1954 | LIVES AND WORKS IN CAXIAS DO SUL, BRAZIL
PIPA PRIZE 2017 NOMINEE



Adagio, 2016, xilogravura / livro de artista,
47 x 36 cm (fechado) / 96 x 36 cm (aberto)

Adagio, 2016, woodcut / artist book,
47 x 36 cm (closed) / 0,96m x 0,36m (open)

Meta III/ Meta II/ Meta I, 2016, xilogravura,
60 x 70 cm (cada) / 200 cm (série)

Meta III/ Meta II/ Meta I, 2016, woodcut,
60 x 70 cm (each) / 200 cm (series)

Reconfiguração do espaço, construtivismo, abstracionismo geométrico, estar em relação, temporalidade, tensão entre materialidade e espacialização, posicionamento, reverberações, módulos, formas que se organizam e desorganizam, um corpo que aciona desdobramentos, deslocamentos constantes, instabilidade, recortes e dobras, dobraduras, dobradiças, corredeiras e movimentos, o cheio e o vazio, o dentro e o fora são palavras e vocábulos pertinentes, significados para construir a imagem.

Mara De Carli

Space reconfiguration, constructivism, geometric abstraction, being related, temporality, tension between materiality and spatialization, positioning, reverberations, modules, shapes that organize and disorganize, a body that unfolds, constant displacements, instability, cutouts and folds, folding, hinges, slides and movements, the full and the empty, the inside and the outside are pertinent words, meanings to construct the image.

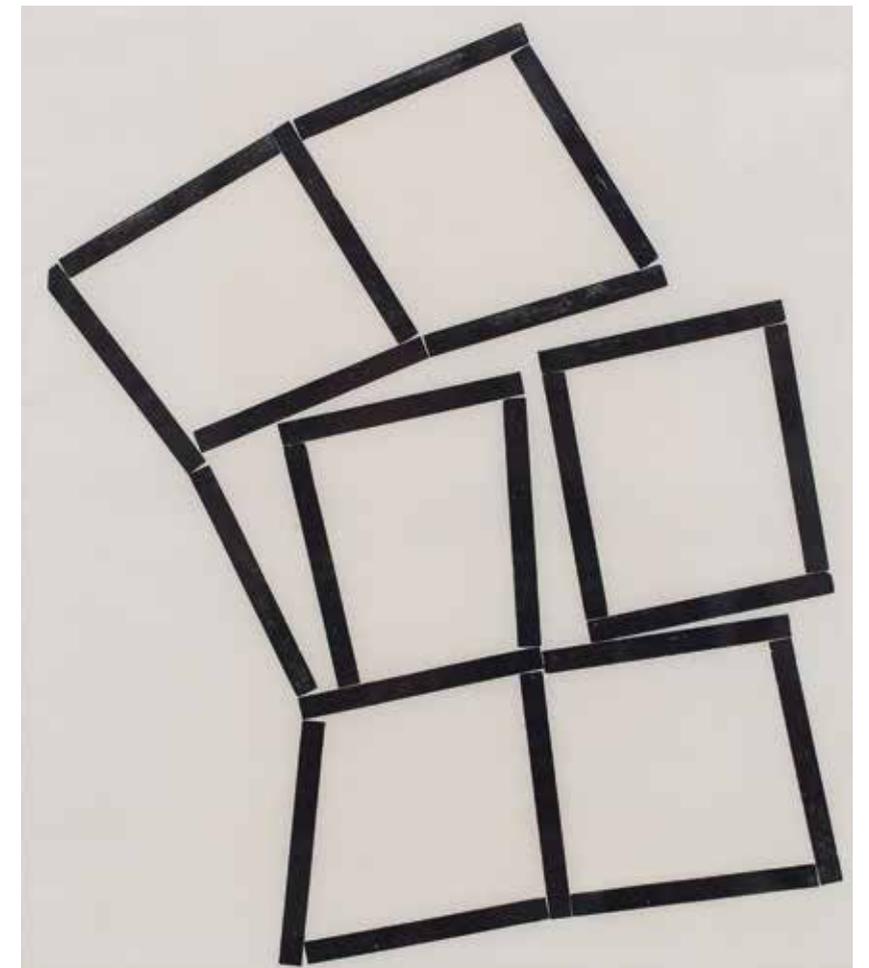
Mara De Carli

Meta I, 2016, xilogravura, 60 x 70 cm

Meta I, 2016, woodcut, 60 x 70 cm

Pas de Bourrée I e Pas de Bourrée II, 2016,
xilogravura / 2 livros de artista, 22 x 22 cm
(fechado) / 112 x 22 cm (aberto)

Pas de Bourrée I and Pas de Bourrée II,
2016, woodcut / 2 artist books, 22 x 22 cm
(closed) / 112 x 22 cm (open)



MARIA LAET

RIO DE JANEIRO, RJ, 1982 | VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO, RJ | MARIALAET.COM

A GENTIL CARIOCA, RIO DE JANEIRO, RJ; MDM GALLERY, PARIS, FRANÇA; GALERIA 3 + 1, LISBOA, PORTUGAL; E GALERIA MARILIA RAZUK, SÃO PAULO, SP
INDICADA AO PRÊMIO PIPA 2010, 2011, 2012, 2016 E 2017



Pneuma I, 2016, vídeo, 4'49", performance Tim Malik, foto Pedro Loretto, edição Pedro Dulci

Pneuma I, 2016, vídeo, 4'49", performance Tim Malik, photo Pedro Loretto, editing Pedro Dulci

RIO DE JANEIRO, BRAZIL, 1982 | LIVES AND WORKS IN RIO DE JANEIRO, BRAZIL | MARIALAET.COM

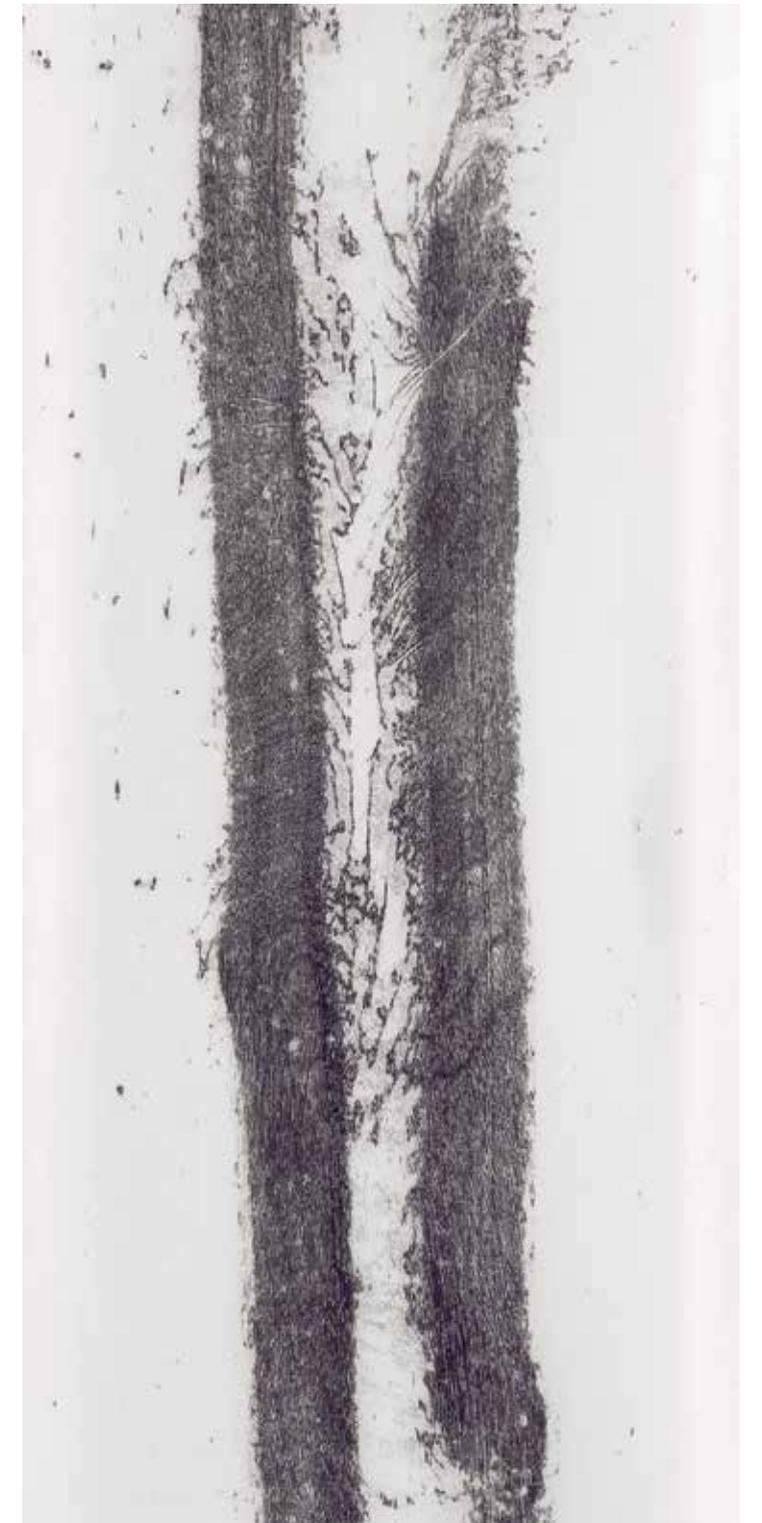
A GENTIL CARIOCA, RIO DE JANEIRO, BRAZIL; MDM GALLERY, PARIS, FRANCE; GALERIA 3 + 1, LISBON, PORTUGAL; GALERIA MARILIA RAZUK, SÃO PAULO, BRAZIL
PIPA PRIZE 2010, 2011, 2012, 2016 AND 2017 NOMINEE

A obra de Maria Laet possui uma sensibilidade que às vezes pode parecer enigmática. Ela se interessa pelos materiais em seu estado imediato, cru, nas suas características de coisas, mais do que na sua transformação pela 'mão' da artista. No entanto, estes materiais não são apresentados como 'ready-mades' no sentido tradicional da história da arte. Há um afastamento inegável entre a mão e o objeto que surge do interesse que Laet tem pelos desenhos 'acidentais' causados seja pela natureza ou por ações específicas. O que interessa à artista não é tanto a negação da autoria mas uma afirmação de um estado apurado de sensibilidade para com a coisa, a substância, a superfície ou mesmo para com o objeto. É portanto essa sensibilidade que informa a maneira pela qual essas obras, esses objetos, são apresentados ou interagidos.

The work of Maria Laet possesses a sensibility that at times can seem enigmatic. She is interested in the physicality of materials, in their raw, immediate state, and in its characteristics rather than in its transformation through the 'hands' of the artist. Nevertheless, these materials are not presented as 'ready-mades' in the traditional sense in art history. There is an undeniable distance between the hand and the object that surges from Laet's interest in the 'accidental' drawing caused, be it by nature or by specific actions. What interests the artist isn't as much the negation of authorship but an affirmation of a refined state of sensitivity to the thing, the substance, the surface, or even to the object. It is, therefore, this sensibility that informs the way in which these works, or these objects, are presented or interacted with.

Caminho, 2016 (detalhe), monotipia sobre papel japonês, 218 x 51 cm, impressão João Sánchez, foto Mario Grisolli. Produzido para o projeto 'The Valise', Museu de Arte Moderna, Nova Iorque

Caminho, 2016, monotype on Japanese paper, 218 x 51 cm, printing João Sánchez, photo Mario Grisolli. Produced for the project 'The Valise' in the Museum of Modern Art in NY



MARINA CAMARGO

MACEIÓ, AL, 1980 | VIVE E TRABALHA ENTRE PORTO ALEGRE, RS; E BERLIM, ALEMANHA | MARINACAMARGO.COM
AREA72 GALERIA DE ARTE, VALÊNCIA, ESPANHA E BOLSA DE ARTE, PORTO ALEGRE, RS
INDICADA AO PRÊMIO PIPA 2016 E 2017

MACEIÓ, BRAZIL, 1980 | LIVES AND WORKS BETWEEN PORTO ALEGRE, BRAZIL AND BERLIN, GERMANY | MARINACAMARGO.COM
AREA72 GALERIA DE ARTE, VALENCIA, SPAIN AND BOLSA DE ARTE, PORTO ALEGRE, BRAZIL
PIPA PRIZE 2016 AND 2017 NOMINEE



Beckton Alps - tudo o que recai, 2017, 10'
Beckton Alps - all that falls, 2017, 10'

Visão ao sul (abaixo da linha do equador),
2015, instalação com mapas do hemisfério
sul, 200 cm
Southern vision (below the equator),
2015, installation with Southern hemisphere
maps, 200 cm

No trabalho de Marina Camargo, a noção de *deslocamento* define um modo de lidar com uma ordem estabelecida do mundo: seja como deslocamento físico por espaços ou lugares, ou como deslocamento conceitual (onde o sentido das coisas é deslocado de sua origem). Referências cartográficas, históricas e geográficas são muitas vezes a base dos projetos que desenvolve, como uma estratégia de aproximação e busca por compreender a representação das coisas.

In Marina Camargo's work the notion of displacement defines a modus operandi to deal with an established order of the world: either as a physical displacement through the space and places, or through a conceptual shift (where the meaning of things is dislocated from its origin). Cartographic, historical and geographical references are often the basis of her projects, together with a search for understanding the representation of the things.

The Sheltering Sky (p.93), 2008-2012,
papel e vinil adesivo, 190 x 100cm
The Sheltering Sky (p.93), 2008-2012,
paper and adhesive on the wall and floor,
190 x 100cm

Lições de Escultura - Zoolitos, 2016, vídeo
(performance de Marcela Reichelt), 13'10"
Sculpture Lessons - Zooliths, 2016, video
(performance by Marcela Reichelt), 13'10"



MARIO BANDS

RIO DE JANEIRO, RJ, 1985 | VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO, RJ | MARIOBANDS.BLOGSPOT.COM
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2017

RIO DE JANEIRO, BRAZIL, 1985 | LIVES AND WORKS IN RIO DE JANEIRO, BRAZIL | MARIOBANDS.BLOGSPOT.COM
PIPA PRIZE 2017 NOMINEE



Artista interventor urbano com obras marcadas pelo intenso uso da geometria e precisão no trabalho com luz, sombras e cores, Mario Bands utiliza a técnica do graffiti para deslocar elementos, confundir e traír o olhar do espectador com a inserção de novas formas nos suportes que utiliza. Com olhar aguçado, Bands busca nas ruas espaços e objetos para empreender seu gesto artístico, voltando-se, muitas vezes para locais não inseridos no circuito de arte.

An urban artist intervener with works marked by an intense use of geometry and precision in the work with light, shade and colours, Mario Bands utilizes the technique of graffiti to displace elements, confuse and betray the look of the spectator's glance by giving new shapes and looks to the supports he uses. Sharp-eyed, Bands uses spaces and objects found in the streets to make art, many times turning to venues excluded from the traditional art circuit.

Flor de Caju, site specific, 2016, intervenção, graffiti sobre antiga passarela, Caju, Avenida Brasil, Rio de Janeiro, RJ, foto Leandro Segga
Cashew Flower, site specific, 2016, urban intervention, graffiti on pillars of old overpass, Caju, Avenida Brasil, Rio de Janeiro, Brazil, photo Leandro Segga

Símbolo do descaso, 2014, intervenção com graffiti sobre escombros, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, foto Allan Lucas
Symbol of negligence, 2014, intervention with graffiti over debris, Complexo do Alemão, Rio de Janeiro, Brazil, photo Allan Lucas

Futuro dialogando com passado, site specific, 2014, mural e intervenção em grafite sobre na escada. Mostra Casa Real - Projeto 'Entre a fazenda e o Arranha Céu', Fazenda São Luiz da Boa Sorte, Vassouras, RJ
Future talking with the past, site specific, 2014, mural and graffiti intervention on stairs. Casa Real Show - Project 'Between the farm and the Skyscraper', Fazenda São Luiz da Boa Sorte, Vassouras, Brazil



500° Quadrados, mural em graffiti, projeto #RUAWALL, Zona Portuária do Rio de Janeiro, RJ, Brasil
500th Squared, mural on graffiti, #RUAWALL project, Zona Portuária do Rio de Janeiro, Brazil

Sem título, Série Janelas, 2016, mural em graffiti, Boulevard Olímpico do Novo Porto, Rio de Janeiro
Untitled, Windows series, 2016, mural on graffiti, Boulevard Olímpico do Novo Porto, Rio de Janeiro, Brazil

Futuro dialogando com passado, sitespecific, 2014, mural e intervenção em graffiti na escada. Mostra Casa Real, Projeto 'Entre a fazenda e o Arranha Céu', Fazenda São Luiz da Boa Sorte, Vassouras
Future talking with the past, site specific, 2014, mural and graffiti intervention on stairs. Casa Real Show, Project 'Between the farm and the Skyscraper', Fazenda São Luiz da Boa Sorte, in Vassouras, Brazil

Oferenda, 2016, site specific, intervenção, graffiti sobre concreto, Penha, Rio de Janeiro, foto Henrique Madeira
Offering, site specific, 2016, urban intervention, graffiti on concrete, Penha, Rio de Janeiro, Brazil, photo Henrique Madeira



MUSA MICHELLE MATTIUZZI

SÃO PAULO, SP, 1983 | VIVE E TRABALHA EM SALVADOR, BA | MUSAMATTIUZZI.WIX.COM/MUSAMATTIUZZI
INDICADA AO PRÊMIO PIPA 2017

SÃO PAULO, BRAZIL, 1983 | LIVES AND WORKS IN SALVADOR, BRAZIL | MUSAMATTIUZZI.WIX.COM/MUSAMATTIUZZI
PIPA PRIZE 2017 NOMINEE



Merci beaucoup, blanco!, 2012, Salvador, Bahia, BA, foto Hirosuke Kitamura
Merci beaucoup, blanco!, 2012, Salvador, Bahia, Brazil, photo Hirosuke Kitamura



MOVE-SE com arte contemporânea são experiências psicofísicas em performance arte, trata o próprio corpo como máquina de guerra.

A estética entre arte e vida, ATIVISMO e política, é o corpo NEGRO que produz linguagens que se manifestam por experimentos em FOTOGRAFIA ficcional e presença em performance. São as cicatrizes da colonialidade e da ancestralidade que circunscreverem seu pensamento em ações que atribuí as questões da criação artística precária. As trajetórias ficcionais atribuídas são suas próprias histórias, criar narrativas desconexas verídicas. PERFORMEIRA, MUSA MICHELLE pesquisa comportamento social, representação, monstrosidade, pornoterrorismo além de imagens com restos de lixos e vestígios da cidade de Salvador. WHITENOGRAPHIA é o seu estudo. Essas experiências experimentais que trazem a força na escrita que propõem ações para descolonizar os corpos negrxs que se apresentam na cidade. DESCOLONIZAR para acessar a ancestralidade é um dispositivo político e agenciamento poético de presença, experiências do fluxo caótico entre prática acadêmica e pesquisa artística.



MOVE YOURSELF with contemporary art are psychophysical experiences in art performance, treat your body as a war machine. The aesthetic between art and life, ACTIVISM and politics, it is the BLACK body that produces languages that manifest themselves through experiments in fictional PHOTOGRAPHY and presence in performance. They are the scars of colonialism and of ancestry that circumscribe your thoughts in actions that attribute to questions of the precarious artistic creation. The fictional trajectories attributed are their own histories, creating truthful disjointed narratives. PERFORMER, MUSA MICHELLE

researches social behaviour, representation, monstrosity, and pornoterrorism as well as the images with remnants of waste and vestiges of the city of Salvador. WHITENOGRAPHY is her study. These experimental experiences that bring the force in writing that proposes actions to decolonise the black bodies that present themselves in the city. DECOLONISE in order to access ancestry, is a political device and poetic agency of presence, experiences of chaotic flow between academic practice and artistic research.



Experimentando o vermelho em dilúvio, processo 2, 2016, performance, São Paulo, SP, foto Marcelo Paixão
Experiencing a flood of red, process 2, 2016, São Paulo, Brazil, photo Marcelo Paixão

ORLANDO DA ROSA FARYA

VITÓRIA, ES, 1957 | VIVE E TRABALHA EM VITÓRIA, ES
MATIAS BROTAS ARTE CONTEMPORÂNEA, VITÓRIA, ES
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2017



Tapete, 2014, instalação, 60 x 300 cm,
intervenção no Museu Arqueológico
do Carmo, Lisboa

Carpet, 2014, installation, 60 x 300 cm,
interventions in the Archaeological
Museum of Carmo, Lisbon

Noiva, 2015, instalação, 30 x 100 cm,
intervenção no Museu Arqueológico
do Carmo, Lisboa

Bride, 2015, installation, 30 x 100 cm,
interventions in the Archaeological
Museum of Carmo, Lisbon

Cabeças decepadas, 2017, acrílica sobre tela,
170 x 140 cm

Mutilated heads, 2017, acrylic on canvas,
170 x 140 cm

Cabeças decepadas, 2012, acrílica sobre
tela, 170 x 140 cm

Mutilated heads, 2012, acrylic on canvas,
170 x 140 cm

Phantasma/Ektoplasma, série, 2016-2017,
escultura/instalação (mobiliário, louça,
poliuretano), dimensões variáveis

Phantasm/Ectoplasm, series, 2016-2017
sculpture/installation (furniture, dishes,
polyurethane), variable dimensions



Lisboa, Terra em Transe, série, 2016, fotografia digital (Iphone 6s, Huawei P9),
dimensões variáveis

Lisbon, Earth in Trance, series, 2016, digital photograph (Iphone 6s, Huawei P9),
variable dimensions

VITÓRIA, BRAZIL, 1957 | LIVES AND WORKS IN VITÓRIA, BRAZIL
MATIAS BROTAS ARTE CONTEMPORÂNEA, VITÓRIA, BRAZIL
PIPA PRIZE 2017 NOMINEE

Com tempo e espaço criativos divididos entre Brasil e Portugal, Orlando Farya é também Professor Adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo, em fase final de doutoramento pela Universidade de Lisboa. Desde os anos 1980, produz uma obra vasta, significativa e variada, que vai da pintura ao vídeo, da fotografia à instalação. Ora é um típico neoexpressionista dos anos oitenta, convulso na reclusão autorreferente do ateliê; ora um *flâneur* digital pelo Mitte berlinense. Ora é um *videomaker* experimental; ora um *sticker*, invadindo a Promenade Plantée, o entorno do Pompidou e a Sala Veronese do Louvre. Mais do que uma pesquisa, o seu trabalho artístico é um *pathos*. Sua marca é o constante encantamento pelo mundo, cuja mônada a ser flagrada é a epifania da forma-cor. No ritmo desta consagração, acumula exposições nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Santiago, Berkeley CA., La Havana, Cardiff, Berlim, Paris, Lisboa entre outras.

With creative time and space divided between Brazil and Portugal, Orlando Farya is also an Associate Professor of the Federal University of Espírito Santo, in the final phase of a Doctorate at the University of Lisbon. Since the 1980s, he has accumulated vast, significant and varied work, that goes from painting to video, from photography to installation. At times a typical neo-expressionist of the eighties, convulsed in the self-referential seclusion of the studio; at times a digital flâneur through the Berlin Mitte. He is an experimental videomaker; at times a sticker, invading the Promenade Plantée, the surroundings of the Pompidou and the Veronese Room of The Louvre. More than a research, his artistic work is a pathos. His trademark is a constant enchantment with the world, whose monad to be caught is the epiphany of colour-form. In the rhythm of this consecration, includes exhibitions in the cities of São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Santiago, Berkeley CA., La Havana, Cardiff, Berlin, Paris and Lisbon among others.

PALOMA BOSQUÊ

GARÇA, SP, 1982 | VIVE E TRABALHA EM SÃO PAULO, SP | WWW.PALOMABOSQUE.COM
MENDES WOOD DM, SÃO PAULO, SP
INDICADA AO PIPA 2015, 2016 E 2017



Campo, vista da exposição, Mendes Wood DM, 2016, foto Everton Ballardin
Field Exhibition View, Mendes Wood DM, 2016, photo Everton Ballardin

Trave, 2016, lençol de chumbo, hastes de latão e carvão vegetal, 115,5 x 35 x 4,5 cm
Posts, 2016, led sheet, brass rods and charcoal, 115,5 x 35 x 4,5 cm

Das interações provisórias, 2016, peneiras de café, lã e hastes de latão, 115,5 x 30 x 4,5 cm

On Provisory Interaction, 2016, coffee sieves, wool, 115, 5 x 30 x 4,5 cm

A rotina do ateliê é o ponto de partida de boa parte da pesquisa de Paloma Bosquê. Nesse ambiente a artista manuseia e associa livremente materiais diversos, criando composições e muitas vezes desenvolvendo métodos específicos para unir, sobrepor e emendar elementos que dificilmente ocupariam o mesmo espaço em outro contexto. É através das relações entre textura, peso e equilíbrio dos materiais que a artista constrói um território de extrema delicadeza visual e que instiga por frustrar sempre qualquer esforço de interpretação. O foco de Bosquê está na “coisa em si”, suas esculturas se fazem presentes e requerem envolvimento.

The routine of the studio is the starting point for much of Paloma Bosquê's research. In this environment the artist freely handles and freely associates diverse materials, creating compositions and often developing specific methods to unite, overlap and amend elements that would hardly occupy the same space in another context. It is through the relationships between texture, weight and balance of materials that the artist constructs an extreme visual delicacy and that instigates by always thwarting any efforts of interpretation. The focus of Bosquê is on the “thing in itself”, her sculptures are made present and require involvement.



Campo, vista da exposição, Mendes Wood DM, 2016, foto Everton Ballardin
Field Exhibition View, Mendes Wood DM, 2016, photo Everton Ballardin

PAUL SETÚBAL

APARECIDA DE GOIÂNIA, GO, 1987 | VIVE E TRABALHA EM GOIÂNIA, GO; BRASÍLIA, DF E SÃO PAULO, SP | PAULSETUBAL.BLOGSPOT.COM.BR
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2017



Zeitgeist, 2015, still de vídeo, 1'43"

Zeitgeist, 2015, video still, 1'43"

Habeas Corpus e Aurora, 2016, sangue do artista sobre bandeiras, 127 x 90 cm (cada),
Coleção Museu de Arte do Rio

Habeas Corpus and Aurora, 2016, blood of the artist on flags, 127 x 90 cm (each),
Museum of Art of Rio Collection



APARECIDA DE GOIÂNIA, BRAZIL, 1987 | LIVES AND WORKS IN GOIÂNIA, BRASÍLIA AND SÃO PAULO, BRAZIL | PAULSETUBAL.BLOGSPOT.COM.BR
PIPA PRIZE 2017 NOMINEE



Paul Setúbal se refere a suas telas como “pinturas”. Entretanto, elas parecem mais, ‘anti-pinturas’, uma vez que não discutem nem se inserem na tradição pictórica. A tensão trazida pelo emprego do sangue traz um sentido simbólico que faz da tela crua recoberta por respingos uma espécie de performance biográfica. Os *drippings* de Paul (se é que a palavra dá conta do procedimento empregado) apresentam um *all-over* que expõe o processo do trabalho. O *all-over* aqui tudo unifica; é história e sentido.

Ana Avelar, crítica de arte

Paul Setúbal refers to his canvases as “paintings”. However, they seem more like ‘anti-paintings’ once they are not discussed nor inserted into a pictorial tradition. The tension brought by the use of blood brings a symbolic sense that makes the raw canvas covered by spatter a kind of biographical performance. Paul’s drippings (if that word justifies the process employed) present an all-over that exposes the process of work. The all-over here unifies everything; it’s history and meaning.

Ana Avelar, art critic



Instrumento para uma fantasia, 2016, marreta de 1,5 kg com marcas e volumes de dentes humanos. Ferro fundido, tinta automotiva e madeira, 14 x 30 x 5 cm

Instrument for a fantasy, 2016, 1.5k hammer with marks and volume of human teeth.
Cast iron, automotive paint, wood, 14 x 30 x 5 cm

Compensação por Excesso II, 2017, sangue do artista sobre tela, 200 x 150 cm

Compensation for Excess II, 2017, blood of the artist on canvas, 200 x 150 cm



entrada de diário, julho de 2016

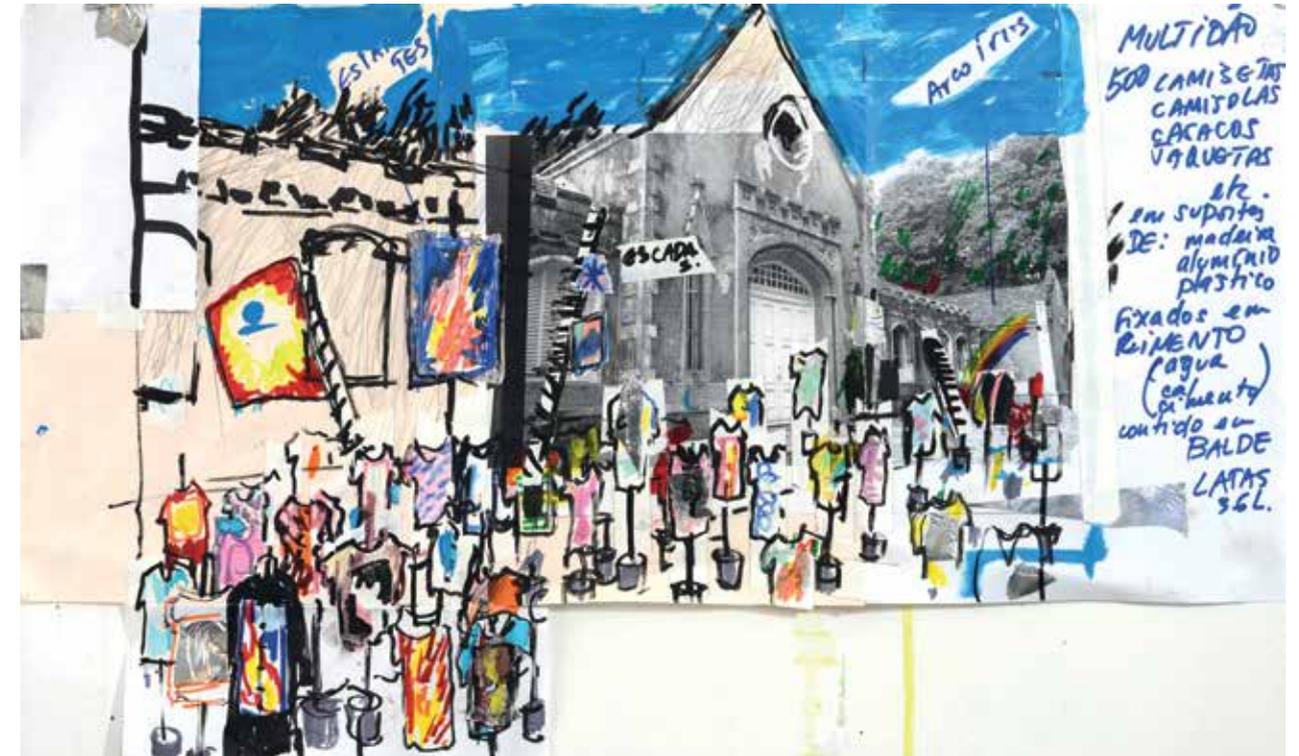
Em janeiro, desenhos e aquarelas... férias... o processo deve ser a construção das condições para a experiência do delírio... foi essa a tentativa da minha experiência-multidão, acéfala. "Especulante Paraíso" é o desafio de trabalhar na tensão um/muitos... trabalhar em tempos horríveis. A resposta para o momento sombrio não deve ser a desistência ou a recusa, mas o fazer louco, dispendioso, escatológico, eufórico. Hoje o poder diz: "não pense em crise, trabalhe"... as questões que nesse momento habitam meu espírito têm a ver com a terrível (e constrangedora!) semelhança entre essas duas frases.

Diary entry, jul 2016

In January, drawings and watercolours. Vacations... the process must be the set up for the conditions of a delirious experience... such was the attempt of my multitude experience, acephalic ..."Speculative Paradise is the challenge of working in the tension between one and many, and to work in horrible times. The answer to this cloudy sky must not be refusal, but the crazy, wasty, eschatological, euphoric make-do. Today the president says: Think not of crisis, work!... what a mysterious, terrible (and embarrassing) similitude

Especulante paraíso, exposição "Agora somos mais de mil", Escola de Artes Visuais do Parque Lage, 2016, materiais diversos e dimensões variáveis

Speculative Paradise, at the exhibition "Agora somos mais de mil", Escola de Artes Visuais do Parque Lage (School of Visual Arts of Parque Lage), Rio de Janeiro, 2016



RAÍSSA DE GÓES

RIO DE JANEIRO, RJ, 1976 | VIVE E TRABALHA EM RIO DE JANEIRO, RJ, BRASIL | RAISSADEGOES.CARBONMADE.COM
INDICADA AO PRÊMIO PIPA 2015 E 2017

RIO DE JANEIRO, BRAZIL, 1976 | LIVES AND WORKS IN RIO DE JANEIRO, BRAZIL | RAISSADEGOES.CARBONMADE.COM
PIPA PRIZE 2015 AND 2017 NOMINEE



Em todo lugar, menos aqui, 2016,
vídeo em loop
Everywhere, except here, 2016,
video loop



Em todo lugar, menos aqui, 2016,
vídeo em loop
Everywhere, except here, 2016,
video in loop

Raíssa de Góes realizou exposições coletivas tais como “Cadernos do corpo” e “Da escrita delas”. E individuais, “Honorato” no CEDIM e “Memória/Esquecimento”, no Espaço Cultural Sérgio Porto. Seu trabalho é voltado para a pesquisa entre imagem e palavra. Publicou três livros pela 7Letras: “Malhada Vermelha” (2011), fazendo parte de sua exposição “Memória/Esquecimento”, “autorretrato” (2013) e “Volta” (2015). Possui também a publicação virtual “algumas ideias de uma pequena criatura”, Zazie Edições.

Raíssa de Góes has participated in collective exhibitions such as “Cadernos do Corpo”(Notebooks of the Body) and “Da Escrita Delas” (Of the Female Writing), and has held individual exhibitions such as “Honorato” at CEDIM, and “Memória/Esquecimento” (Memory/Oblivion), at Espaço Cultural Sérgio Porto. The artist’s work is focused on the research between images and words. She has published three books by 7 Letras: “Malhada Vermelha”, (Spotted Red), in 2011, which was part of the “Memória/Esquecimento” exhibition, “autorretrato” (self-portrait), in 2013, and “Volta” (Coming Back), 2015. She has also published “algumas ideias de uma pequena criatura” (a few ideas of a small creature), digitally, through Zazie Edições.

REGINA PARRA

SÃO PAULO, SP, 1981 | VIVE E TRABALHA EM SÃO PAULO, SP
GALERIA MILLAN, SÃO PAULO, SP
INDICADA AO PRÊMIO PIPA 2010 E 2017

SÃO PAULO, BRAZIL, 1981 | LIVES AND WORKS IN SÃO PAULO, BRAZIL
GALERIA MILLAN, SÃO PAULO, BRAZIL
PIPA PRIZE 2010 AND 2017 NOMINEE



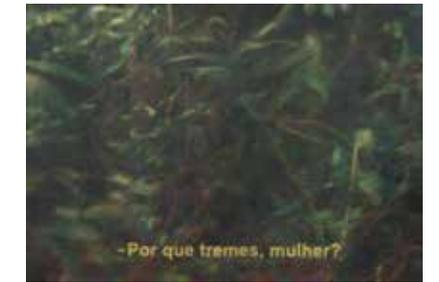
7.536 passos (por uma geografia da proximidade), 2012, vídeo, 20'33"
7,536 steps (by a geography of proximity), 2012, video, 20'33"

Capitão do mato, 2016, vídeo, 5'40"
Captain of the forest, 2016, video, 5'40"



Virar homem ou desaparecer, 2016, óleo sobre papel, 70 x 40 cm
Become a man or disappear, 2016, oil on canvas, 70 x 40 cm

Capitão do mato, 2016, vídeo, 5'40"
Captain of the forest, 2016, video, 5'40"

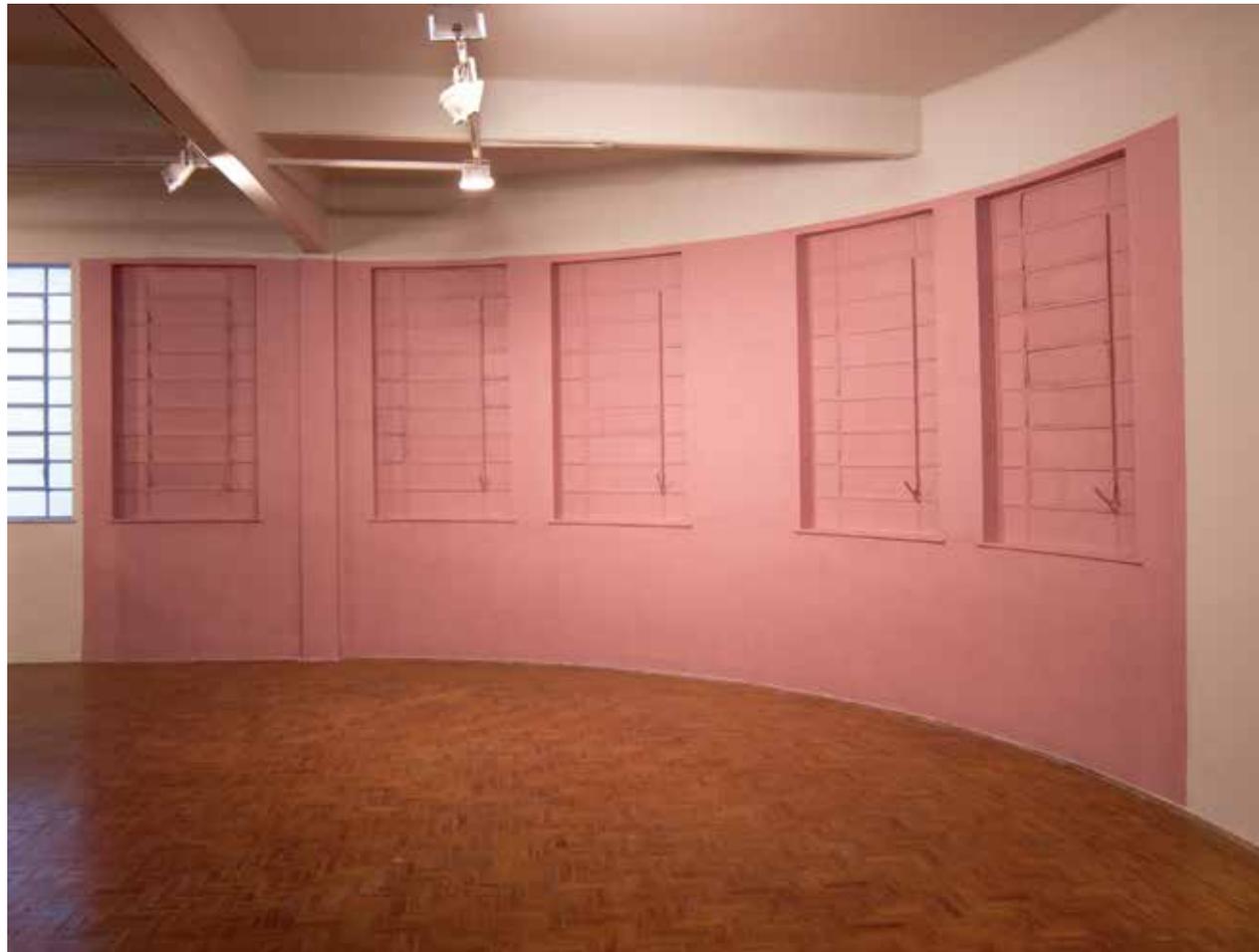


Os trabalhos de Regina Parra guardam marcas discretas, mas ainda assim loquazes, da violência que rege a história do Brasil - a remota como a recente. Violência que atinge em cheio negros e índios e que tem nas mulheres (inclusive as brancas, que são por isso um pouco negras e índias) um de seus alvos mais frequentes, como sugere a pergunta sobreposta à imagem embaciada de uma floresta como se fosse a legenda da cena de um filme inexistente: "Por que tremes, mulher?"

Moacir dos Anjos

The works of Regina Parra hold discrete, yet loquacious, trademarks, of the violence that rules the history of Brazil - the remote and the recent. Violence that strikes blacks and indigenous in full, and which has in women (including white ones, who are therefore a little black and indigenous) one of its most frequent targets, as suggested by the question superimposed on the blurred image of a forest as if it were the caption of a non-existent movie scene: "Why do you tremble, woman?"

Moacir dos Anjos



Canto curvo com janelas, 2016, papel manilha rosa colado sobre arquitetura, 31 m² (aprox.), 24 Visulidade Nascente (Primeiro Prêmio), Centro Universitário Maria Antônia USP, São Paulo.

Curved corner with windows, 2016, pink manila paper adhered directly over architecture, 31 m² (approx.), 24 Visulidade Nascente (First Prize), Centro Universitário Maria Antônia USP, São Paulo, Brazil.

Desenho: Janelas, 2011, papel offset azul colado diretamente sobre arquitetura, 70 m², La Otra, Bogotá, Colômbia.

Drawing: Windows, 2011, offset paper adhered directly over architecture, La Otra, Bogota, Colombia.



Desenho: Portas com bandeiras arqueadas (séc. XIX), 2015, papel semi-kraft colado diretamente sobre arquitetura, 15 m² (aprox.), exposição Abre Alas, A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, foto Victor Dias

Drawing: doors with arched fanlights (XIX Century), 2015, paper adhered directly over architecture, 15 m² (approx.), Abre Alas, A Gentil Carioca Gallery, Rio de Janeiro, Brazil, photo Victor Dias



Em meus trabalhos recentes, arquitetura e contexto urbano são, ao mesmo tempo, tema e lugar para intervenções. Os projetos buscam produzir noções de descontinuidades espaciais e temporais. Nutrem-se de um repertório de experiências paradoxais vividas em ruínas arquitetônicas, casas vazias ou abandonadas, cidades fantasmas, amplos espaços vazios, cenografias de teatro e cinema. Informam-se, ainda, pelas arquiteturas altamente “sensualistas” de autores como Luis Barragán e Tadao Ando. Ambientes inertes nos quais o movimento é reduzido a um fluir quase imperceptível. Espaços sem tempo.

In my recent work, architecture and urban contexts are both themes and places for intervention. My projects are centered on the production of spatial and temporal discontinuities. They are related to a repertoire of paradoxical experiences lived in architectural ruins, empty or abandoned houses, ghost towns, wide empty spaces, theater and film sets. They are also informed by the highly “sensualist” architecture designed by authors such as Luis Barragán and Tadao Ando. Inert places in which movement is reduced to an almost imperceptible flow. Spaces without time.

RICARDO CÀSTRO

SÃO ROQUE, SP, 1972 | VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO, RJ | ABRAVANA.COM
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2017



A Hora Mágica, 2015, vídeo, 5'40"
The Magic Hour, 2015, vídeo, 5'40"

da série **Composição Telúrica**, 2015, couro,
pedra e madeira, 35 x 29 x 06 cm
from the series Telluric Composition, 2015,
leather, stone and wood 35 x 29 x 06 cm

Cartas na Mesa, 2016, instalação e
performance oracular, Produce III, Istambul
Cards on the Table, 2016, installation and
oracular performance, Produce III, Istambul



Ricardo Càstro pesquisa as qualidades, tanto formais quanto místicas, de elementos cromáticos para realizar intervenções que supõem a transformação dos espaços arquitetônico, urbano e social. Em geral são trabalhos híbridos, abertos à participação do público. Suas ações artísticas foram reunidas pelo termo *abravana*, neologismo que ressoa como uma chave vocal dotada de vibração, intensificando a relação corpo/obra para realçar uma dimensão que corresponde à um nível infinito de percepções.

*Ricardo Càstro researches the qualities, both formal and mystical, of chromatic elements to carry out interventions that seek the transformation of architectural, urban and social spaces. In general, they are hybrid works, open to public participation. His artistic actions have been brought together under the term *abravana*, a neologism that resonates as a vocal key endowed with vibration, intensifying the body / work relationship to shed light on a dimension that corresponds to an infinite level of perception.*

Very Rick-Passe lá, 2008, instalação e performance, vista da instalação antes e durante a participação do público, Galeria Casa Triângulo, São Paulo

Very Rick-Pass By, 2008, installation and performance, view of the installation before and during public participation, Casa Triângulo Gallery, São Paulo



RODRIGO GARCIA DUTRA

RIO DE JANEIRO, RJ, 1981 | VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO, RJ | RODRIGOGARCIADUTRA.COM
GALERIA SUPERFÍCIE, SÃO PAULO, SP; E MARIAN CRAMER PROJECTS, AMSTERDAM, HOLANDA
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2015, 2016 E 2017

RIO DE JANEIRO, BRAZIL, 1981 | LIVES AND WORKS IN RIO DE JANEIRO, BRAZIL | RODRIGOGARCIADUTRA.COM
GALERIA SUPERFÍCIE, SÃO PAULO, BRAZIL; AND MARIAN CRAMER PROJECTS, AMSTERDAM, NETHERLANDS
PIPA PRIZE 2015, 2016 AND 2017 NOMINEE



Oficina Inventando Geometrias nas Jornadas de Outubro, Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro, 2016
Workshop Inventing Geometries in Jornadas de Outubro, Visual Arts School of Parque Lage, Rio de Janeiro, 2016

A Matriz Afro e os Elementos Formais, curadoria de Gustavo Nóbrega, Galeria Superfície, São Paulo, 2016
The Afro Matrix and the Formal Elements, curated by Gustavo Nóbrega, Galeria Superfície, São Paulo, 2016

Composição Erudita II, 2016, óleo sobre tela, 40 x 40 cm
Erudite Composition II, 2016, oil on canvas, 40 x 40 cm



Participou recentemente das seguintes exposições: “10ª Bienal do Mercosul: Mensagens de Uma Nova América”, Porto Alegre, Brasil; “Tomorrow: London”, South London Gallery, Londres, Reino Unido (2014); “Histórias Mestiças”, coletiva no Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2014); “Abstract Ground”, individual na Marian Cramer Projects, Amsterdã, Países Baixos (2014); “18º Festival de Arte Contemporânea SESC Video Brasil: 30º aniversário”, São Paulo, Brasil (2013), e “Open Cube”, no White Cube, Londres, Reino Unido (2013).

Recent exhibitions include “10ª Bienal do Mercosul Mensagens de Uma Nova América”, Porto Alegre, Brazil, “Tomorrow: London” at South London Gallery (2014), “Histórias Mestiças” Group show at Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil (2014), “Abstract Ground” Solo show at Marian Cramer Projects, Amsterdam, Netherlands (2014), ‘18th International Contemporary Art Festival SESC Videobrasil: 30th Anniversary, São Paulo, Brazil (2013), “Open Cube” at White Cube, London, UK (2013).

ROMY POCZTARUK

PORTO ALEGRE, RS, 1983 | VIVE E TRABALHA EM PORTO ALEGRE, RS | ROMYPOCZ.COM

SIM GALERIA, BOGOTÁ, COLÔMBIA; GESTUAL, PORTO ALEGRE, RS E ANITA SCHWARTZ GALERIA DE ARTE, RIO DE JANEIRO, RJ
INDICADA AO PRÊMIO PIPA 2015 E 2017



Romy Pocztaruk é mestre em Poéticas Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Seu trabalho lida com simulações e com a posição a partir da qual o artista interage com diferentes lugares, e com as relações possíveis a partir do cruzamento de diferentes campos e disciplinas (como ciência e comunicação) com o campo da arte, gerando resultados poéticos em diferentes meios e suportes.

Romy Pocztaruk has a Masters in Visual Poetry from the Federal University of Rio Grande do Sul. Her work deals with simulations, the position from which the artist interacts with different places, and with the possible relations from the crossing of different fields and disciplines (such as science and communication) with the field of art, generating poetic results in different means and supports.



Olympia, 2016, montagem fotográfica, dimensões variáveis, Centro Cultural Hélio Oiticica RJ
Olympia, 2016, photo montage, variable dimensions, Centro Cultural Hélio Oiticica Rio de Janeiro, Brazil

A última Aventura, fotografia digital, 165 x 110 cm, Bienal de São Paulo
The Last adventure, digital photograph, 165 x 110 cm, São Paulo Biennial

PORTO ALEGRE, BRAZIL, 1983 | LIVES AND WORKS IN PORTO ALEGRE, BRAZIL | ROMYPOCZ.COM
SIM GALERIA, BOGOTA, COLOMBIA; GESTUAL, PORTO ALEGRE, BRAZIL AND ANITA SCHWARTZ GALERIA DE ARTE, RIO DE JANEIRO, BRAZIL
PIPA PRIZE 2015 AND 2017 NOMINEE



Carnaval dos animais, 2015, instalação, balões volumétricos, água e peixes, Miami Art Basel Positions

Carnival of the animals, 2015, installation, chemical glass, water and fish, Miami Art Basel Positions

Feira de Ciências, 2015, vista da exposição, CCSP

Science Fair, 2015, exhibition view CCSP



RUBIANE MAIA

CARATINGA, MG, 1979 | VIVE E TRABALHA EM VITÓRIA, ES | RUBIANEMAIA.COM
INDICADA AO PRÊMIO PIPA 2017

CARATINGA, BRAZIL, 1979 | LIVES AND WORKS IN VITÓRIA, BRAZIL | RUBIANEMAIA.COM
PIPA PRIZE 2017 NOMINEE



O Jardim, 2015, performance (2 meses),
dimensões variáveis, foto Tete Rocha
The Garden, 2015, performance (2 months),
variable dimensions, photo Tete Rocha

Ponto Cego, 2016, performance, dimensões
variáveis, foto Manuel Vason
Blind Spot, 2016, performance, variable
dimensions, photo Manuel Vason



Rubiane Maia é licenciada em Artes Visuais e possui mestrado em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo. Trabalha no cruzamento entre a performance, a instalação e o vídeo, além de flertar com o cinema e a literatura. Em seu trabalho busca lidar com tudo que é frágil, vulnerável e até mesmo intransponível, sendo atraída por diferentes estados de equilíbrio-desequilíbrio capazes de deflagrar a natureza delicada, instável e transitória da existência humana.

Rubiane Maia is a visual artist working in the intersection between performance art, installation, and video. She also flirts with cinema and literature. She studied Visual Arts and completed a Masters, at Federal University of Espírito Santo, Brazil. Her work deals with all that is fragile, vulnerable, and even insurmountable. She is attracted by the ability to evidence the delicate, unstable and transitory nature of the human existence.

Preparação para Exercício Aéreo, a Montanha, 2016, performance/vídeo,
dimensões variáveis (Rubiane Maia and Manuel Vason)

Preparation for Aerial Exercise, the Mountain, 2016, performance/vídeo, variable
dimensions (Rubiane Maia and Manuel Vason)

Estudos Aéreos – II. Estudo para possibilidade de queda, 2015, performance,
dimensões variáveis, foto David Dines
Aerial Studies (II. Study for possibility of fall), 2015, performance, variable dimensions,
photo David Dines



SOFIA BORGES

RIBEIRÃO PRETO, SP, 1984 | VIVE E TRABALHA ENTRE SÃO PAULO, SP E PARIS, FRANÇA | SOFIABORGES.CARBONMADE.COM
INDICADA AO PRÊMIO PIPA 2010, 2014, 2015 E 2017

RIBEIRÃO PRETO, BRAZIL, 1984 | LIVES AND WORKS BETWEEN SÃO PAULO, BRAZIL AND PARIS, FRANCE | SOFIABORGES.CARBONMADE.COM
PIPA PRIZE 2010, 2014, 2015 AND 2017 NOMINEE



Sofia Borges é artista visual formada em 2008 pela Universidade de São Paulo. Entre 2009 e 2017, realizou cerca de 20 individuais no Brasil e exterior, recebeu diversos prêmios por seu trabalho fotográfico, e participou de inúmeras coletivas, entre elas a 30ª Bienal de São Paulo. Depois de muitos anos pesquisando sobre museus e outras estruturas de representação, em 2015 deu início às visitas às cavernas pré-históricas no sul da França, inspiração por trás do livro "O Pântano", de autoria própria. Em 2016, "O Pântano" - que reúne sete anos de sua pesquisa - venceu o prêmio britânico The First Book Award e foi lançado na Photo London 2016. Em 2018, seu trabalho será apresentado na exposição The New Photography no MoMA e a artista participará, como curadora, da 33ª Bienal de São Paulo.

Sofia Borges is a visual artist who received her BA from the University São Paulo in 2008. Between 2009 and 2017, she held over 20 solo shows in Brazil and abroad, received various awards for her photographic work, and participated in several group exhibitions, amongst them the 30th São Paulo Biennial. After many years researching on museums and other structures of depiction, in 2015 she started to explore the prehistoric caves in the South of France, which inspired her book "The Swamp". In 2016, "The Swamp" - which unites seven years of her research, won the British First Book Award and was launched at Photo London 2016. In 2018, her works will be shown at The New Photography exhibition at MoMA and she will participate as a curator at the 33rd São Paulo Biennial.

As Imagens São Imagens São Imagens São Imagens #6, 2017, fotografia, colagem, 200 x 300 cm
The Images Are Images Are Images Are Images #6, 2017, photograph, collage, 200 x 300 cm



Máscara, 2017, fotografia, impressão pigmento mineral em papel algodão, 230 x 150 cm
Mask, 2017, photograph, mineral pigment printing on cotton paper, 230 x 150 cm

O Absoluto, 2016, fotografia, impressão pigmento mineral em papel algodão, 150 x 230 cm
The Absolute, 2016, photograph, mineral pigment printing on cotton paper, 150 x 230 cm



Sem título, 2015, fotografia, impressão pigmento mineral em papel algodão, 230 x 150 cm
Untitled, 2015, photograph, mineral pigment printing on cotton paper, 230 x 150 cm

TIAGO CARNEIRO DA CUNHA

SÃO PAULO, SP, 1973 | VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO, RJ
FORTES D'ALOIA & GABRIEL, SÃO PAULO, SP
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2017



Gargantua Rex, 2009, faiança policromada, 40 x 40 x 43 cm, foto Eduardo Ortega
Gargantua Rex, 2009, Polichrome Faience, 40 x 40 x 43 cm, photo Eduardo Ortega

Tiago Carneiro da Cunha nasceu em 1973 em São Paulo e vive e trabalha no Rio de Janeiro. Realizou pós-graduação em Artes Visuais no Goldsmiths College (Londres). Expôs individualmente na Galeria Fortes Vilaça (São Paulo), Kate Macgarry (Londres) e Misako&Rosen Gallery (Tokyo), além de participar de exposições coletivas em diversos países, como 30ª Bienal de São Paulo (2012), Bienal Naïfs do Brasil 2016 (SESC), Prospect 2013 (Museum of Contemporary Art San Diego, EUA, 2013) e New Work: Tiago Carneiro da Cunha and Klara Kristalova (San Francisco Museum of Modern Art, 2010).

Tiago Carneiro da Cunha was born in 1973 in São Paulo and lives and works in Rio de Janeiro. He received a Post-Graduate Degree in Visual Arts at Goldsmiths College (London). Has held solo exhibition at Galeria Fortes Vilaça (São Paulo), Kate Macgarry (London) e Misako&Rosen Gallery (Tokyo), and also participated in group shows in a range of countries, including the 30th São Paulo Biennial (2012), Biennial Naïfs do Brasil 2016 (SESC), Prospect 2013 (Museum of Contemporary Art San Diego, USA, 2013) and New Work: Tiago Carneiro da Cunha and Klara Kristalova (San Francisco Museum of Modern Art, 2010).



A Hora II, 2015, óleo sobre tela, 39,3 x 66,5 x 4 cm, foto Eduardo Ortega
A Hora II, 2015, oil on canvas, 39,3 x 66,5 x 4 cm, photo Eduardo Ortega

Bem Queimado, 2013, óleo sobre tela, 25 x 33 x 4 cm, foto Eduardo Ortega
Bem Queimado, 2013, oil on canvas, 25 x 33 x 4 cm, photo Eduardo Ortega

SÃO PAULO, BRAZIL, 1973 | LIVES AND WORKS IN RIO DE JANEIRO, BRAZIL
FORTES D'ALOIA & GABRIEL, SÃO PAULO, BRAZIL
PIPA PRIZE 2017 NOMINEE



Neoclássica I, 2013, resina e fibra de vidro, 230 x 62 x 20 cm, foto Eduardo Ortega
Neoclássica I, 2013, resin and fiberglass, 230 x 62 x 20 cm, photo Eduardo Ortega

TONY CAMARGO

PAULA FREITAS, PR, 1979 | VIVE E TRABALHA EM CURITIBA, PR
CASA TRIÂNGULO, SÃO PAULO, SP E SIM GALERIA, CURITIBA, PR
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2010, 2011 E 2017



Já realizou 18 mostras individuais e participou de coletivas como: A Cor do Brasil, MAR, 2016; 10ª Bienal do Mercosul, 2015; Panorama da Arte Brasileira, MAM SP, 2005; Geração da Virada, SP, 2006; Nova Arte Nova, CCBB, RJ/SP, 2008; Bienal de Curitiba, 2009; Geração 00, SESC Belenzinho, SP, 2011; L'éloge de Vertige, MEP, Paris, 2012. Obras em acervo: MAR RJ, MAM SP, MAC CE, MAC PR, MASC, MAC RS, MUSA UFPR, MON, CCBNB, FVCB, FCC Curitiba, Instituto Itaú Cultural e Clube de Colecionadores MAM SP.

He has conducted 18 solo exhibitions and participated in group exhibitions such as: A Cor do Brasil, MAR, 2016; 10ª Bienal do Mercosul, 2015; Panorama da Arte Brasileira, MAM SP, 2005; Geração da Virada, SP, 2006; Nova Arte Nova, CCBB, RJ/SP, 2008; Geração 00, SESC Belenzinho, SP, 2011; L'éloge de Vertige, MEP, Paris, 2012. Works in collection: MAR RJ, MAM SP, MAC CE, MAC PR, MASC, MAC RS, MUSA UFPR, MON, CCBNB, FVCB, FCC Curitiba, Instituto Itaú Cultural and Clube de Colecionadores MAM SP.

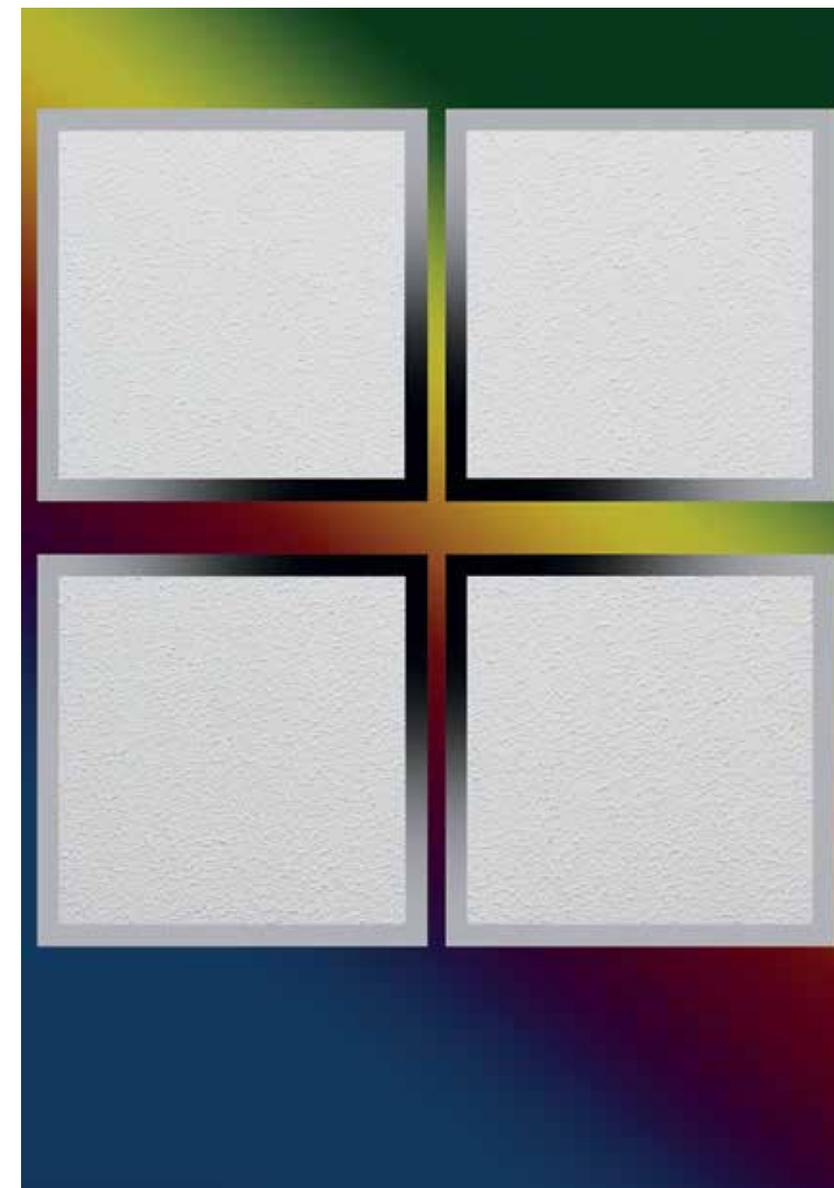
FP66, 2013, impressão em jato de tinta sobre tela aplicada em poliestireno, 59 x 64 x 5 cm
FP66, 2013, inkjet printing on canvas enforced on polystyrene, 59 x 64 x 5 cm

FP70, 2015, impressão em jato de tinta sobre tela aplicada em poliestireno, 64 x 86 x 5 cm
FP70, 2015, inkjet printing on canvas enforced on polystyrene, 64 x 86 x 5 cm



PF350, 2015, Impressão inkjet, verniz poliuretano, pasta e tinta acrílica sobre tela aplicada em poliestireno, 82 x 33 x 6 cm
PF350, 2015, Inkjet printing, polyurethane varnish, and acrylic paint on canvas enforced on polystyrene, 82 x 33 x 6 cm

P69, 2015, Laca nitrocelulose e pasta acrílica sobre mdf, 144,5 x 101 x 6 cm
P69, 2015, Nitrocellulose lacquer and acrylic on mdf, 144,5 x 101 x 6 cm



TÚLIO PINTO

BRASÍLIA, DF, 1974 | VIVE E TRABALHA EM PORTO ALEGRE, RS | TULIOPINTO.COM
BARÓ GALERIA, SÃO PAULO, SP
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2017

BRASÍLIA, BRAZIL, 1974 | LIVES AND WORKS IN PORTO ALEGRE, BRAZIL | TULIOPINTO.COM
BARÓ GALERIA, SÃO PAULO, BRAZIL
PIPA PRIZE 2017 NOMINEE



Sustentar uma escultura a partir do inexistente, criar peso para dar densidade ao vazio e inventar espaço para dar sentido ao entre são operações que se refazem no trabalho de Túlio Pinto. Sua atividade tem combinado o vigoroso desejo de habitar o mundo – por meio daquilo que nele imprimimos – com uma espécie de embreagem sensível que faz ver que parte significativa dessa potência se dá menos pela criação de novas presenças do que pela intensificação das forças que lá estão.

Clarissa Diniz, excerto do texto "De territórios, abismos e intenções", 2013

Sustaining a sculpture from inexistence, creating weight in order to give density to the void and inventing space to give direction to the in-between are operations that are remade in the work of Túlio Pinto. His activity has combined the vigorous desire of inhabiting the world - by means of what we imprint on it - with a kind of sensitive clutch that shows that a significant part of this power is given less by the creation of new presences than by the intensification of the forces that are there.

Clarissa Diniz, excerpt from the text "Of territories, abysses and intentions", 2013

Linhas, 2012, balões e gás hélio, dimensões variáveis

Lines, 2012, balloons and helium gas, variable dimensions



Nadir escaleno, 2016, roupa de corda, vidro, corda e pedra, dimensões variáveis

Nadir scalene, 2016, clothes made out of rope, glass, rope and stone, variable dimensions

Nadir#8, 2014, escada de aço, corda, pedras e lâmina de vidro, 204 x 260 x 80 cm

Nadir#8, 2014, steel stairs, rope, stones and glass slide, 204 x 260 x 80 cm

Cumplicidade 9, 2016, vigas H e vidro soprado, 135 x 90 x 170cm

Cumplicity 9, 2016, H beams and blown glass, 135 x 90 x 170cm



ULYSSES BÔSCOLO

SÃO PAULO, SP, 1977 | VIVE E TRABALHA EM SÃO PAULO, SP | ATELIERPIRATININGA.COM
GALERIA MEZANINO, SÃO PAULO, SP
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2017

SÃO PAULO, BRAZIL, 1977 | LIVES AND WORKS IN SÃO PAULO, BRAZIL | ATELIERPIRATININGA.COM
GALERIA MEZANINO, SÃO PAULO, BRAZIL
PIPA PRIZE 2017 NOMINEE



O trabalho tem como característica principal a relação com os instrumentos de corte (goivas, formões e pontas secas) com materiais específicos para a impressão como papéis e tecidos. Mesclando com viagens recentes ao Pantanal e a cidade de Belém, no Pará, a pintura e a xilogravura é apresentada por meio de instalações, a ponto de pensar esses meios tradicionais como veículos, eixos e maneiras especiais de compreender a paisagem em diversos objetos feitos no ateliê.

The work has as its main characteristic the relation with cutting instruments (gouges, chisels and dry ends) with specific materials for printing such as papers and fabrics. Merging with recent trips to the Pantanal and the city of Belém, Pará, painting and woodcutting are presented through installations, to the point of thinking of these traditional means as vehicles, axes and special ways of understanding the landscape in various objects made in the studio.

Manto, Belém, 2016, xilogravuras impressas manualmente em tecido utilizada como máscaras, P.A, tamanhos variáveis

Manto, Belém, 2016, manually woods engravings printed fabric used as masks. P.A. variable sizes



VICENTE DE MELLO

SÃO PAULO, SP, 1967 | VIVE E TRABALHA NO RIO DE JANEIRO, RJ
GALERIA EDUARDO FERNANDES, SÃO PAULO, SP
INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2017



Fugitivo, 2015, instalação na Ocupação Mauá, dimensões variáveis
Fugitive, 2015, installation at Ocupação Mauá, variable dimensions

Sem título, série Vermelhos Telúricos, 2001, fotografia, Grand Canal, Veneza, Itália, 120 x 120 cm

Untitled, from the series *Telluric Reds*, 2001, photograph, Grand Canal, Venice, Italy, 120 x 120 cm



A fotografia de Vicente de Mello é de grande peculiaridade com interseções entre literatura, música e cinema. Suas séries são potentes e exploram um universo de formas na qual a luz assume um papel primordial, em imagens que reorganizam poeticamente o real, criando uma visão radicalmente nova, conceituadas na idéia da influência do conhecimento, ao combinar as heranças das vanguardas dos anos 30 e 50, com uma fotografia como meio de experimentação.

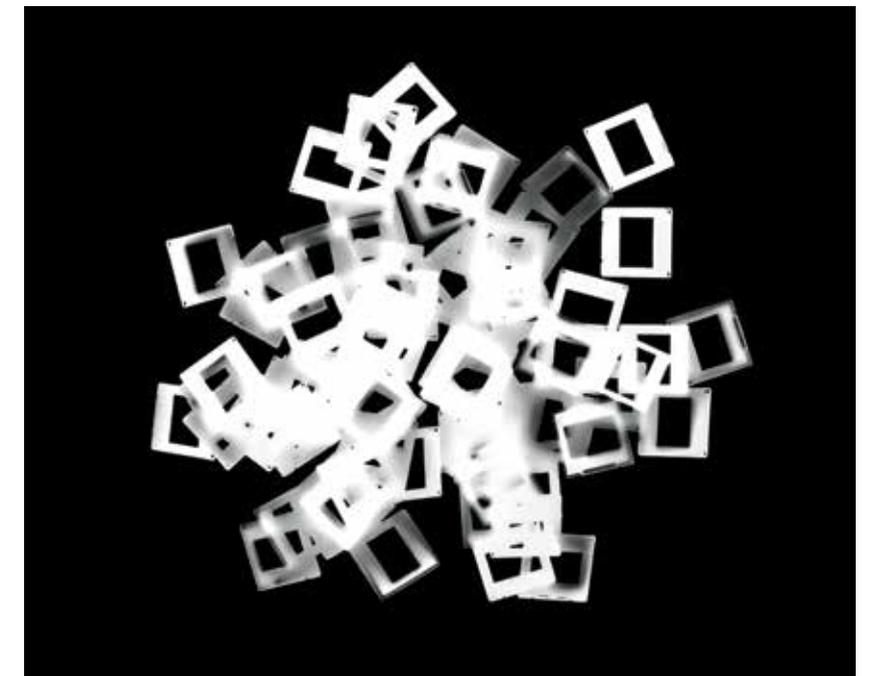
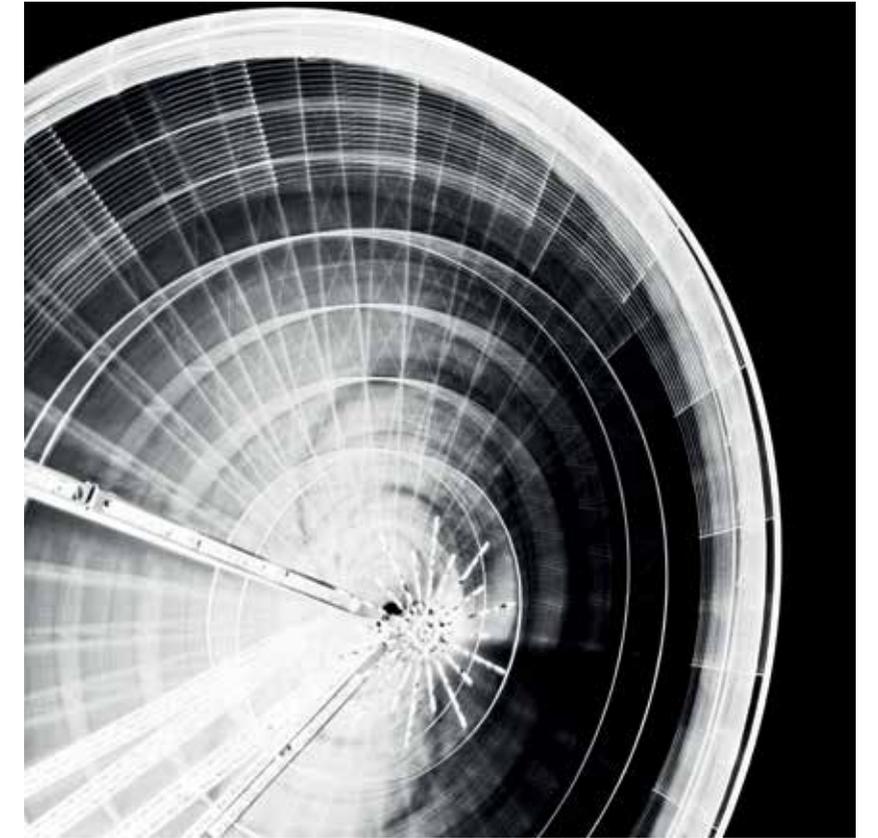
Vicente de Mello's photography is very idiosyncratic, with intersections between literature, music and cinema. His series are powerful and explore a universe of forms in which light assumes a primordial role, in images that poetically reorganise the real, creating a radically new vision, conceptualised in the idea of the influence of knowledge, in its effort to combine the inheritance of the avant-gardes of the 30s and 50s with a photography as a means of experimentation.

O Equinox de Saturno, da série Galáctica, 2012, fotografia, 100 x 100 cm

Saturn's Equinox, from the series *Galactic*, 2012, photograph, 100 x 100 cm

Carbono 14, teste II, 2016, fotograma, 50 x 60 cm

Carbon 14, test II, 2016, single-frame, 50 x 50 cm



SÃO PAULO, BRAZIL, 1967 | LIVES AND WORKS IN RIO DE JANEIRO, BRAZIL
GALERIA EDUARDO FERNANDES, SÃO PAULO, BRAZIL
PIPA PRIZE 2017 NOMINEE

VIJAI PATCHINEELAM

NITERÓI, RJ, 1983 | VIVE E TRABALHA EM SÃO PAULO, SP
 GALERIA CAVALO, RIO DE JANEIRO, RJ
 INDICADO AO PRÊMIO PIPA 2015 E 2017

NITERÓI, BRAZIL, 1983 | LIVES AND WORKS IN SÃO PAULO, BRAZIL
 GALERIA CAVALO, RIO DE JANEIRO, BRAZIL
 PIPA PRIZE 2015 AND 2017 NOMINEE



Em 2017, realizei a exposição “od danas do sjutra”. Tendo como base dois textos em diferentes formatos – “arrependimento barato não muda de direção” e “o narrador parado” – , eles ocuparam a Galeria Cavallo, ora espelhando-se entre si, ora juntos, como um texto só. Dois dos trabalhos foram realizados em 2015, quando fui indicado ao Prêmio PIPA. Naquela época, enviei o texto “o narrador parado” no formato de fotonovela, que ocupou dentro do site do PIPA a seção de portfólio do artista. Para o catálogo do PIPA, os dois textos foram editados como uma segunda versão da fotonovela, que foi então impressa na página dedicada ao artista. Em 2017, fui indicado novamente ao Prêmio PIPA, e agora as fotos da exposição “od danas do sjutra”, apresentavam tanto o catálogo do PIPA de 2015 aberto na página do artista, quanto um slideshow do portfólio do artista no site do PIPA. O texto que o leitor acaba de ler ocupa o catálogo e o site na versão de 2017 do Prêmio PIPA.

In 2017, I had the solo exhibition “od danas do sjutra”. Based on two texts – “the stagnated narrator” and “cheap repentance does not change direction” – both texts inhabited the gallery space in different formats, at times mirroring each other, at times coming together as one. Two of the works were created in 2015, when I was nominated for PIPA Prize for the first time. Back then, I sent the text “the stagnated narrator” in the form of a photo-novel that was inserted in PIPA’s website in the artist portfolio page. For PIPA’s catalogue, I edited both texts into another version of the photo-novel, which was printed in my artist’s page. I was a PIPA Prize nominee once again in 2017, and now the photos of the exhibition “od danas do sjutra” showcased the PIPA 2015 catalogue, opened on the artist’s page, as well as a slideshow of the artist’s portfolio on PIPA’s website. The text the reader has just read, occupies the catalogue and the website of the PIPA Prize 2017 edition.



O narrador parado, 2015, fotonovela, catálogo Premio PIPA, pp. 158-159
The stagnated narrator, 2015, photo-novel, PIPA Prize catalogue, pages 158-159
O narrador parado, 2015, fotonovela, site Premio PIPA, página do artista
The stagnated narrator, 2015, photo-novel, PIPA Prize website, artist page



od danas do sjutra, 2017, Galeria Cavallo, Rio de Janeiro
od danas do sjutra, 2017, Cavallo Gallery, Rio de Janeiro
O narrador parado, 2015, fotonovela, site Premio PIPA, página do artista
The stagnated narrator, 2015, photo-novel, PIPA Prize website, artist page





Mestranda em Comunicação na Universidade Federal do Ceará com a pesquisa “Para além da saída da fábrica: imagens do trabalho em Harun Farocki”. Formada no curso de Realização em Audiovisual da Vila das Artes. Realizou “A saída da Fábrica Cione”, premiado no 67º Salão de Abril de Fortaleza e no 8º Arte Pará, o curta metragem “Miragem” (2014), premiado no 25º Cine Ceará, e “Azimute 263º” (2014), site specific que compôs a exposição MATERIALIDADES / ATIVAÇÕES / DESLOCAMENTOS.

Master’s Degree in Communication from the Federal University of Ceará with the research “Beyond the exit of the factory: images of work in Harun Farocki”. Graduated in Audiovisual Production at the Vila das Artes. Created “The exit of the Cione Factory”, awarded at the 67º Salão de Abril de Fortaleza and at the 8º Art Pará; the short-film “Mirage”(2014), awarded at the 25º Cine Ceará and “Azimute 263º” (2014), site-specific work and part of the exhibition MATERIALITY / ACTIVATIONS/ DISPLACEMENTS.



Miragem, vídeo, 10’, cor, 2014, Fortaleza, curta metragem realizado a partir de imagens em diapositivo (slides) adquiridas pela artista em uma feira no Rio de Janeiro

Mirage, video, 10’, colour, 2014, Fortaleza, short-film executed from slide images acquired in a market in Rio de Janeiro



A saída da Fábrica Cione, videoinstalação, 7’36”, cor, 2016, Fortaleza

The exit of the Cione Factory, video installation, 7’36”, colour, 2016, Fortaleza.

Paisagens do trabalho, vídeo, 1’19”, cor, 2015, Fortaleza, série de microcurtas que investiga o universo imagético dos mundos do trabalho em Fortaleza

Landscapes of work, video, 1’19”, colour, 2015, Fortaleza. Series of short-films which investigate the imagery universe of the world of labour in Fortaleza

PIPA PRIZE 2016

EXHIBITION

MUSEU DE ARTE MODERNA
DO RIO DE JANEIRO

SEPTEMBER 3rd - NOVEMBER 13th

FINALISTS

CLARA IANNI
GUSTAVO SPERIDIÃO
LUIZA BALDAN
PAULO NAZARETH

AWARD JURY

GILBERTO CHATEAUBRIAND
Collector, diplomat and entrepreneur

LUIZ CAMILLO OSORIO
Critic, curator and professor

FERNANDO COCCHIARALE
Artist, critic, curator and professor

JÚLIA REBOUÇAS
Curator, researcher and critic

MARISA FLÓRIDO
Ph.D. in Visual Arts and curator

MILTON MACHADO
Artist, critic and professor

WINNERS

PIPA
PAULO NAZARETH
*Elected by the Award Jury 2016
based on the artist's portfolio,
the exhibition at MAM Rio and
on the relevance of the award
and the international residency
programme for the winner's career*

PIPA POPULAR VOTE
EXHIBITION
PAULO NAZARETH
*243 votes out of 798 during
the exhibition*

PIPA ONLINE
Open to all 2016 participating artists

JAIDER ESBELL
*Most voted artist on the internet
receiving 3.789 votes on the 2nd round*

ARISSANA PATAXÓ
*Second most voted artist on the internet
receiving 3.686 votes on the 2nd round*

PRÊMIO PIPA 2016

EXPOSIÇÃO

MUSEU DE ARTE MODERNA
DO RIO DE JANEIRO

3 SETEMBRO - 13 NOVEMBRO

FINALISTAS

CLARA IANNI
GUSTAVO SPERIDIÃO
LUIZA BALDAN
PAULO NAZARETH

JÚRI DE PREMIAÇÃO

GILBERTO CHATEAUBRIAND
Colecionador, diplomata e empresário

LUIZ CAMILLO OSORIO
Crítico, curador e professor

FERNANDO COCCHIARALE
Artista, crítico, curador e professor

JÚLIA REBOUÇAS
Curadora, pesquisadora e crítica

MARISA FLÓRIDO
Doutora em Artes Visuais e curadora

MILTON MACHADO
Artista, crítico e professor

VENCEDORES

PIPA
PAULO NAZARETH
*Escolhido pelo Júri de Premiação 2016
tendo como critério: o portfólio do
artista, a exposição no MAM Rio
e a importância do prêmio e da
residência artística internacional
para a carreira do vencedor*

PIPA VOTO POPULAR EXPOSIÇÃO
PAULO NAZARETH
243 votos de um total de 798

VOTAÇÃO ONLINE
*Aberto a todos artistas participantes de
2016*

PIPA ONLINE
JAIDER ESBELL
*Artista mais votado na internet,
com 3.789 votos no 2º turno*

ARISSANA PATAXÓ
*Segunda artista mais votada na internet,
com 3.686 votos no 2º turno*



AVANÇANDO O SOL DA MANHÃ, PELA NOITE VANDALIZADA ESCURIDÃO SE APENSA
 MANUSCRITOS NÃO ARDEM
 - NO SIEMPRE LAS SITUACIONES REVOLUCIONARIAS -
 POUCO CONCRETO
 A RASCA REBOTANDO
 SEB REBOUCARIO E EXATAMENTE
 ILUMINAR A CURSA VOLTA APONTANDO
 SOER GUENDO CORACOES ADAPTOS
 DISTRIBUINDO E TERANÇAS
 E ARREDITANDO APESAR DE TUDO
 NUNCA MAS SILUAS
 VOLTAR AQUI
 ELES SE PREPARARAM
 PARA UM LARGO PERIODO
 DE GRANDE INSTABILIDADE
 COM CONVULSOES E EXPLOSÕES SOCIAIS
 REVOLUCOES E GUERRAS

OS VOU ESCREVER MAIS
 NÃO É MELHOR
 UM RISCO - NÃO
 ACEITAR NADA
 CONTINUE
 SEMPRE CLARIA UM POUCO
 PALAVRAS
 INCOMODAM
 SEUS OLVIDOS
 SEME OGRAR
 ATINGI O CORAÇAO
 ENTA EU ME CALO

QUAIS OS CONTINGENTES QUE PERMANECEM DISCIPLINADOS E QUAIS OS QUE SE ENTREGAM A DESORDENS?
 TODOS.

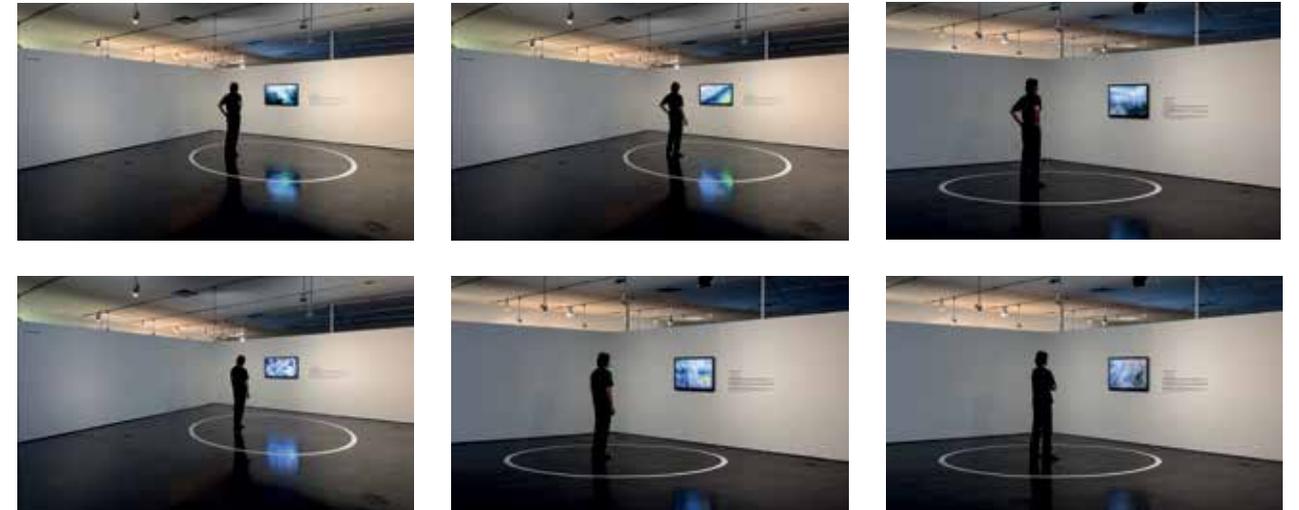
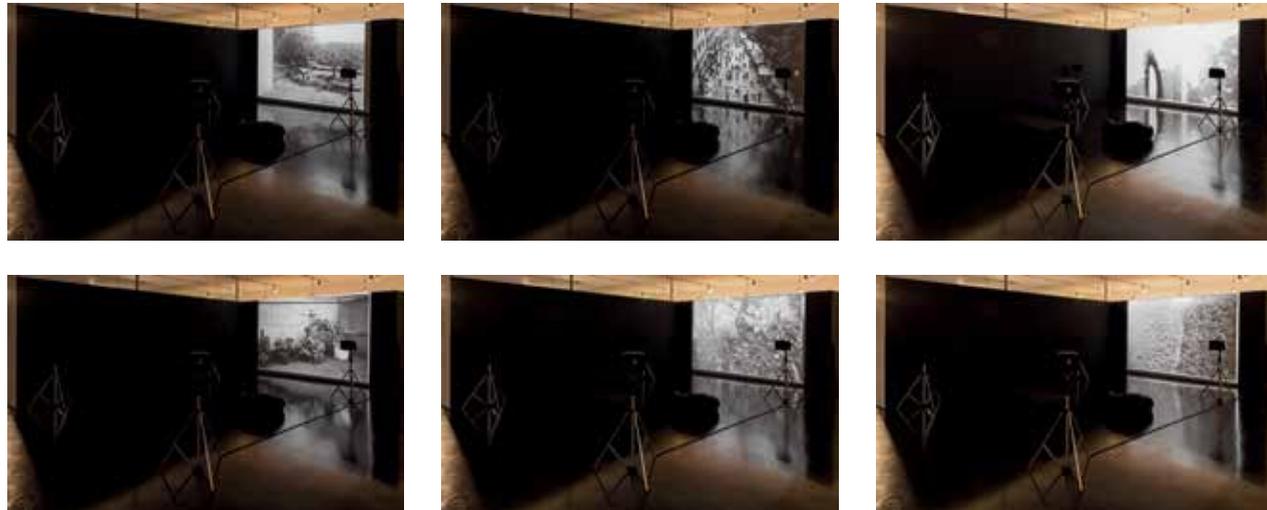
ENTRE A HORA E A ERA.

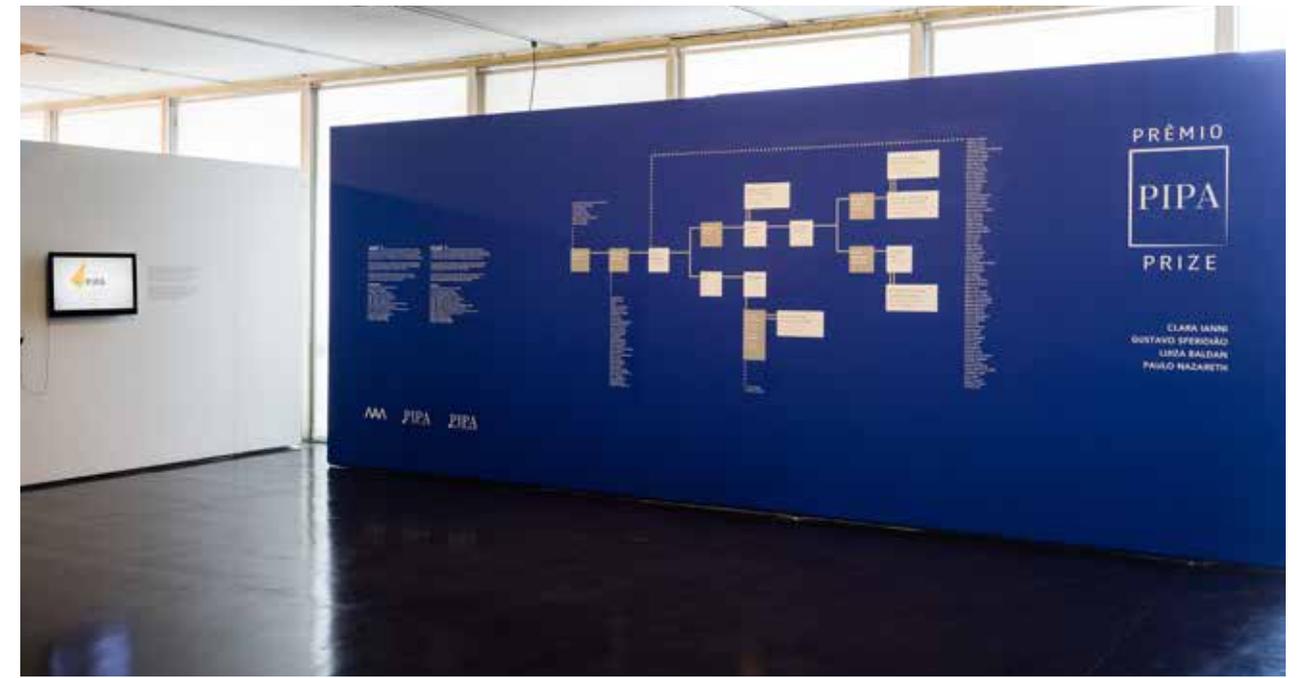
FORA

TU, TULIPAS,
 NÓS, FOGUETES.

QUAIS SÃO AS POLÍTICAS UTILIZADAS PELA BURGUESIA PARA DIVIDIR A CLASSE?









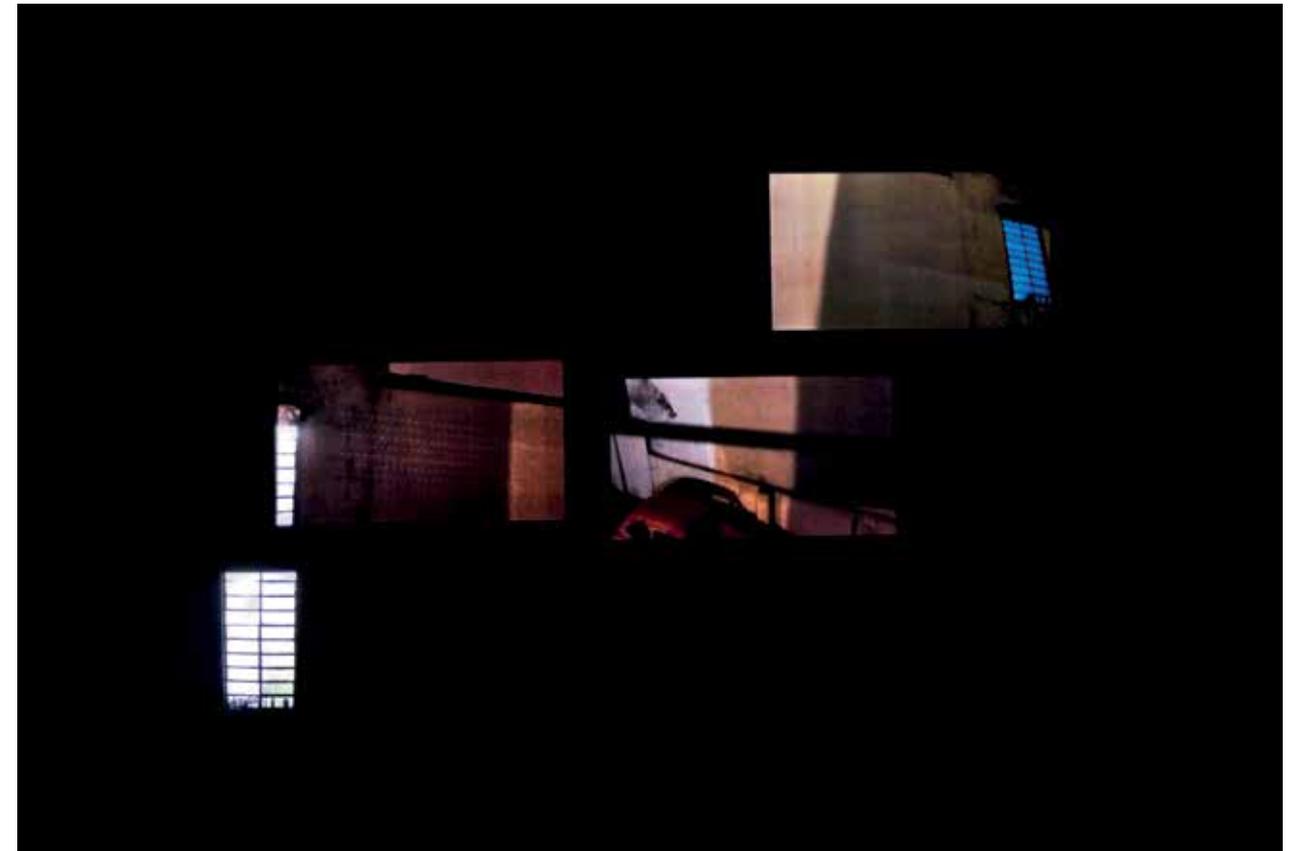
GUSTAVO SPERIDIÃO

Finalista Prêmio PIPA 2016

PIPA Prize 2016 Finalist

Amanhã manifestação, 2014, acrílica e verniz sobre tela, 210 x 444 cm, Coleção MAM Rio, doação do artista e Prêmio PIPA 2016

Rally Tomorrow, 2014, acrylic and varnish on canvas, 210 x 4444 cm, MAM Rio Collection, gift of the artist and PIPA Prize 2016



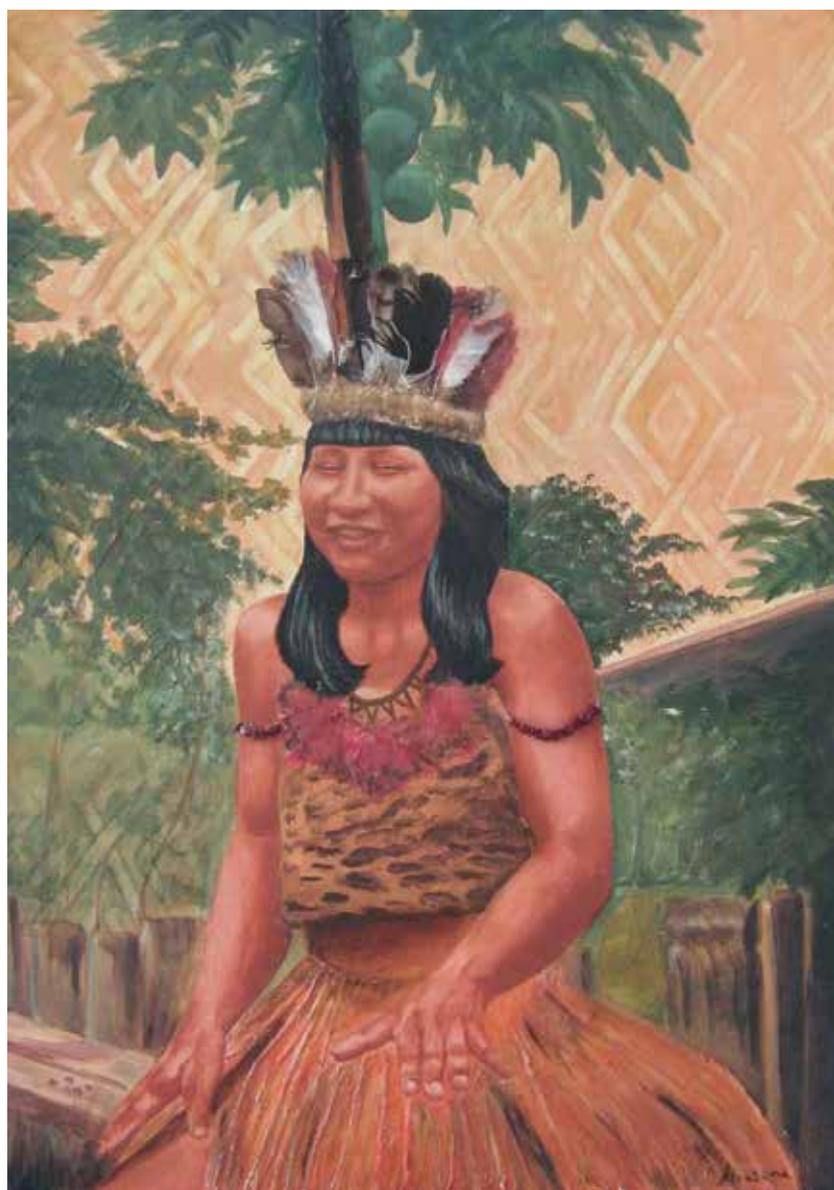
LUIZA BALDAN

Finalista Prêmio PIPA 2016

PIPA Prize 2016 Finalist

Petricor, 2011, vídeoinstalação, vídeo, 4'56", Coleção MAM Rio, doação do artista e Prêmio PIPA 2016

Petricor, 2011, videoinstallation, video, 4'56", MAM Rio Collection, gift of the artist and PIPA Prize 2016



ARISSANA PATAXÓ
Segunda colocada PIPA Online Popular 2016
PIPA Online 2016 Second Place

Meruka, 2007, técnica mista sobre tela, 70 x 50 cm, Coleção Instituto PIPA, doação do artista
Meruka, 2007, mixed technique on canvas, 70 x 50 cm, PIPA Institute Collection, gift of the artist



JAIDER ESBELL
Vencedor PIPA Online 2016
PIPA Online 2016 winner

A dimensão humana, 2013, acrílica sobre tela, 100 x 150 cm, Coleção Instituto PIPA, doação do artista
The Measure of Man, 2013, acrylic on canvas, 100 x 150 cm, PIPA Institute Collection, gift of the artist



PAULO NAZARETH
Vencedor PIPA 2016 e
PIPA Voto Popular Exposição 2016
PIPA Prize 2016 winner and
PIPA Popular Vote Exhibition winner 2016

Produtos de Genocídio, 2015/2016, serigrafia sobre papel, 42 x 29,7 cm (cada), Coleção Instituto PIPA, doação do artista
Products of Genocide, 2015/2016, screen printing on paper, 42x29,7 cm, PIPA Institute Collection, gift of the artist

Sem título, série Notícias de América, 2011, impressão fotográfica sobre papel algodão, 67,5 x 90 cm (cada), Coleção Instituto PIPA, doação do artista
Untitled, from the series News from the Americas, 2011, photographic print on cotton paper, 67,5 x 90 cm (each), PIPA Institute Collection, gift of the artist



MUSEU DE ARTE MODERNA RIO DE JANEIRO

Av Infante Dom Henrique 85
Parque do Flamengo
Rio de Janeiro RJ Brasil
mamrio.org.br
facebook/museudeartemoderna-
doriodejaneiro
facebook/euvoceceomam
twitter/mam_rio
instagram/mam.rio
youtube/mamriodejaneiro

Mantenedores *Sponsors*

Rede D'Or São Luiz
Petrobras
Organização Techint

Parceiros *Partners*

Bolsa de Arte
PIPA Global Investments
Salta Elevadores

Apoio de Mídia *Media Support*

JB FM
MetrôRio Instituto Invepar
Revista Piauí

Lei de Incentivo à Cultura
Ministério da Cultura

Presidente *President*

Carlos Alberto Gouvêa Chateaubriand

Vice-Presidente *Vice President*

João Maurício de Araujo Pinho Filho

Diretor *Director*

Luiz Schymura

Conselheiros *Counselors*

Armando Strozenberg
Carlos Alberto Gouvêa Chateaubriand
Elisabete Carneiro Floris
Gilberto Chateaubriand *Presidente President*
Gustavo Martins de Almeida
Heitor Reis
Helio Portocarrero
Henrique Luz
João Maurício de Araujo Pinho *Vice-Presidente Vice President*
João Maurício de Araujo Pinho Filho
Joaquim Paiva
José Olympio Pereira
Kátia Mindlin Leite Barbosa
Luis Antonio de Almeida Braga
Luiz Carlos Barreto
Luiz Roberto de Souza Sampaio
Luiz Schymura
Nelson Eizirik
Paulo Albert Weyland Vieira
Paulo Roberto Ribeiro Pinto

Artes Visuais *Visual Arts*

Fernando Cocchiarale *Curador Curator*

Cinemateca *Film Archive*

Ricardo Cota *Curador Curator*

Pesquisa e Documentação *Research and Documentation*

Elizabeth Catoia Varela *Curador Curator*

Design

Tulio Mariante *Curador Curator*

Educação e Arte *Education and Art*

Luiz Pizarro *Curador Curator*

INSTITUTO PIPA

Conselho *Board*

Roberto Vinhaes
Lucrecia Vinhaes
Luiz Motta

Curador *Curator*

Luiz Camillo Osorio

Coordenação *Executiva*

Executive Coordination
Lucrecia Vinhaes
Maria Espirito Santo

Assistente de Coordenação

Coordination Assistant
Clara Balbi

Estagiária *Trainee*

Thaysa Paulo

Colaboradores *Collaborators*

Adam Baynes
Ana Carolina Maia
Isabella Andrade
Natália Mansur

Organização *Organised by*

PIPA Global Investments
Museu de Arte Moderna do Rio de
Janeiro

Realização *Production*

Instituto PIPA

Website

Luiz Motta

Vídeos *Videos*

Do Rio Filmes

Design Logotipo *Logo Design*

Roberta Vinhaes

Administração *Management*

Camila Góes
Eleina Coutinho

Assistente de Produção

Production Assistant
Marival Fontes dos Santos

CATÁLOGO CATALOGUE

Design Gráfico *Graphic Design*

Carla Marins
Mariana Boghossian

Revisão *Proofreading*

Clara Balbi
Lucrécia Vinhaes
Maria Espirito Santo

Tradução *Translation*

Adam Baynes
Ana Balbi
Isabella Andrade
Maria Espirito Santo

Fotografias da exposição 2016

Photos from the exhibition 2016
Marco Rodrigues

Fotografias da exposição 2017

Photos from the exhibition 2017
Jaime Acioli

EXPOSIÇÃO EXHIBITION

Curadoria *Curatorship*

Fernando Cocchiarale
Fernanda Lopes
Luiz Camillo Osorio

Produção *Production*

Hugo Bianco
Juliana dos Santos Silva
Lucia Meneghini

Museologia *Museology*

Cátia Louredo
Cláudia Calaça
Fátima Noronha
Veronica Cavalcante

Design

Carla Marins
Mariana Boghossian
Rafael Rodrigues

Fotografia *Photography*

Jayne Accioli
Clara Balbi

Foi utilizado o papel couché matte 115g/m² no miolo e o cartão triplex 350g/m² na capa. Composto com os tipos Minion e Avenir. Tiragem de 2.300 exemplares.

Printed on matte coated paper 115g/m² in the body and the triplex card 350g/m² on the cover. Minion and Avenir typefaces. Edition of 2,300 copies.

Aleta Valente
Alexandre Canonico
Ana Luisa Santos
Ana Mazzei
Ana Prata
Ana Vaz
Andre Ricardo
Anton Steenbock
Antônio Obá
Arjan Martins
Arthur Chaves
Bárbara Wagner
Bruno Caçado
Carla Guagliardi
Celina Portella
Christus Nobrega
Dalton Paula
Daniel Jablonski
(Warley) Desali
Eder Oliveira
Eleonora Fabião
Fabrício Lopez
Felipe Meres
Francisco Magalhaes
Gustavo von Ha
Guy Veloso
Ivan Grilo
Jorge Luiz Fonseca
Jorge Menna Barreto
Karina Zen
Luísa Nobrega
Lyz Parayzo
Mara De Carli
Maria Laet
Marina Camargo
Mario Bands
Michelle Mattiuzzi
Orlando da Rosa Farya
Paloma Bosque
Paul Setúbal
Pedro França
Raíssa de Góes
Regina Parra
Renato Pera
Ricardo Cãstro
Rodrigo Garcia Dutra
Romy Pocztaruk
Rubiane Maia
Sofia Borges
Tiago Carneiro Da Cunha
Tony Camargo
Túlio Pinto
Ulysses Bôscolo de Paula
Vicente de Mello
Vijai Patchineelam
Virginia Pinho

AAA

PIPA
INSTITUTO

PIPA
GLOBAL INVESTMENTS